

"O conjunto de estudos que integra este volume visa observar e captar as representações literárias do Funchal, quer ao longo da sua história, quer à luz de problemáticas socioculturais actuais, dando particular atenção às diferenças dos registos textuais (narrativa, crónica, relato de viagem e poesia). Neles se elevam as coordenadas de uma poética de representação que permitirá entender a lógica de um fazer discursivo criador e transformador."

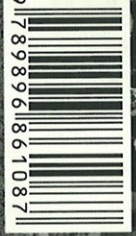
Funchal (a)Escrito

Funchal (a)Escrito

Ensaio sobre representações literárias da Cidade

Ana Isabel Moniz
Ana Margarida Falcão
Leonor Martins Coelho
Thierry Proença dos Santos

82.09
FUN



"O Funchal na Narrativa Literária e na Ceféica",

por Ana Isabel Moniz e Thierry Proença dos Santos

"O Funchal na Poesia Insular do Séc. XV ao Séc. XX",

por Ana Margarida Falcão

"O Funchal na Literatura de Viagens (em textos de italianos, franceses e de um castelhanos)",

por Ana Isabel Moniz e Thierry Proença dos Santos



Funchal (d)Escrito

Ensaio sobre representações literárias da Cidade

FVN

08732

Funchal (d)Escrito

Ensaïos sobre representações literárias da Cidade

UNIVERSIDADE DA MADEIRA
SECTOR DE DOCUMENTAÇÃO
E ARQUIVO

Ana Isabel Moniz
Ana Margarida Falcão
Leonor Martins Coelho
Thierry Proença dos Santos

FUNCHAL (D)ESCRITO

Ensaïos sobre representações literárias da Cidade

Ana Isabel Moniz
Ana Margarida Falcão
Leonor Martins Coelho
Thierry Proença dos Santos

Design de Helena Nunes
Fotografias da capa de Rui Carnacho

© 7 Dias 6 Noites - Editores Unipessoal, Lda.
Rua Fonte dos Arrendidos, n.º 223 - Matãmade
4430-099 Vila Nova de Gaia

Tel: 227 457 297/8

Fax: 227 457 299

E-mail: info@7dias6noites.com
www.7dias6noites.com

Impressão: Grafamares, Lda.
1.ª Edição: Junho de 2011
Depósito Legal: 328544/11
ISBN: 978-989-686-108-7
Código de Barras: 9789896861087

OFERTA	DE:
	<i>autas</i>
	<i>Junho/2011</i>



O imaginário de uma cidade como o Funchal ou de uma ilha como a Madeira, que tem a ver com a respectiva identidade, constrói-se muito naturalmente a partir do colectivo. Mas esta terá de ter em conta a soma dos sentimentos, vivências, mesmo “fantasmas” individuais, e, por outro lado, também a profundidade e espessura históricas. E é este imaginário colectivo que vai marcando de modo imperceptível, pelo menos de forma consciente, a própria população da cidade. No entanto, julgo que serão os escritores e os artistas quem, com a sua captação pela sensibilidade, mas sempre posteriormente organizada, quer nas suas mais lógicas, exposições, quer nas suas manifestações lírico-poéticas ou plásticas, mais profundamente surpreenderá o todo-aura do espaço físico e social.

João David Pinto-Correia

INTRODUÇÃO

O conjunto de estudos¹ que integra este volume visa observar e captar as representações literárias do Funchal, quer ao longo da sua história, quer à luz de problemáticas socioculturais da atualidade, dando particular atenção às diferenças dos registos textuais (narrativa, crónica, relato de viagem e poesia). Nelas se releem as coordenadas de uma poética de representação que permitirá entender a lógica de um fazer discursivo criador e transformador.

A Cidade, apreendida e projetada nestas escritas, configurar-se-á, pois, a partir de diferentes géneros, modelos e estilos, consoante a perspectiva do sujeito que a vê, a sente e a diz. O cenário urbano nasce, efetivamente, de uma necessidade histórica que congrega distintas experiências de vida, de imaginação, de emoções e de recetivos que acompanham o povoamento, o crescer e o desenvolver desta cidade portuguesa litorânea ao longo de cinco séculos. Seja qual for a sua conformação, o Funchal, cidade insular, apresenta-se, simultaneamente, como o retrato de várias épocas, um espaço a partir do qual é possível exercitar a memória das suas origens e a observação do seu desenvolvimento, estabelecendo uma rede discursiva que se molda a partir de

¹Os textos “O Funchal na narrativa literária e na crónica” e “O Funchal na literatura de viagens (em textos de italianos, franceses e de um castelhano)”, de Ana Isabel Moniz e Thierry Proença dos Santos, bem como “O Funchal na poesia insular do séc. XV ao séc. XX”, de Ana Margarida Falcão, foram elaborados em 2007-2008, no âmbito do projecto que visava realizar uma monografia colectiva dedicada à “História do Funchal”. Por motivos alheios à participação destes colaboradores, a iniciativa editorial não viu a luz do dia.

múltiplos diálogos, num coro de vozes por vezes dispersas mas, com frequência, harmoniosamente articuladas. A transposição deste mosaico para a produção literária origina um corpus de textos nos quais pode ser encontrada a referida diversidade de manifestações desse espaço social, numa confluência de vozes e de olhares que o pintam e o traduzem ou que nele querem intervir. O imaginário geográfico de cada autor mantém, portanto, uma inevitável ligação com cenários reais que se apresentam desdobrados na diversidade das obras literárias, já que a paisagem se impõe como um modo consciente de interrogar o tempo e o espaço, o homem, o seu meio e as suas identidades culturais.

Poder-se-ia, assim, considerar o Finchal como um objecto poligénico ideal, decorrente de uma obra colectiva com as marcas da História e da evolução da comunidade que o foi moldando através das múltiplas visões que hoje podemos contemplar, plasmadas em obras diversas, vindas de um outro lado do tempo. Os textos citados poderão ser vistos como manifestações emanadas da paisagem finchalense ao longo da sua existência, deixando claro que esta se realiza no desenvolvimento e/ou na revelação de um espaço mental; essas manifestações, lugares privilegiados da experiência criadora e da obra realizada, não constituem nem constroem a paisagem como um simples cenário ou como único ponto de ancoragem num dado espaço-tempo, mas antes como cais de partidas e de chegadas, como o lugar e o meio da transmissão de uma realidade vivencial num artefacto literário, logo, portador de uma muito sua e específica poética (Virgos 1991: 101). Deste modo, a paisagem realizada como um портрaит-робот — mas, pela pluralidade autoral das suas escritas, capaz de constantes mutações — representa e apresenta ao leitor os olhares, sensibilidades e pensamentos colhidos num determinado momento por um escritor ou por vários escritores.

As obras dos autores convocados (como as de tantos outros que o tamanho desta publicação não permitiu abordar) contribuem não só para a cristalização da Memória e da História dos lugares da Cidade, como também para a construção de um imaginário insular que se espraia das descobertas à

contemporaneidade, “não [...] apenas [como] numa forma de relação com a cultura”, mas “form[ando]-se numa forma de constituir cultura, através das suas conexões com os vários modelos estéticos e artísticos” (Buesca 2001: 111).

Deste modo, esta compilação pretende dar conta do singular poder que o Finchal exerce sobre a visão, os sentidos, o estado de espírito, a memória e as experiências particulares dos autores e dos seus possíveis leitores, percorrendo os diferentes géneros literários convocados e as múltiplas cartografias virtuais desta Cidade atlântica vista e (d)escrita mas, todavia, sempre por completar e, assim, por reinventar.

Os Autores

O FUNCHAL NA NARRATIVA LITERÁRIA E NA CRÓNICA

Ana Isabel Moniz

Thierry Proença dos Santos

A temática da Cidade ocupa um lugar central na literatura e cultura ocidentais desde os primórdios da civilização até aos nossos dias. Seja como *décor* urbano ou como personagem, utopia ou espaço de transgressão, as múltiplas configurações que a Cidade adquire dão a ver o espaço envolvente como forma de auto-identificação e de auto-definição da sociedade que a constrói. Uma perspectiva que vai ao encontro de Kevin Lynch quando afirma que a imagem pública de qualquer cidade decorre da sobreposição de imagens de um número significativo de indivíduos (Lynch 2008: 51).

Apreendido de diferentes formas, consoante a perspectiva do sujeito que o sente, o cenário urbano nasce de uma necessidade histórica que congrega experiências de vida, de imaginação, de emotividade e de crítica. Seja qual for o seu urbanismo, a Cidade apresenta-se como o reflexo de uma ou de várias épocas, um espaço a partir do qual é possível exercitar a memória, estabelecendo uma rede discursiva entre o escritor e os leitores envolvidos na interpretação do lugar. Significa que podem ser encontradas na “tela” literária diversas manifestações da urbe resultantes da forma como os escritores a vêem e a pensam, numa confluência de vozes e de olhares que a traduzem. Na perspectiva de Aguiar e Silva, os textos literários constituem instrumentos privilegiados de transmissão de conhecimentos sobre o homem, a sociedade

e o mundo. Ao criar o texto, o escritor não só transfigura o real como reinventa e instaura o próprio real (Silva 1984: 333-334). À semelhança de outras artes, a literatura apropria-se dos espaços do mundo empírico, representando-os de acordo com o imaginário geográfico de cada autor. Submetido a um tempo e a um espaço particulares, este imaginário mantém uma inevitável ligação com paisagens reais desdobradas no texto, através de múltiplas formas, com as quais se poderá identificar: “O Funchal na Narrativa Literária e na Crónica” procurará, assim, contribuir para dar a ver as diversas imagens da cidade do Funchal ao longo de várias décadas de produção literária, bem como algumas das metáforas e tropos essenciais da sua representação na literatura e cultura locais, retragando imagens mentais que representam o seu quotidiano.

Entre a autenticidade e o estereótipo, como se tem (re) construído literariamente o Funchal na obra de romancistas, de contistas e de cronistas? Que perspetivar da cidade atlântica transmitem os autores de crónicas e de narrativas de ficção — relativamente à sua configuração, à sua história, ao seu povo? O espaço urbano desempenhará uma função neutra ou, pelo contrário, entreterá uma relação indissociável com o discurso ou com a intriga?

Seja qual for a interpretação dos escritores, entre a cidade real e a cidade ficcional existe um único objecto concreto em que a soma de visões de que cada autor dá conta na sua produção irá desdobrar-se numa multiplicidade de perspetivas, projectando uma imagem caleidoscópica do Funchal. A geografia literária da Cidade emerge, assim, nas palavras, nos tempos e nos lugares, sendo a sua essência, nas diversas configurações que assume, aquilo que se procurará (re)encontrar ao longo deste texto.

I. Cartografia literária do Funchal: entre o real e o imaginário

1. Da História à Ficção

O Funchal tem sido cenário de várias narrativas de contornos históricos. Neste sentido, as obras convocadas ao longo deste estudo conferem um realce particular à “Cidade” como eixo principal do espaço diagético, com evidentes motivações nos referentes reais do passado. Certos textos cruzam ficção com reconstrução histórica; outros revisitam episódios e protagonistas que ficaram na memória e no imaginário colectivo, peças fundamentais para uma possível construção de uma identidade insular. Outros, ainda, ensaiam um exercício de imaginação para compensar tudo o que a historiografia não registou.

No livro segundo da obra *Santadas da Terra*, Gaspar Frutuoso² (1522-1591) lança as bases do mito fundador daquela que viria a ser a cidade do Funchal. Na estreira de este, o conto de João França (1908-1996) intitulado “Aquele Campo de Funchos”, datado de 1993, vem retomar o fascínio que as origens parecem exercer no imaginário do aprendiz-historiador que há em cada leitor. Nele, o narrador avança uma possível explicação acerca da escolha do local para a capital:

Nesse panorama, semicircular, misto de temor e fascínio, o trecho de maior encorajamento para o desembarque estaria a ser aquele convidativo campo de funchos. [...] E ei-lo [Gonçalo Aires] — o

² Na sua obra *Santadas da Terra*, Gaspar Frutuoso regista: “Termoso valle, [...] sem haver outro genero de arvoredo senão muito funcho [...] E pelo muito funcho que nelle o capitam achou, lhe poz nome o *Funchal*” em *As Santadas da Terra*, Fac-Simile, História das Ilhas do Porto Santo, Madeira, Desertas e Selvagens, manuscrito do século XVI anotado por Álvaro Rodrigues de Azevedo, com Introdução de Alberto Vieira, Funchal, E.M. Funchal 500 Anos, 2007, p. 39.

primeiro dos seres humanos — a pisar o chão da futura cidade do Funchal. [...] E ele [capitão Gonçalves Zarco] olhou aquele campo de funchos. (França 1993: 178-179)

No seguinte excerto da *Epanáfora Amorosa*, datado de 1654, de D. Francisco Manuel de Melo (1608-1666), pode ler-se uma variação deste texto:

[...]Procedendo [João Gonçalves] com sua viagem sempre arimado à terra, descobriu um espaçoso campo despejado do importuno bosque que por qualquer parte se encontrava. Via-se todo coberto de víçosos funchos, medicinal erva [...]. Procediam deste vale do Funchal ao mar, três caudalosas ribeiras, e defronte dele, na boca da praia em que se rematava, se erguiam dous ilhéus que, como guarda-ventos ou biombos de aquele lugar ameno, para seu reparo tinha ali prevenido a natureza. (Melo 1975: 72)

As primeiras crianças da Ilha, os filhos gémeos do casal Gonçalo Aires Ferreira, teriam nascido nesse “convitativo campo de funchos”. A partir de então, ter-se-á feito o povoamento, dando origem à vila do Funchal, que terá recebido o primeiro foral em 1454 ou nos anos seguintes. Nesse tempo, no declinar do século XV, na sequência da divisão da Ilha em duas capitãrias, o Funchal disputava protagonismo com Machico, como ilustra João dos Reis Gomes (1869-1950) no romance histórico *A Filha de Tristão das Damas*, de 1909.³ A urbe, tal como é descrita pelo

³Tristão das Damas é o epíteto por que ficou conhecido Tristão Teixeira, segundo capitão de Machico, varão de Tristão Vaz (1390-1470), primeiro Capitão-Donatário de Machico, pela sua arte de galantear as damas. Há versos da sua autoria no *Cantionário*

autor, reflecte um espaço em franco crescimento devido, em parte, ao desenvolvimento da economia açucareira, uma situação que terá atraído à Madeira comerciantes de várias nacionalidades, nomeadamente, italianos, flamengos, alemães e franceses:

A vila do Funchal desenvolvia-se, aumentava a sua área, a sua riqueza e população, melhorando-se esta justamente pelos cruzamentos feitos com essa gente nova, sadia e laboriosa que de toda a parte aqui chegava. Neste período ainda anormal da vida da Madeira eram quase nulas as exigências para os forasteiros, mais ainda pelas evidentes vantagens tiradas da grande corrente imigratória do que pelas deficiências administrativas e fiscais que eram, a esse tempo, indubitavelmente grandes. (Gomes 1946: 79)

Todavia, na viragem do século XV para o século XVI, o flagelo da peste ensombrará, durante largos anos a vila, entretanto elevada a cidade, em 1508. É nesse contexto que se inscreve o romance *A Ilha e o Tempo*, de João França, datado de 1972. Nessa obra, o autor contempla os costumes da época, a presença de escravos mouros e negros, em contraste com a classe social dominante, descrita em pormenor, as rivalidades e o seu modo de vida. A par da acção, a

de Garcia de Resende, compilado em 1516, e desta actividade literária se depende que havia alguma animação cultural dos ambientes palacianos da corte nas principais Casas madeirenses. Relativamente ao romance de João dos Reis Gomes, Maria Fátima Marinho apresenta, em *O Romance Histórico em Portugal*, o argumento nos seguintes termos: “A intriga é simples: Guiomar, neta de Tristão Vaz Teixeira, enamora-se por um mouro, que viera tentar salvar uma escrava, Zara, feita prisioneira. A escrava, ao perceber que o seu antigo noivo a julga ainda pura, desespera-se e decide deixar o caminho livre para a sua ama, ajudando-a a fugir e provocando a própria morte. Guiomar vai com o mouro para o Norte de África, vindo a descobrir-se, depois de muitas peripécias que, afinal, ele é filho de um cristão. Há a salientar a descrição da vida na ilha nos primeiros anos da sua povoação e os costumes dos mouros e cristãos no Norte de África. A figura de Cristóvão Colombo é também interessante, sublinhando o carácter ambicioso e persistente do navegador” (Marinho 1999: 103).

narrativa encena o Funchal num contexto feudal que luta contra a epidemia num período “deveras dramático, tanto social como religioso”,⁴ que se estenderia de 1521 a 1538. O autor terá partido do famoso episódio de devoção e piedade medieval que fez de São Tiago Menor o patrono da Cidade. Recorde-se que a 8 de Junho de 1521 o capitão do Funchal, Simão Gonçalves da Câmara, reuniu os notáveis para escolher o santo a quem deveriam pedir intercepção. Em 1538, face ao retorno da peste, ter-se-ão reunido os guardas com os vereadores para entregar a protecção dos municípios nas mãos do Santo. Quando regressaram da procissão todos os doentes terão voltado curados, por milagre.⁵

É nesse contexto histórico que evolui a protagonista, a morgadinha Isabel Balda, figura rebelde e heróica, que auxiliará, como enfermeira, a filha do Capitão no Convento de Santa Clara. Grato pela coragem e pelo zelo demonstrados ao tentar salvar-lhe a filha, o capitão recompensá-la-á, concedendo-lhe o privilégio de ser dona de uma granja no Monte e, posteriormente, de construir uma casa térrea. Aquando da sua construção, Isabel Balda terá de lutar contra a Natureza: abrir levadas na rocha de basalto, deitar abaixo drageiros para construir fazendas, plantar a cana-de-açúcar, montar alçapremas e até lutar contra as nuvens de gafanhotos amarelos que o suão africano ciclicamente expulsa para o sul da Ilha, descortinando, deste modo, alguns fenómenos locais. As iniciativas da heroína representarão a vitória das forças vivas que entretanto se fixaram nos pontos altos dos arrabaldes da urbe sobre a baixa conservadora do Funchal.

Com a produção e o comércio de açúcar, a prosperidade da Cidade insular criou fama e correu mundo, despertando a

⁴ Palavras do autor extraídas da entrevista concedida ao *Diário de Notícias*, Madeira, 8-V-1977.

⁵ Este episódio é relembrado no romance *O Último Cair* de Helena Marques, pela personagem Constança, 1993, pp. 41-42.

cobiça de piratas e de corsários, um facto histórico que parece ter sempre acompanhado o desenvolvimento da Ilha. Evoque-se, a este propósito, o célebre episódio do saque da Cidade,⁶ perpetrado em 1566 pelo corsário francês Bertrand de Montluc.⁷ Acerca deste facto histórico, Alberto Artur Sarmiento⁸ (1878-1953) publicará o conto “O Tesouro da Se”, em *Migalhas (Contos e Esboços)*, datado de 1911. Nesta breve narrativa de cunho fantástico, Basílio Mendes, o velho tangedor do órgão oferecido por D. Manuel ao templo, protagoniza a cena em que os corsários se preparam para atacar. Com “harmonias de aterrar”, que rasgam o “silêncio lúgubre, sepulcral”, Basílio Mendes ensaia uma maldição, emergindo junto às teclas transfigurado em cadáver, o que horroriza os corsários, provocando-lhes um enorme susto a ponto de deixarem para trás, e a salvo, o instrumento com os seus tubos de prata.

A Mão de Sangue, de 1874, de João Augusto de Ornelas (1829-1886),⁹ anuncia, logo à partida, através do seu título, o enquadramento na mesma temática de mundos assustadores e sugestivos, onde prevalece o tópico da maldição, do crime e da

⁶ O frugal aproveitamento deste facto histórico pelos escritores fez Viale Montinho afirmar: “E os corsários de Bertrand de Montluc, como é que ainda não deram romance que se visse?” V. José Viale Montinho, “Na Ilha da Madeira” em *Aquém e Além Montes - Textos de Andarilho*, Porto, Editorial Domingos Barreira, 1992, p. 234.

⁷ Na historiografia francesa é mais conhecido sob o nome “capitaine Peyrot de Montluc”. V., a esse respeito, a monografia de Loiret Gabriel, intitulada *Expédition maritime du capitaine Peyrot de Montluc en 1566*, Imprimerie Nationale, 1941. Na verdade, esta expedição tinha também um carácter punitivo: ao tentarem por três vezes os franceses fundar uma colónia, entre 1562 e 1565, no litoral da Flórida, foram consecutiva e cruelmente rechaçados pelo castelhano Pedro Menéndez de Avilés. Como retaliação, os franceses prepararam o ataque a três alvos ibéricos: um deles terá sido a cidade do Funchal.

⁸ Inspirado no mesmo episódio histórico, Alberto Artur Sarmiento publicou, ainda, o conto “O Justo e o Conitro”, em *Redemoinhos de Folhas*, Funchal, Eco do Funchal, 1943.

⁹ V. António C. da Silva, “Introdução histórico-literária à 3ª edição” em *A Mão de Sangue - Romance*, de João Augusto de Ornelas, Funchal, Editorial Calcanhar, 1997, p. 5.

loucura. Aproximando-se do romance negro com fundo histórico, irá preparar o leitor, desde o *incipit*, para um cenário sinistro que terá sido inspirado num caso real:

Estamos a 27 de Novembro de 1668. Acabavam de soar, compassadamente, onze horas da noite na torre da Sé Catedral do Funchal. Eram densas as trevas. O formoso panorama do céu estava coberto de um manto negro. [...] Algumas luçadas de vento, rugindo de espaço a espaço, como que perturbavam o silêncio em que tudo jazia. § As ruas da cidade estavam desertas e em completa escuridão. Numa ou noutra casa transparecia, pelas vidraças das janelas, amortecida luz. (Ornelas 1997: 25)

Próximo de uma possível visão do *locus horrendus* romântico, a paisagem urbana tende a desenvolver motivos característicos desse cenário: a cidade labiríntica e deserta, imersa na noite, os sons inquietantes perturbadores do silêncio e a escuridão física desdobrada numa outra, a escuridão psicológica. Um processo dinâmico e demoníaco de um crime nefando, anunciado à partida pelo título que dá nome à obra: *Mão de Sangue*.

Contemporâneo de Augusto de Ornelas, Guilherme Read Cabral (1821-1897), autor do romance histórico *Ángela de Santa Clara*,¹⁰ de 1895, envereda por uma visão romântica menos

¹⁰No seu trabalho intitulado *O Romance Histórico em Portugal*, M^{re} Fátima Marinho resume a obra nos seguintes termos: “Os clássicos amores de uma portuguesa por um jovem oficial inglês constituem o cerne da intriga. Ao ser erradamente informada da morte do amado, Ângela professa, vindo depois a ser confrontada com o tradicional dilema. Como ama-lo sendo feiça? Opta pela fuga, simulando a morte, e vivendo feliz, no País de Gales, até conseguir a anulação dos votos” (Marinho 1999: 103). O livro fecha com o texto intitulado “A Madeira na actualidade e uma vista retrospectiva, comercial e agrícola” em que se enumera: mares ricos, flora exuberante, formosos jardins, artes de uma pureza admirável, clima salubre, porto animado, os bombotoiros e a mergulhança, risonhos campos, distintas senhoras das letras, como a Viscondessa das Nogueiras e a S.^a

acentuada. Apesar de considerada pelos autores do *Elucidário Madeirense* uma obra com “muitos anacronismos” e “várias inexactidões históricas”, evoca as duas ocupações inglesas (1801 e 1807), quando os “súbditos de sua Majestade” se propunham controlar esta zona do Atlântico perante a ambição de Napoleão. Assente num jogo de diálogos e de correspondência epistolar, esta narrativa “oferece-nos o retrato moral e sentimental de uma freira amorosa de Santa Clara”, em que “a vida da cidade, em volta do mosteiro, é estranha ao conflito” (Gomes 1980). Desenvolve, a par da narrativa de amor e de expressão de sentimentos nobres, uma exposição sobre as curiosidades geográficas e históricas do Arquipélago, referindo, por exemplo, a aluvião de 8 para 9 de Outubro de 1803 que destruiu a Igreja da Conceição de Baixo, vulgo Senhora do Calhau.

Outro facto histórico que terá influenciado a imaginação criativa de vários autores reside na passagem de Napoleão pela Madeira, a caminho do exílio na ilha de Santa Helena, em 1815. Esta circunstância terá sugerido a João dos Reis Gomes o romance *O Anel do Imperador*, publicado em 1934, baseado no facto histórico ocorrido no dia 24 de Julho de 1840, quando, no porto do Funchal, fundearam a fragata *La Belle Poule* e a corveta *Favorite* da marinha de guerra francesa, com “a missão de trasladar oficialmente os restos mortais do Imperador Napoleão I [de Santa Helena] para França”.¹¹ Monteiro Teixeira, cónsul da França no Funchal, oferece então ao príncipe de Joinville, chefe da missão, e à sua comitiva um

D. Carolina Dias, e de raro talento musical, bem como o turismo terapêutico que marcou significativamente a época. Numa retórica própria da época, o Funchal, algo idealizado, é apresentada como uma cidade modelo, preocupada com a higiene e a organização, onde se pode admirar infra-estruturas de bom gosto, mercados com “profusão de tudo”, um teatro elegante, e dialogar com habitantes hospitalares, com educação e moral sã.

¹¹ Adaptado do verbete “Napoleão” em *Elucidário Madeirense*, de Fernando Augusto da Silva e Carlos Azevedo de Menezes, Funchal, 1998, volume segundo, F-N, pp. 423-424.

faustoso baile a que terão assistido personalidades do Funchal. Durante a recepção, a declamação de uma poesia em língua francesa dedicada ao general Bertrand por uma dama funchalense fá-lo-á tirar do seu dedo um precioso anel, uma relíquia que conservava do Imperador, para apresentar a distinta senhora, manifestando, desse modo, o seu agrado pela sentida homenagem que lhe fora prestada.

Na segunda metade do século XIX, a Ilha passa a ser recomendada como estância de cura para doenças pulmonares, desenvolvendo-se, no Funchal, o turismo terapêutico, um facto ilustrado no conto “A Alemã”, de Maximiliano de Azevedo (1850-1911), datado de 1899. Carlos de Áustria, último soberano do império austro-húngaro, morreria de pneumonia no Funchal, em 1922, onde se encontrava exilado. Júlio Dinis,¹² Gomes Leal, António Nobre,¹³ assim como outras figuras da sociedade, onde se inclui Sissi, a Imperatriz de Áustria,¹⁴ também não terão sido alheios a este tipo de turismo em voga na época, nem sempre com resultados satisfatórios. Uma observação que se poderá depreender em Viale Moutinho, quando afirma que “[v]ên] tossindo os pulmões, desenganados pelos físicos que lhes aconselhavam o cimo mútuo da estupenda Atlântida, mal suspeitando que a vida ali se lhes escapava mais depressa”,¹⁵ uma situação que se poderá

¹² V. Nelson Vertissimo, “Júlio Dinis na Madeira”, (plaqueta), Funchal, Secretaria Regional do Turismo e da Cultura / Direcção Regional dos Assuntos Culturais, 1990.

¹³ V. Nelson Vertissimo, “António Nobre e a Madeira” em *Margem* 2, nº 1, Setembro 1995, Funchal, CME, Setembro 1995, pp. 8-10.

¹⁴ Também estanciariam nesse limbo insular a Princesa Maria Amélia (do Brasil) e Maximiliano, futuro imperador do México, por quem ela se terá tomado de afeição (1852), antes de ele se casar com Carlota, filha de Leopoldo 1º da Bélgica. A morte da Princesa, no Funchal, terá determinado a criação do então Hospício que tinha o seu nome, fundado pela mãe, a Imperatriz D. Amélia (1852-1853).

¹⁵ José Viale Moutinho (coord.), “Apresentação” de *Santadas da Ilha – Evokeções Poéticas da Ilha da Madeira*, Porto, Edições ASA, 2003, p. 11.

reencontrar no conto “Rua da Carreira, acaso”, inserido no livro *Pavana para Isabella de França* (Moutinho 2007: 45-52). No referido texto, o narrador relata a vinda ao Funchal da menina Adélia, filha de uma família abastada do Porto, devido a tuberculose, acabando por aí falecer, um cenário que lhe permite estabelecer uma relação com a estrada de Júlio Dinis na Madeira, evocada, oportunamente, nesse conto.¹⁶

Também Agustina Bessa-Luis em *A Corte do Norte*, de 1987, retoma figuras célebres e ambientes do Funchal ao mesmo tempo que propõe trajectos na Madeira romântica cujo ponto nevrálgico é o Funchal, “cidade (...) pequena, adornada de frondosos tis e florida de muitas espécies raras onde [se viam] chegar os brígues da carreira de Londres, que ancoravam ao largo no seu gracioso movimento de velas que se recolhiam ou desfaldavam” (Bessa-Luis 1996: 28). O narrador parece evocar, de forma deliberada, alguns dos mitos locais, fazendo algumas provocações à historiografia da Ilha, num jogo em que se cruza o documento com o texto apócrifo: a Quinta Cossart, mais conhecida como Quinta do Monte, e uma das mais sumptuosas moradias da Madeira, a Miss Phelps e o seu contributo para a origem do bordado madeirense e respectiva expansão comercial, a Quinta do Palheiro Ferreira, o Clube Funchalense ou o Conde de Carvalhal.

É nessa atmosfera que Ricardo Nascimento Jardim (1906-1990), em *Saias de Balão – Na Ilha da Madeira*,¹⁷ faz coincidir, em duas cenas-chave da obra, a estrada do Príncipe D. Luís no Funchal, facto que terá dado azo a um momento alto da mundanidade

¹⁶ A permanência do escritor portuense, que aí terá escrito parte do livro *Os Faz-dagos da Casa Mourisca*, encontra-se assinalada na Madeira, com uma estátua na Rua da Carreira, perto do atelier “Vicentes Photographos”, onde terá residido temporariamente.

¹⁷ Prémio do Concurso Literário de 1945, da Câmara Municipal do Funchal, e publicado no ano seguinte.

funchalense, e ao “levante da pedrada”, motim ocorrido a 8 de Março de 1868. O romance narra as vicissitudes de uma família da elite local, os amores e desamores de Matilde e Clara, filhas de Luís da Cunha, evocando as suas diversões — os namoros furtivos, os concertos, os bailes, o teatro, o *Te Damm* na Sé — e o seu papel no campo político-social da Madeira do séc. XIX, de que é exemplo a sua relação com as famílias Cossart, Hinton e Blandy, referências da colónia inglesa de então. O contexto histórico sublinha os mecanismos da emigração e representa um período de instabilidade que terá atingido o seu auge em 1868. Os partidos políticos na Madeira (fusionistas e populares) entre liberais, defensores da Constituição, e os absolutistas, adeptos de D. Miguel, estarão na origem dessa insegurança, como se poderá ler no seguinte excerto: “Por toda a parte os seus amigos Fusionistas eram vilipendiados pelos Populares que ganhavam terreno. Alguns até haviam já sido agredidos à paulada, de noite, por maltrapilhos nas ruelas da cidade” (Jardim s.d.: 328).

A narrativa combina história com ficção e procura encenar personalidades que distinguiram o Funchal da época, das quais se poderá destacar o governador Câmara Leme, a Condessa das Nogueiras, o Cônego Alfredo César de Oliveira, William Hinton, o Conde de Carvalhal e Jacinto de Sant’Ana e Vasconcelos (futuro Visconde das Nogueiras). Também os espaços diferenciados da Cidade, testemunhos de acontecimentos marcantes da época, servem de contexto à acção. Entre eles, salienta-se o Teatro Esperança, a Praça da Rainha, o Passeio público, a Quinta do Tili, o Palácio de S. Pedro, entre outros. Para além dos lugares, também as entidades ficcionais permitem ilustrar hábitos e costumes, modos de vida de uma época. É o caso de Clara, a protagonista de *Saias de Balão*, que usará na última cena um vestido preto com uma ampla *tournaire* (Jardim s.d.: 391), símbolo da condição feminina

de então. O seu cunhado, Gastão de Lencastre, esbanjador e mundano, não hesitará em descurar as propriedades da família da mulher, dissipando no Funchal, centro da vida madeirense, os rendimentos delas provenientes na política, em festas, em amantes e no jogo. A personalidade histórica que talvez melhor represente este tipo humano terá sido o segundo Conde de Carvalhal, cujas extravagâncias tornaram-se iam famosas, como referem Agustina Bessa-Luís, pela voz do narrador de *A Corte do Norte*,¹⁸ e Ricardo França Jardim (1946), na crónica “Dona Quitéria e seu filho Juvenal”.¹⁹

Se a estrada, em 1901, do Rei D. Carlos no Funchal, o único rei português a visitar a Madeira, mereceu honras militares da Esquadra Submarina de Navegação Terrestre, não terá suscitado, no entanto, a nenhum escritor uma narrativa de ficção. Apenas valeu uma monografia de César Pestana (1904-1985), uma crónica de Ricardo França Jardim, em *Inventário dos Mundos*, de 1995, e outras breves alusões em obras literárias.

O bombardeamento do Funchal por submarinos alemães, em 1916 e em 1917, durante a Primeira Guerra Mundial apresenta-se como outro facto histórico que terá impressionado profundamente as memórias da época. Em *Luísa Marta*, de 1986, de Horácio Bento de Gouveia (1901-1983), encontram-se ecos desse bombardeamento, estigma recorrente no imaginário da população madeirense. Existem referências semelhantes no

¹⁸ A esse respeito, lê-se no romance de Agustina Bessa-Luís: “O famoso conde de Carvalhal de quem Sissi recebera os cumprimentos e o alojamento nos seus domínios das Angústias, morreu arruinado. O jogo evaporara-lhe a alma e a fortuna; mas deixara um nome de original e de castiço, desses que o povo recorda com alguma dose de ironia pungente que é a que acompanha as desilusões dos pobres” em *A Corte do Norte*, Lisboa, Guimarães Editores, 1996, 2ª ed. pp. 24-25.

¹⁹ Ricardo França Jardim em *Trites Ilhas e Outras Conversas...*, Coimbra, Quarteto, 2002, pp. 167-171.

romance epistolar *Maria Luisa – Memórias de Uma Mulher Sem Estado*,²⁰ de 1921, de António Ferreira (?-?), onde se verificam: “as impressões [...] desoladoras” da guerra, durante esse “período afetivo de intranquilidade, penúria e miséria”:

Voltei há dias para o Funchal. [...] As minhas impressões são desoladoras. [...] dentre todas as cidades do mundo, o pobre e abandonado Funchal é uma das grandes vítimas da guerra. Porto do mar, numa ilha bem colocada no Atlântico, [...] o Funchal tinha de se ressentir profundamente neste período afetivo de intranquilidade, penúria e miséria em que a humanidade se contorce e debate. E assim é que, hoje, a Cidade repousa numa sonolência de morte, deixando ver aos poucos transeuntes a erva rasteira que verdeja nos interstícios das calcetarias e desenrolando à nossa vista o lençol de águas desertas do seu porto, outrora coalhado de tantos barcos de larga tonelagem e agora com os topos da canhoneira *Surprise* e doutras mastreações a assinalarem tristemente, ao lume da água, o caso da sua traiçoira submersão. Quem chegou a ver, como um dos meus companheiros, o movimento e o animado bulício doutros tempos, não longínquos, sente bem a saudade que lhe trazem estes dias de solidão e

abandono, ao recordar as tardes em que ia para o cais deliciar-se na contemplação de formosíssimas argentinas e doutros tipos esbeltos de raparigas sadias [...] o mais completo e variado mostruário que a Beleza feminina poderia apresentar no seu carraz mundial. (Ferreira 1921: 153-154)

Em memória das consequências dramáticas da Primeira Guerra Mundial, foi inaugurado a 14 de Agosto de 1927 o monumento em honra de Nossa Senhora da Paz, no Terreiro da Luta, devido, em grande parte, ao esforço do Padre José Marques Jardim para angariar donativos que tornassem possível a realização da referida obra. Um facto que o terá levado a deslocar-se ao estrangeiro e que serviu de inspiração para o entredo de *A Grande Paixão do Padre Abel Cain*,²¹ de 1968, de Carlos Martins (1909-1985).

Contudo, outros acontecimentos relacionados com a vida no Funchal, que não apenas a guerra, encontram-se retratados em obras de alguns escritores que, dessa forma, procuraram perpetuá-los através dos seus textos. Em 1921, a Quinta do Monte receberia a família imperial austríaca, no exílio de Carlos de Habsburgo, último Imperador Austro-húngaro,²² episódio que viria a inspirar a Viale Moutinho o conto “Um último olhar pelos vinháticos”.²³

O romance *Lágrimas Correndo Mundo*, publicado em 1959, de Horácio Bento de Gouveia, enquadra-se no período em que se dá o alargamento da manufatura dos bordados, a partir de 1924, vindo a ter reflexos profundos na economia da Madeira e no aspecto social do trabalho, dado o elevado número de mão-de-

²⁰ Trata de uma relação amorosa narrada sob a forma de um diário e de troca de correspondência, com muitas digressões sobre a cultura clássica, a política portuguesa, a corrente anglofólia vs. a corrente germanofólia no âmbito de uma história das ideias em Portugal, a Poesia, etc. Parte da acção desenrola-se na Madeira, em 1917, meses depois do bombardeamento do Funchal por submarinos alemães. Contém algumas descrições da Madeira e apontamentos sobre usos e costumes das classes privilegiadas: “O S. Miguel entrou enfim na baía do Funchal — teatro recente duma atrocidade submarina. Ao lume da água ainda surgiam os topos dos mastros do *Kangaroo*, do *Dacier* e da *Surprise* que, pouco artes, um ataque imprevisível fizera mergulhar para sempre naquelas profundezas e cujo feito depressa foi galardoado pelo Kaiser com a cruz de ferro para que a chancela da água imperial não deixasse de legalizar mais uma vez perante o mundo os insidiosos processos da guerra moderna” (Ferreira 1921: 132).

²¹ Este romance foi, na época, censurado.

²² Carlos de Habsburgo, último Imperador do Império Austro-húngaro, faleceu na Madeira a 1 de Abril de 1922.

²³ V. José Viale Moutinho, *Panzena para Isabel de França*, com prefácio de Diana Pimentel, Porto, Edições Afrontamento, 2007, pp. 53-61. [1ª ed., 1992]

-obra, apesar da sua precária remuneração. Com a saída dos sírios da Ilha, a indústria de bordados ficaria, na sua quase totalidade, entregue a madeirenses, o que não beneficiaria a classe das bordadeiras. No mesmo romance, é sublinhado um outro facto, a euforia que terá tomado conta da Cidade no ano em que o “Club Sport Marítimo” se sagrou Campeão de Portugal, em 1926, sendo o jogador Baratinhas a referência da equipa (Gouveia 1959: 153-156).

O naufrágio do *Physilia*, em 1926, onde terá perecido o proprietário do barco, o *sportsman* madeirense Humberto dos Passos Freitas, terá sugerido a Carlos de Freitas Martins, amigo do malogrado proprietário, o livro *As Figuras de Prova do “Marro-Wanda”*, datado de 1978, onde parece entrelaçar ficção romanesca com dados biográficos seus — a história de amor e o seu casamento nas Ilhas Selvagens —, com cenas da vida de Humberto Freitas — a construção do iate e o seu final trágico.

A Revolta da Farinha, culminando na Revolta da Madeira (1931), sugeriu a Ferreira de Castro (1898-1974) o romance *Eternidade*, de 1933, e a Viale Moutinho o conto “A Princesa Encantada”,²⁴ onde se pode observar que os dias de insurreição e de motins populares ocorridos na Ilha ainda fazem parte do imaginário de escritores ligados à Madeira.

Os cenários e ambientes que o Funchal oferecia durante a Segunda Guerra Mundial poderão ser observados a partir dos romances *Madeira — Mar de Nuvens*, 1945 (em particular, o capítulo XXX), de Carlos Martins, e *Despedez Uivante*, 1983, de Marmelo e Silva (1911-1991), bem como nos contos “Distância”, de Maria Franco (1908-1975),²⁵ e “Diário

²⁴ V. José Viale Moutinho, *Cenas da Vida de um Minotaurro*, Lisboa, Âncora Editora, 2002, pp. 81-91.

²⁵ V. Nelson Veríssimo (org.), *Contos Madeirenses*, Porto, Campo das Letras, 2005, pp. 137-144.

de Guerra”, de Margarida Gonçalves Marques (1929).²⁶ Tratava-se de um tempo entediante e de inquietação quanto ao futuro, com emissão de senhas de racionamento e com falta de navios no porto. Todavia, com a chegada dos gibraltinos, a Cidade terá ganho uma renovada animação. Foi nesse período que os habitantes de Gibraltar — ponto estratégico para o controlo do mar Mediterrâneo e, por isso, várias vezes bombardeado — foram obrigados a procurar refúgio noutras paragens. Para a Madeira vieram cerca de dois mil indivíduos que nesses anos animaram a Cidade então mergulhada numa profunda crise socioeconómica. Dessa presença faz a literatura algum eco, como é o caso do conto “Pavana para Isabella de França”, de Viale Moutinho:

[Adão]diava sobretudo os ingleses porque haviam ocupado praticamente tudo durante as guerras, principalmente os gibraltinos, a quem ele chamava *espiões*, ingleses que rezam em espanhol, fazem contas em inglês e, na ilha, falam como podem. Em 1942-45, o Funchal transformara-se numa *zurruela pretensamente britânica*, escrevera. (Moutinho 2007: 21).

Esta temática, rica em menções que se repercutem no conjunto das obras de outros escritores, desenvolve-se em analogias no romance *Margareta* de Horácio Bento de Gouveia, onde é referido o alvoroço causado por algumas gibraltinas na capital insular por aparentarem ser mais desinibidas e emancipadas do que as suas congéneres locais:

— Os rapazes madeirenses sempre tiveram um fraquinho pelas estrangeiras. Quando na guerra de 1939-45 vieram as gibraltinas,

²⁶ V. António Fournier (coord.), *Nostalgia Dei Giorni Atlantici*, Asti, Scritturapura Editore, 2005.

muitos foram os nossos conterrâneos de várias classes sociais que casaram com as raparigas de Gibraltar. E agora são as nórdicas. (Gouveia 1980: 314).

No conturbado período do pós-25 de Abril, registar-se-ia uma abundante descrição da crise sociopolítica de então — o ambiente de incivildade nas escolas, as manifestações do povo pelas ruas do Funchal e as reivindicações dos operários, consideradas por alguns como excessivas ou incompontáveis a ponto de terem levado à falência algumas empresas onde trabalhavam. A mudança de mentalidades a nível económico e social também servirá de contexto a algumas narrativas, de que pode ser exemplo *Pernas Ceifadas*, de 1975, de Melim Teixeira (1954), o conto “O Santo e a Vizinha”, de Nelson Veríssimo (1955)²⁷ e a crónica “Deixa passar”, de José António Gonçalves²⁸ (1954-2005), entre outras. Os sucessivos rebentamentos de engenhos explosivos na Madeira, acções atribuídas à FLAMA (Frente de Libertação da Madeira), ocorridos, com particular incidência entre 1975-1978, constituirão também objecto de atenção em vários textos, nomeadamente, o romance *Margareta* de Bento de Gouveia e a crónica “Operação parabéns” de Luís Calisto (1950).²⁹

A verdade histórica e consequente interpretação do seu significado literário no âmbito de um contexto cultural virá

²⁷ Nesta narrativa, o narrador faz alusão às trainceiras vindas de Benguela com retornados, em meados de Novembro de 1975. Não há notícia de outra ficção que retratasse os retornados na Madeira. Nesta, Nelson Veríssimo descreve: “As autoridades municipais fechavam os olhos diante das ocupações. As pensões do centro da cidade estavam cheias. Nas varandas estendia-se roupa, e ao fim da tarde viam-se caras estranhas que gostavam de fixar o horizonte.” (Veríssimo 2005: 30).

²⁸ V. *Crónica Madeirense (1900-2006)*, Fernando Figueiredo, Leonor Martins Coelho, Thierry Proença dos Santos (orgs.), Porto, Campo das Letras, 2007, pp. 280-281.

²⁹ *Ibid.*, pp. 267-269.

recuperar, dessa forma, acontecimentos e factos, testemunhos fidedignos desses outros tempos, que se impuseram à mentalidade da época e que, nos dias de hoje, continuam a impressionar, não sem deixar de mencionar o protagonismo assumido por outras temáticas de que podem ser exemplo as condições climáticas e as catástrofes naturais: epidemias (a peste e a cólera), o vento leste, a praga de gafanhotos, as aluviões, as tempestades na baía e o tempo de “capacete”.³⁰ Na verdade, se são raras as narrativas que instituem o estado do tempo como agente relevante do seu sistema ficcional, não deixarão, contudo, de fazer, de forma recorrente, alusão a esses detalhes.

2. Imagens emblemáticas da Cidade

Ao transportar para a escrita determinados aspectos relacionados com a Cidade, os escritores eternizam-nos, conferindo-lhes um carácter de permanência no imaginário colectivo do povo: é o anfiteatro do Funchal como cenário, o casario em escadilha até às montanhas, os miradouros, os jardins floridos, a luz dourada do sol de fim de tarde, a estância turística, o paraíso inglês. É também a Sé com a sua torre, o relógio e o adro, a casa de Dona Mécia, referida em alguns textos como *A Mão de Sangue*, de João Augusto de Ornelas e “O Santo da Montanha”, de Camilo Castelo Branco. São também as casas de vinho do Funchal presentes em produções literárias de vários autores das quais se poderá destacar *Margareta*, de Bento de Gouveia, *Vizigem Vertical*, de Vila-Matas, *Uma Família Madeirense*, de João França, e o conto “Malvasia”, de Maria Aurora Carvalho Homem (1937-2010). São ainda as quintas madeirenses³¹

³⁰ O termo é utilizado na Madeira para referir o céu encoberto, associado a uma elevada taxa de humidade no ar.

³¹ No que diz respeito ao Funchal, Orlando Ribeiro observa ainda: “Nos arredores multiplicaram-se as quintas; compõem-se de uma casa de habitação com todo

de influência inglesa descritas por Alberto Figueira Jardim (1882-1970)³² ou ainda por Maria Lamas (1893-1983), lugares percorridos pela escrita que contribuem para a formação de uma sensibilidade literária que traduz a “cidade pitoresca, ajardinada e com alma” de que fala João dos Reis Gomes em *Casas Madeirenses*, de 1937.

A visão que a produção literária transmite do Funchal de meados do século XIX até ao primeiro quartel do século XX tende, ainda, a recuperar clichés da cidade romântica representados pelo luxo dos hotéis e das excursões pela Ilha, pelo requinte das quintas madeirenses e da vida fácil e deleitosa que turistas afortunados e famílias abastadas da Madeira desfrutavam. É o Funchal dos postais e dos cartazes turísticos percorrido por calhambques despotáveis de marca americana ou inglesa, com a baía repleta de transatlânticos, com os miradouros engalanados de buganvílias, uma cidade coroadada com a simpatia estampada no rosto das “floristas da Camacha”.

Mas é sobretudo a baía do Funchal que é considerada uma das imagens emblemáticas da urbe talvez por constituir uma das primeiras impressões a ser registada pelos passageiros que chegavam nos navios que, de tempos a tempos, ancoravam

o conforto urbano, dominando o panorama da baía e do porto, no meio de culturas de rendimento, de flores perfumadas e de árvores que mantêm a frescura. Mesmo trabalhando na cidade, pode-se perfeitamente viver num local agradável e passar horas de lazer numa calma campestre. Na condição, evidentemente, de trepar ruas, que mais não são do que ladeiras íngremes [...]” (Ribeiro 1985: 127). Para mais informações, consultar o artigo “As Quintas, fulcro da paisagem”, de Cabral do Nascimento, *Panorama – Revista Portuguesa de Arte e Turismo* (especial Madeira / Açores), nº 9, II série, 1954, bem como o capítulo dedicado às quintas madeirenses, de meados do século XX, em *Argumênto da Madeira – Mornilha Atlântica* (1956), de Maria Lamas. Ver a crónica “Quintas e Miradouros”, de Jaime Câmara, em *De São Lourenço – Prozas do Estio e do Outono*.

³² Alberto Figueira Jardim, “O Plano”, publicado na revista *Das Artes e da História da Madeira*, Funchal, vol. VIII, nº 38, 1971, pp. 7-9 e republicado em *Crónica Madeirense (1900-2006)*, Fernando Figueiredo, Leonor Martins Coelho, Thierry Proença dos Santos (orgs.), Porto, Campo das Letras, 2007, pp. 46-55.

no porto da Cidade. Existem inúmeras referências literárias da chegada à baía, tornando-a num ritual, “um acto social”, como o vê Helena Marques (1935), em *O Último Cais*, publicado em 1992. Para a autora, o terreno particular da escrita situa-se entre a paisagem da memória e a do imaginário, em espaços indissociáveis da sua experiência real na alusão que sempre faz a imagens da ilha da Madeira como lugares reais, lugares plenos de vida; e são esses mesmos lugares da Ilha que, em *O Último Cais*, Marcos Vaz de Lacerda recorda, ao avistar a baía, no navio que o traz de regresso à Madeira e à família, volvido quase um ano de ausência, justificado pelo seu trabalho como “médico-cirurgião em navios de guerra afectos à estação de Moçambique” (Marques 1993: 19). Designado por “pontes para o mundo” (Marques 1993: 21), o cais, espaço particular da Cidade, assumia-se como o lugar de onde era possível manter o contacto com outras latitudes:

A vida insular dependia inteiramente da sua actividade [dos barcos e do telegrafo] e da sua eficácia como instrumentos de ligação. Os navios ocupavam, seguramente, o primeiro lugar da escala. Dia de navio era dia de festa. E ir ao porto, mesmo sem pretexto de partida ou chegada, significava muito mais do que um gesto mundano, era um acto social. Implicava encontro e convívio, nostalgia do desconhecido e desejo de viajar, [...] reconfortante certeza de que o resto da Terra, afinal, não esquecerá a Madeira. (Marques 1993: 21)

A importância do “dia de São Vapor”, expressão utilizada pelo povo da Ilha para se referir ao dia de chegada de um navio, traduz a dimensão desse acontecimento na vida da Cidade, da mesma forma que espelha a realidade socioeconómica, uma

época de viajantes e de emigrantes marcada por uma quase obrigatoriedade da sua população partir à conquista de outros mundos, mas com os olhos sempre postos na família e na terra que não os podia manter.

A descrição da baía do Funchal traduz uma sensibilidade literária que muitos escritores não derrogam, nem esquecem: “Nunca mais me esqueceu a manhã virginal da Madeira, e as cores que iam do cinzento ao doirado, do doirado ao azul índigo – nem a montanha entreberta saindo do mar diante de mim, a escorrer azul e verde...”, confessa Raul Brandão em *As Ilhas Desconhecidas*, publicado em 1926 (Brandão 1988: 151). Uma visão “esplendorosa” constantemente renovada em outros escritores de que pode ser exemplo Ferreira de Castro em *Eternidade*:

O navio [...] dobrava, agora, a ponta do Garajau. E surgia, esplendorosa, a baía do Funchal. [...] Começava o encanto cá em baixo, na enseada ampla, onde ancoravam os navios – e [...] os olhos delectavam-se no anfiteatro imenso. Era um deslumbramento a terra que [...] com seus parques, suas quintas, suas airosas vivendas quase ocultas pelo arvoredo, até a fimbria do mar, onde o casario da cidade se aglomerava, se chegava um ao outro, como se estivesse friorento – ali onde nunca havia frio. [...] Ao pormenor sobrepunha-se o todo, que, de tão belo, dir-se-ia obra de prodigioso artista, vista através de poderosa lente. (Castro 1960: 31-32)

Um “anfiteatro [...] feérico” que levará Vicente Jorge Silva (1945) a justificar que “o Porto Santo apela à partida, a Madeira à chegada” (Silva 1993: 9), uma forma de sublinhar o interesse

particular do cais da Cidade na forma como é recorrentemente apropriado pela literatura: “O encanto da cidade estava na vizinhança com o mar. O cais era lugar privilegiado do entardecer soalheiro. Passava-se ali, deixando a ilha para trás, retornava-se a ela depois, sem nunca dela se sair”, escreverá Nelson Veríssimo no conto “O Santo e a Vizinha” (Veríssimo 2005: 30).

A prática da “mergulhança”³³ no cais constitui outra das visões emblemáticas gravadas na memória colectiva do Funchal, e amplamente retratada pela literatura. Uma prática ainda existente em portos de ilhas periféricas e pobres,³⁴ referida, de forma recorrente, pelos escritores da época que elegeram a Madeira como cenário de intriga dos seus livros, como é o caso de *Eternidade*, de Ferreira de Castro:

E à frente do cortejo de vendilhões, movimento, rumor e alegria da baía, corpos que deviam andar na escola e outros que já teriam saído dos quartéis, expunham a sua destreza de mergulhadores: § – Patrãozinho!... Patrãozinho!... § Se o solicitado adivrava a moeda desejada, logo eles se lançavam à água e iam a três, quatro e mais metros de profundidade capturar a rodela, que marchava, rapidamente, para o fundo. [...] Havia os que mergulhavam à direita e, por fundo que descesse a quilha do transatlântico, iam emergir à esquerda; mas o trabalho, por ser de maior risco, exigia prévio ajuste, regateado com o curioso lá de cima. (Castro 1960: 34-35)

Umamesmatemática retomadano conto “Tiroeamergulhança”, de João França,³⁵ em que o narrador observa o “fantástico garoto”:

³³ V. *Ilhas de Zargo*, de Eduardo C. N. Pereira, vol. II (1989, pp. 170-171) e a “ilustração” em *Transportes na Madeira* (1983), de Álvaro Vieira Simões, Jorge Sumares e Iolanda Silva.

³⁴ Por exemplo, nas Filipinas, na Ilha Santa Lúcia (Pequenas Antilhas) e na Ilha de Goréa (ao largo da costa do Senegal).

³⁵ João França, *O Emigrante*, Lisboa, Agência Portuguesa de Revistas, s.d., pp. 109-119.

Parecia que nada lhe escapava aos olhos [...] na imensidade da baía: o gesto do turista, no alto da amurada do transatlântico, ao atirar a moeda à água. [...] Semelhante à flecha disparada, ele [Lito] saltaria da canoa [...] para entrar no rumo certo da moeda em queda vertiginosa, feita seu prêmio de agilidade [...] voltaria à tona. Orgulhoso, inocentemente orgulhoso, viera mostrar a moeda ao turista generoso e divertido. [...] Lito reentraria na canoa ajudado pelo patrão adulto, para em seguida repetir idêntica proeza, dezenas de vezes, quer fosse Inverno, quer fosse Verão. (França s.d.: 112-113)

José Agostinho Baptista em “O adeus às ilhas”, inserido em *Bigrafia*, evocará esse mesmo costume dos “rapazes [que] mergulhavam junto aos cascos transatlânticos – money, money para os pais esquecidos numa taberna do litoral” (Baptista 2000: 562).

Também o carro de bois e o carro de cesto são dois meios de locomoção que, além das pérgolas com trepadeiras e dos jardins floridos, constituem emblemas associados ao Funchal. À frente do carro de bois encontrava-se o “candeiro”, o guia de bois, figura típica com função e imagem regulamentadas pela Câmara Municipal do Funchal, e um dos principais ícones dos postais ilustrados que caracterizavam a capital da Ilha por volta de 1984. A figura e o característico “pregão” têm eco em várias páginas da produção literária local, de que pode ser exemplo a evocação de Luzia (1875-1947) em “Verão na Madeira”, incluída em *Almas e Terras Onde Eu Passei*, de 1936.

Sobre esta temática, Irene Lucília Andrade (1938) refere no seu livro de memórias de juventude, *A Penteadada ou o Fim do Caminho*, publicado em 2004, a exclamação particular do condutor de bois:

Aos meus ouvidos soam os estalos das ferraduras e o arrastar das corsas puxadas pelos bois a escorregarem no piso lustroso sobre pano de sebo, carregadas de canas a caminho do engenho do Torreão; o grito do boieiro “Uah! Uah! Boisinho!” é o eco dum vento rebelde que me fustiga a saudade. (Andrade 2004: 19)

Por sua vez, o passeio de carro de cesto, que tradicionalmente fazia o percurso do Monte ao Funchal desde meados do século XIX, apresenta-se como outra imagem mitificada da Cidade e descrita, com detalhe, por Ferreira de Castro em *Eternidade* como uma “operação folgazã” que:

os forasteiros gostavam de incorporar às suas recordações. Largo assento de vime, com espaldar que prometia segurança, fixava-se sobre dois paus ensebados, bons escorregadores. Tinha mesmo almofadas, para maior conforto de costas e de nádegas. E instalado quem assim queria descer, punha-se um homem de cada banda, segurando e orientando a armação, que começava a deslizar – Ehl! Ehl – Ah! Ah! Ah! – até lá abaixo, ao Funchal. § Alguns ingleses iniciavam agora a descida, mantendo dificilmente a compostura do rosto. (Castro 1960: 124)

No conto “O caminho do Monte”, de João França, o narrador apresenta uma visão do quotidiano dos carreiros:

Ao grelar do dia os carreiros tinham avistado o Vapor do Cabo apontar à barra e isso queria dizer pão para a boca. Os ingleses saltariam em terra, no cais da cidade; meter-se-iam ao Caminho

do Monte em “abelhinhas”, carro de bois e até mesmo de rede aos ombros dos carregadores. O costume. Uma vez lá em cima, andariam de passeio a pé pelas ruas da freguesia-jardim, feita mirante da cidade; [...] De regresso à cidade, alguns deles experimentariam a sensação da descida num pequeno carro de vimes, em forma de trenó, assente em dois barrotes polidos a sebo, e apenas com lugar para duas ou três pessoas. Os condutores, sempre dois para mais de um passageiro, ficam de fora, na retaguarda: mãos firmes nas cordas presas na parte dianteira do carro, à guisa de tirante guiador; pés ágeis, olhar atento na estreiteza do caminho calcetado, a descer desde seiscentos metros acima do nível do mar até o quase revés com ele, e numa distância de cinco quilómetros. (França s.d.: 95-96)

Mas também de outras imagens se constrói o imaginário do Funchal, representado através de vários monumentos e edifícios, entretanto destruídos pela voragem do tempo, mas que permanecem ligados à história da Cidade, através da literatura. Exemplo disso é a Casa do Colombo ou casa de João Esmeraldo, cujas referências se podem encontrar no livro *A Filha de Tristão das Damas* de João dos Reis Gomes, e o convento de São Francisco, onde actualmente se encontra o Jardim Municipal. Acerca do Pilar de Banger³⁶ são numerosas as alusões em narrativas e crónicas,³⁷ nomeadamente no texto “Funchal: a fisionomia das ruas” de Jaime Câmara (1881-1946), inserido no livro *De São Lourenço: Provas do Estio e do Outono*, de 1932.

O “Elevador do Monte”, mais conhecido como “Comboio do Monte”, que Margarida Gonçalves Marques evoca no conto “O Anteparo de Marfim”,³⁸ faz parte desse conjunto de construções do passado, perspectivando distintos períodos que a Cidade atravessou, da mesma forma que a Quinta das Angústias, residência em que a princesa Maria Amélia viveu e faleceu em 1853, aos 22 anos. O cemitério de Nossa Senhora das Angústias³⁹ ocupava o actual espaço do Parque de Santa Catarina, no Funchal, como se pode, aliás, depreender através das várias alusões esboçadas em *Eternidade*, de Ferreira de Castro, ou em *Canga*, de Horácio Bento de Gouveia.

Algumas imagens desses monumentos e lugares encontram-se, ainda, perpetuadas através de iconografia da época, composta por desenhos, gravuras, quadros e fotos, e que pode ser vista no Museu Quinta das Cruzes, no Photographia-Museu Vicentes ou ainda em álbuns, como *O Funchal na Obra de Max Römer, 1922-1960*, sob a coordenação de Rui Camacho, e *Memórias do Funchal. O Bilhete-Postal Ilustrado até à Primeira Metade do Séc. XX*, de José Manuel Melim Mendes, recentemente publicados, nos quais se reúne um conjunto de referências que continua presente no imaginário dos cidadãos, contribuindo, dessa forma, para eternizar a Cidade atlântica.

2.1. Espaços de socialização

Existem outros lugares que pela sua relevância no quotidiano da Cidade se tornaram recorrentes no imaginário de escritores que

³⁶ São ainda visíveis vestígios do pilar de Banger na promenade da Avenida do Mar.

³⁷ Na crónica intitulada “Da cidade - Roteiro sentimental”, publicada no *Diário de Notícias*, Madeira, 20-XII-1963 e republicada em *Campanhas da Ilha*, de 1966, Horácio Bento descreve o Pilar, demolido em 1939: “E à direita, grimpando para o céu como monólito evocador de uma lenda pulcríssima, já milenária, mas atestando a memória indelével daquilo que foi, o Pilar de Banger, hirto, à semelhança de sentinela, transmite seu carácter à cidade, como o sinal no rosto identifica o indivíduo”. (Gouveia 1966: 72)

³⁸ Publicado no suplemento do sexto aniversário do *Tribuna da Madeira*, 7-X-2005.

³⁹ Sabe-se que a última cerimónia fúnebre se terá realizado em Dezembro de 1941, tendo o cemitério sido transferido para a freguesia de S. Martinho em Janeiro do ano seguinte. Esta mudança de local deveu-se a Fernão de Ornelas, o então Presidente da Câmara, conhecido pelo cognome de “Dr. Terramoto”, no âmbito da sua política de requalificação e modernização de espaços urbanos estratégicos na cidade do Funchal.

registram a história da vida do Funchal, de onde não serão alheios alguns espaços de socialização, pontos de encontro que serviriam de contexto ao enredo de algumas histórias.

Exemplo disso é o “Casino da Quinta Vigia” que durante o segundo quartel do século XX constituiu o lugar de eleição da “vida funchalense”, e que em 1976 viria dar lugar ao actual Casino projectado por Óscar Niemeyer e Viana Lima.⁴⁰ Situado na antiga Quinta Pavão, e conhecido como o “Clube dos Estrangeiros” ou “Stranger’s Club”, passaria a designar-se “Quinta Vigia” ou “Casino” quando reabriu as portas a 4 de Julho de 1936. No já citado romance *Maria Lúcia - Memórias de Uma Mulher Sem Estado*, de António Ferreira, o narrador concede uma atenção particular a esse espaço aquando da sua estada no Funchal, em 1917:

Um sumptuoso Casino [...] que tem sido teatro de festas cheias de brilhantismo. [...] Fora, nos terraços contíguos, costumam os ingleses saborear seus *whiskies* e sorvetes, em noites cálidas de Esto, enquanto lhes bafeja as faces afogueadas o sopro salino da viração marinha. (Ferreira 1921: 161-162)

Por sua vez, Ferreira de Castro em *Eternidade*, através do episódio do Casino, dá a ver o concorrido ambiente cosmopolita, engalanado de *toilettes* caras, onde se toca e se dança *jazzs*, se servem bebidas espirituosas no bar, se entra com muito dinheiro no sedutor jogo na mesa do *baccarat* (Castro 1960: 148-153), uma tendência da época também sublinhada por Horácio Bento em *Canga*, ao referir-se aos *foxes* e ao “tango argentino” e, na sala de jogo, à roleta (Gouveia 2008: 160-163).

⁴⁰ No início dos anos oitenta, a designação “Quinta Vigia” foi recuperada para substituir o nome da Quinta da Nossa Senhora das Angústias, actual residência oficial do Presidente do Governo Regional.

Os clubes representavam outros importantes lugares de convívio para a elite madeirense, como é o caso do “Clube Funchalense”, importante grémio que reunia as personalidades da alta sociedade no século XIX. Na passagem da Monarquia para a República, outros espaços de socialização foram criados de acordo com as afinidades políticas dos seus membros, à semelhança do “Clube Madeira”, “o clube da elite funchalense”, e do “Clube Marítimo”, “clube popular”, como ilustra o romance póstumo, *Uma Família Madeirense*, de João Franca:

Alfredo Meireles e Bonifácio Jerónimo jogavam bilhar numa das salas do Madeira, o clube chique do Funchal, de que ambos eram sócios [...]. As cores do Madeira, o clube da elite funchalense, eram o azul e o branco, a exemplo da bandeira da Monarquia, e as do Marítimo, clube popular, o rubro e o verde, tal o estandarre da República portuguesa. (França 2005: 34)

Outros sentimentos de pertença podiam estar na origem da criação de um clube, como sucede com o já referido “Clube dos Estrangeiros” ou o “Clube Inglês”, a que o romance *Margareta* de Bento de Gouveia fará várias alusões. Esse espírito manter-se-á com o “Clube Turismo” e com o “Clube Naval do Funchal”.

No imaginário literário, o Funchal continua a apresentar-se como uma estância turística e um paraíso inglês corroborado pelas referências aos hotéis de luxo da Madeira ao longo do séc. XX. Em *A Ilha de Cirre*, de 1983, Natália Correia (1923-1993) convida o leitor a ambientar-se ao chique *Royal Garden*, um hotel fictício no Funchal, para privar com os protagonistas que se encontravam de férias na Ilha e que nele se teriam hospedado em Julho de 1946,

retratando o ambiente da época. O designado hotel irá representar uma sociedade *very british* que o narrador descreve num modo crítico, irónico, roçando um patriotismo indignado.

Em *Vivre à Madère*, romance de contornos autobiográficos publicado em 1953, Jacques Chardonne (1884-1968), por intermédio do narrador, evoca a vida da clientela burguesa e distinta, maioritariamente inglesa, do “Hotel Victoria”. A esse ambiente, preferirá passar pela Cidade, oferecendo ao leitor uma imagem da noite no Funchal:

Por vezes, à noite, evadimo-nos do prazer sufocante; vamos respirar lá fora em ruas desertas, bem iluminadas, onde flutua o perfume de flores esparrramadas no cimo dos muros. O oceano, perto, é silencioso e escuro. Avançamos até ao centro do Funchal, sob as arcadas, atravessando a grande praça, muito bem cuidada, onde tudo é limpo, iluminado à noite por muitos candeeiros, mas vazia a partir das oito horas e onde mulher alguma jamais aparece; apenas distintas figuras másculas de sapatos achinelados por lá passeiam e nos interpelam a meia voz quando nos cruzamos com eles: tecem um comentário sobre o serão aprazível nas três palavras inglesas que conhecem, mas que não agradam a toda a gente.⁴¹

⁴¹ Tradução nossa: “Parfois, la nuit, on s'évade du plaisir étouffant; on va respirer l'air du dehors dans des rues désertes, bien éclairées, où flotte le parfum des fleurs étalées sur le haut des murs. L'océan proche est silencieux et noir. On s'avance jusqu'au centre de Funchal, sous les arcades, traversant la grande place, si bien tenue, où tout est propre, illuminé le soir par de nombreux lampadaires, mais vide à partir de huit heures et où jamais n'apparaît une femme; seuls, de nobles gillards en savates se promènent et vous interpellent à mi-voix quand on les croise; ils font une réflexion sur la belle soirée dans les trois mots anglais qu'ils savent, mais qui ne plaisent pas à tout le monde.” (in *Vivre à Madère*, Jacques Chardonne 1988: 22).

Pela voz das personagens do escritor catalão Enrique Vila-Matas (1948), no romance *À Viegem Vertical*, se fica a saber que o “Hotel Reid’s” não perdeu o seu charme junto de um certo tipo de hóspedes que lhe deu fama:

— O senhor tem dinheiro? — perguntou a rapariga. § — Muito — disse Mayol. — Então vá para o Reid’s. § Entre outros famosos do Reid’s — Mayol percebeu Ritz — encontravam-se Somerset Maugham e Winston Churchill. Era um belo lugar selecto e muito inglês. Serviam o chá com umas sandes de pão escuro com uma camada de manteiga e rodela de pepino, como era verdadeiramente chique no século passado. (Vila-Matas 1999: 158)

Também os cafés da Cidade são evocados com muita frequência nos livros que retratam o Funchal, impondo-se como espaços onde se respira novidade e mudança ao sabor do próprio avanço da industrialização. A influência que terão tido nos séculos XIX e XX, espaços de encontros e de desencontros, e acima de tudo, de troca de ideias, permitir-lhes-iam afirmar-se como símbolo de modernidade da Cidade, constituindo centros de partilha de novas formas de expressão e de novos modelos que viriam moldar e acompanhar as tendências de outras capitais.

O conhecido café-hotel “Golden Gate” de estilo colonial e de significativo nome inglês, fundado em 1871, tornou-se num dos mais afamados e elegantes do Funchal. Sendo então o porto escala obrigatória de transatlânticos, o café situado no centro da Cidade constituía um imprescindível ponto de passagem para os turistas, bem como lugar de encontro da elite funchalense. Situado na esquina da Avenida Arriaga e da Avenida João Gonçalves Zarco, o

escritor Ferreira de Castro apelidou-o, no seu romance *Eternidade*, de “a esquina do mundo”, epíteto que ainda hoje ostenta:

E sentou-se a uma das mesas do “Golden Gate”. A rua continuava cheia de turistas e não havia defronte um só automóvel parado. Aquele ângulo do Funchal era, entre as esquinas do Mundo, um dos mais dobrados pelo espírito cosmopolita do século. (Castro 1960: 233)

José Marmelo e Silva, em *Demudez Uivante*, de 1983, assinala através do narrador a encheite que habitualmente tomava conta do “Golden”, aquando da chegada de um paqueter: “um salão a tresandar de aburguesado, pequenas mesas rés-do-chão, *mables* de couro de javali para adormecer ingleses aposentados”, onde se liam os jornais trazidos pelo navio acabado de chegar e se ouvia “o timbre continental das vozes, [e] a vivacidade das conversas” (Silva 2002: 689-690). É, ainda, sugerido como um dos raros sítios onde é possível combater “o pasmo” e a “lassitude” nas tardes da Cidade e, por isso, “todos os caminhos lá vão dar” (Silva 2002: 720), como assegura a personagem Mariúcha. Para além disso, a cena do salão de dança em ambiente “pastoso” indicia a tolerada prática do proxenetismo de luxo (Silva 2002: 720-721). Ao conter “todo um tempo ou o templo que representa uma parte do Mundo” (Silva 2004: 177), o *Golden Gate* impõe-se como um lugar incontornável que a literatura revisita regularmente. É o caso da obra de Horácio Bento de Gouveia, das narrativas de Carlos Martins, do conto “A Princesa Encantada” haurido do livro *Cenas da Vida de Um Minotauvo*, 2002, de José Viale Moutinho, entre outros.

O “Café Apolo” é outro dos espaços públicos com representação análoga na vida da Cidade, referido em diversos textos dos

quais se poderá salientar *Um Barão na Boca*, de 1971, de António Aragão (1921-2008), a narrativa “Ana Maria”, de 1972, de Bento de Gouveia, ou “A esquina do mundo” de Carlos Nogueira Fino (1950), inserido no livro *Crónicas da Madeira Nova*, publicado em 2004.

Viale Moutinho evocará, também, o “Café Ritz” ao referir-se a Herberto Helder e a outras personalidades da Ilha: “Será que ele [Herberto] continua a sentar-se no desaparecido “Café-Concerto Ritz” (desde há tempos, um stand de automóveis...), com o António Aragão, o Jorge Freiras ou aquele elegante Carlos Cristóvão, o d’O Vale de Machico, que deixou o seu paço familiar à Ilha?”⁴² (Moutinho 2003: 12)

Por sua vez, Ana Margarida Falcão (1949) em “A cidade com ruas que davam para o mar”, incluído na já referida antologia *Contos Madeirenses*, publicada em 2005, situa a acção no “Café do Teatro”, um outro lugar de referência no movimentado espaço citadino:

E eu, abandonado a mim mesmo, o horizonte do olhar perdido no tempo da mesa do Café do Teatro, com os olhos incandescentes mas cegos pela comoção da neblina quente da tarde, entreguei-me por completo à voz quase calada do vento leste, que me secava o ritmo da saudade dos olhos, e acompanhhei-o, murmurando baixinho: §§ *Minha cidade tem ruas § Que vão dar ao mar...* (Falcão 2005: 253)

⁴² O escritor Carlos Cristóvão da Câmara Leme Escórcio de Bettencourt doou à Região Autónoma da Madeira, em 13 de Março de 1987, a capela e o Solar de São Cristóvão, actualmente classificado como Património Cultural. Desde 27 de Janeiro de 2000, o Solar de São Cristóvão é a Casa do Artista, hospedando personalidades de reconhecido mérito que, a convite do Governo da Região Autónoma da Madeira ou por proposta de instituições culturais, desejem desenvolver alguma actividade de carácter cultural. (fonte: “Memórias de uma viagem ao Funchal: Annabela Rita / Casa do Artista www.triplov.com 03-03-2004)

São também inúmeras as referências acerca de outros espaços comerciais ou de lazer, alguns entretanto desaparecidos, mas no entanto para sempre recordados através da escrita. A “confeitaria Felisberta”, na Rua das Pretas, provavelmente a mais conceituada e antiga do Funchal, é um desses lugares percorridos pela literatura, como se poderá comprovar em *Saias de Balão*,⁴³ de Ricardo N. Jardim, e *Torna-Viagem*,⁴⁴ de Bento de Gouveia. Nelson Vertissimo irá referir-se a essa confeitaria no seu livro de crónicas *Passos na Calçada*,⁴⁵ associando o seu interesse histórico à identidade do Funchal.

A “Loja do Talassa”, especializada em artigos religiosos, papeleria e quinquilharia, onde actualmente se encontra o “Centro Comercial Tavira”, representa outro ícone do comércio de que João Carlos Abreu (1935) dará conta na sua bem-humorada *Dona Joana-Rabo-de-Peixe*: “A seguir, collocávamos o Menino Jesus na furna e distribuíamos os pastores pelas montanhas e vales. Os pastores preferidos eram os do “Talassa”, na Rua de João Tavira” (Abreu 1996: 65).

Em alguns textos não são raras as referências aos pequenos comércios, como a “Loja do Pimenta”, algumas vendas e outras lojas de artefactos, as tascas que circundavam a Praça do Peixe e o Mercado de frutas e hortaliças. Assim sucede com o elenco de restaurantes populares, nomeadamente, “O Vilão” e o “Marra Verde”, onde se encontram moças de servir, operárias dos bordados e camponeses de passagem.

⁴³ Ricardo Nascimento Jardim, *Saias de Balão (na Ilha da Madeira)*, Funchal, s.d., pp. 210 e 214.

⁴⁴ Horácio Bento de Gouveia, *Torna-Viagem: o Romance do Emigrante*, Coimbra, Coimbra Editora, 1979, p. 84.

⁴⁵ V. Nelson Vertissimo, “Confeitaria Felisberta” em *Passos na Calçada*, Funchal, Editorial Calcanhar, 1998, pp. 18-20.

2.2. Cartografias da Cidade: ruas e bairros

Para além dos cafés e de outros espaços comerciais, alguns lugares parecem aliar-se a hábitos peculiares da época, merecendo uma atenção particular pela sua recorrência em crónicas e em textos de ficção que utilizam o Funchal como cenário e que, assim, permitem dar a ver uma geografia social da Cidade. A leste, situa-se a zona velha, com ambiente popular, onde se cruzavam operários, bomboteiros, pescadores, prostitutas, entre fábricas, estaleiros e ruas estreitas. Na baixa central, entre a ribeira de São João e a ribeira de Santa Luzia, espraiava-se a zona nobre, com ruas comerciais e casas senhoriais e burguesas, ao passo que, na zona oeste, reside o parque hoteleiro com complexos balneares. Nos arrabaldes do centro, até meia-encosta, situam-se as freguesias com características (cada vez menos) rurais, com as suas populações humildes e laboriosas, mão-de-obra para todo o serviço, incluindo a manutenção de “quintas” e “vilas” de que era vizinha. No cimo da serra, destaca-se a coroa verde de árvores que domina o anfiteatro, uma auréola vegetal que parece contemplar, abraçar e proteger a Cidade.

E para cartografar uma cidade, contribui o estudo das “ruas, praças e betesgas”, como escreveu Jaime Câmara na sua já referida crónica, porque “são influenciadas pelo temperamento de quantos nelas habitam – pela sua idiossincrasia” (Câmara 2007: 40), razão pela qual ocupam um lugar de destaque nas produções literárias de autores que escreveram sobre o Funchal. Um protagonismo reiterado pelo considerável número de crónicas tendo como objecto de atenção as ruas e bairros da urbe, como se poderá ler em “Aspectos da cidade – Qual a sua proveniência?”, de Maria da Conceição de Oliveira Caldeia (1925), conhecida sob

o pseudónimo de Cochicha,⁴⁶ e “Roteiros virtuais” de Francisco Fernandes (1952), inserido em *Cartas de Diagação*, de 2002.

Em *Dona Joana-Rabo-de-Peixe*, de João Carlos Abreu, assiste-se ao que João David Pinto Correia define como um “saboroso conjunto de relatos de memórias citadinas, ou melhor, de uma das mais castiças e históricas zonas da cidade do Funchal, a Rua de Santa Maria” (Pinto-Correia 2006: 160), ao recordar, por exemplo, a ambiência das tascas da zona velha do Funchal:

Alguns [pescadores] bebiam café preto e comiam pão com molho na Tasca do Quarenta. Por tradição, assentavam os fadados na parede exterior. Normalmente os riscos não coincidiam com as dividas. Mas o sistema jamais mudou. (Abreu 1996: 77). (...) Nos dias de barcos, [os bomboteiros] juntavam-se nas tascas e deliciavam-se com ovas de espada e outros petiscos bem condimentados. (Abreu 1996: 80)

“A Fonte”,⁴⁷ conto de Irene Lucília Andrade, traduz algumas sensações olfactivas associadas a essa mesma zona:

O odor da maresia de mistura com o do café e do azeite quente não lhe trazia novidade. De bem menino retivera aquele cheiro quando o pai o levava com as alfaces ao mercado e depois à tasca numa esquinha alagares da Zona Velha para quebrarem o jejum. (Andrade 1993: 191)

⁴⁶ V. *Miscelânea de Memórias (As crónicas da Maria da Conceição publicadas no Jornal da Madeira entre 1989-1993)*, Funchal, Editorial Calcanhar, 1999.

⁴⁷ Publicado inicialmente na revista *Isleña*, n.º 13, Funchal, Secretaria Regional do Turismo e da Cultura/Direcção Regional dos Assuntos Culturais, 1993, pp. 156-157, e republicado na antologia bilingue *Narrativas Contemporâneas da Madeira/ Récits Contemporains de Madère*, Thierry Proença dos Santos, Isabel Bãião dos Santos e João Paulo Tavares (orgs.), Secretaria Regional da Educação, Funchal, 1997, pp. 80-85.

No conto “Uma torrada, uma «chinesa””,⁴⁸ Maria Aurora Carvalho Homem ensaia a história da Rua de Santa Maria, “rua estreita” situada no “bairro da fome”, por oposição ao bairro da Sé, “o mais chique da cidade”, como o vê Ângela Caires (1939), no excerto do capítulo III do romance inédito *O Capitão Tormenta*.⁴⁹

Em “Aqui é uma cidade”, crónica escrita num registo de prosa poética inserida em *Récita de Alguma Coisa*, de 1973, José António Gonçalves (1954-2005) evoca os arrabaldes onde residiria a já referida mão-de-obra que deu fama à cidade:

Aqui chama a este monte de casas e restos de vida uma cidade. Aqui onde as fogueiras são frias e sobram aquecedores e fogões nas casas da especialidade. E sobram letras. E cães vagabundos. E bêbados nas ruelas. E caixotes do lixo às portas. Onde os rafeiros procuram o que lhes falta. Onde há a denúncia do que a muitos sobra. Como sobram mendigos. Como sobram possibilidades turísticas. Como sobram belas paisagens e vilões. Ou bairros de lata. § Aqui é de facto uma cidade. Há fábricas e empregos. Há patrões. Aqui o casaco nunca é nosso. Aqui a vontade nunca é nossa. Aqui o comando é sempre dos outros. E somos apenas os donos da nossa mente. Os fogos são dos espertos. Dos emigrados. Ou dos herdeiros (im)pacientes. (Gonçalves 1973: 15)

Em contraste com os bairros onde vivem as populações mais humildes, Ricardo França Jardim em *Tristes Ilhas e Outras Conversas...*, de 2002, caracteriza numa perspectiva sociológica a

⁴⁸ Termo usado na Madeira para designar uma ‘meia-de-leite’.

⁴⁹ Nelson Veríssimo (org.), *Narrativa Literária de Autores da Madeira, Séc. XIX – Antologia*, Funchal, Secretaria Regional do Turismo e da Cultura / Direcção Regional dos Assuntos Culturais, 1990, pp. 203-210.

Rua Conde Carvalhal como um “pousio em moda de uma certa burguesia bem instalada”, entre os anos vinte e cinquenta do século passado:

A Rua do Conde de Carvalhal era a mostra urbanística de um certo Funchal dos anos vinte. Vivendas enormes com grandes jardins, a que chamávamos “Vilas”, espelhando a sólida e discreta respeitabilidade dos seus moradores. Médicos, advogados, grandes comerciantes, negociantes de vinhos, industriais de moagem, exportadores de bordados e velhas famílias com bens patrimoniais noutros pontos da ilha. (Jardim 2002: 169)

No coração da urbe, a Rua da Carreira, considerada por Isabella de França, “a rua principal da cidade” (França 1970: 52), é uma das ruas mais antigas e mais típicas do Funchal. Por isso, não será de admirar que seja uma das ruas – senão a rua – com maior recorrência na escrita da Cidade como cenário de ficção.

Na outra extremidade da Cidade, a zona balnear do Lido retrata o lugar onde se tomavam banhos de sol e mar como se poder ler nos textos “O estádio náutico do Lido”, em *Crónicas da Beira-Mar*, de 2008, de Victor Caires (1937), “A filha do Sandokan”, em *Arénico e Rendas V'alhas*, de 1996, ou “Férias de Verão”, no já referido *Tristes Ilhas e Outras Conversas...*, ambos de Ricardo França Jardim.

E de outras histórias e nomes de ruas se escrevem várias crónicas que se debruçam sobre esses lugares particulares da vida de uma cidade, de que pode ser exemplo “Uma rua sem história” inserida em *Discurs(álha)nda*, publicada em 1999, onde Maria Aurora Carvalho Homem apresenta a personificação de uma rua – a sua? – através das rotinas diárias da vizinhança:

A minha rua tem cabelos de buganvílias rubras a escorrerem por muros pálidos nos ombros das casas, escondidas num recolhimento burguês. § Borda-lhe um lado do perfil um friso de habitações tradicionais: porta ao meio, duas janelas e tapa-sóis. Do outro ressalta a massa de prédios característicos. Tem um corpo aconchegado e mole. § É uma rua sem saída por onde entram e saem os moradores em atropelos matinais e descansos de fim de dia. § Há nela os cheiros ao café pela manhã, um cheiro insinuado pelas frinças que se vai almiscarando ao correr do dia: odor a sopa pelo almoço, mistura a suor, comida e cansaço no fim da tarde. § Atropelam-na os jovens logo ao começar do dia. E são gargalhadas soltas, as frases desarticuladas, os chutos mal paridos em bolas de acaso, a gritaria a subir-me pela parede e a entrar sem licença pelo meu quarto. § Um pouco mais tarde é o ruído dos carros no arranque para o trabalho. § Em breve, porém, se reinstala o silêncio. E fica a rua de olhos escancarados para a cidade, suspensa no ar lavado da manhã. (Homem 1999: 25)

Associado aos lugares não se poderá, tão-pouco, deixar de evocar os festejos e as folgas através dos quais também se conta a história da Cidade e dos seus costumes, como se comprova na generalidade da produção de diversos escritores. O grande arraial de Nossa Senhora do Monte, uma das mais celebradas festas da Ilha, é o pano de fundo no conto de contornos etnográficos “Dois irmãos” de João dos Reis Gomes, inserido no volume *História Simples*, publicado em 1907. Convém referir as duas “animadas” e “justrosas” procições de que fala Cochicha na crónica “olhando para trás...”: a do Corpo de Deus e a do Sagrado Coração de Jesus (Caldeira 1999: 228). A crónica “Deixar passar... esta nossa brincadeira”, de Carlos Léris (1932), publicada no livro *Ilha d'invenção*

evoca “Os passeios, no 1º de Maio dos anos trinta, com as idas ao Palheiro-Ferreiro, os cordões de flores amarelas (os «Maiois») e as conjugais picardias do «vais saltar a lájea?»” (Lélis 1999: 98).

A tradição da celebração do Natal, uma das épocas mais vividas pelo povo, é referida em vários textos dos quais “O Natal na Madeira - Quando eu era estudante”, de Alberto Artur Sarmiento⁵⁰ e “Revéspera⁵¹ de Festa”, de Lídio Araújo⁵² (1951) podem ser exemplo. Uma temática reencontrada em João Carlos Abreu quando relembra em *Dona Joana-Rabo-de-Peixe* a tradição de ir à Missa do Galo, no que pode ser lido, simultaneamente, como uma construção ficcional com reenvio a algumas das suas memórias:

A véspera de Natal era excitante. Ultimavam-se as caiações e pinturas. Corria-se ao mercado para comprar mais algumas coisas e colocava-se o alegre-campo à volta do céu azul, pintado em papel pardo [...]. Todos viviam a Festa. Íamos à Missa do Galo. Ao regressarmos a casa, encontrávamos os presentes na lareira da cozinha. [...] Depois dos presentes, tomávamos uma canja e saboreávamos todas aquelas guloseimas: os bolos de mel, o bolo de família, o bolo de laranja, as broas de mel, as rosquilhas de manteiga, as cebolas de escabeche, as cenouras, a vaginha com mostarda. § O dia de Natal tinha uma beleza extraordinária. As pessoas [...] falavam, riam e recebiam os amigos. — Óóóó, vizinha, o Menino Jesus faz pipi? Lá entrava uma cambulhada de gente pela casa dentro. Enchiam-se os copos. Punham-se as fatias de bolos nos pratos. Era uma alegria pura. Um convívio são. (Abreu 1996: 66-67)

⁵⁰ V. *Das Artes e da História da Madeira*, Funchal, Novembro-Dezembro de 1951, vol. II, nº 9, pp. 1-4 e republicado em *Margem 4*, nº 1, Dezembro 2007, Câmara Municipal do Funchal, Departamento de Cultura, pp. 79-84.

⁵¹ Na Madeira, o termo ‘revéspera’ designa o dia 23 de Dezembro, ‘a antevéspera do Natal’.

⁵² V. Lídio Araújo, *A Festa*, Madeira, edição do autor, 2002, pp. 39-47.

A noite de São Silvestre, inserida nas festividades do Natal e de Fim de Ano, considerada um cartaz turístico com longa tradição, é descrita em textos como *Madeira – Mar de Nuvens*, quando Carlos Martins se refere aos “seus corredores improvisados”:

As *Festas do Fim de Ano* de 1938 tinham excedido a expectativa. [...] Desde manhã que dificilmente se podia transitar pelas ruas do Funchal. Desde o cais aos arredores da cidade, passeavam turistas de diversas nacionalidades; gente nova, alegre, ricamente vestida. § Os cafés e restaurantes não comportavam mais ninguém. [...] À tardinha [...] as avenidas e ruas apresentaram-se místicas com os seus corredores improvisados, repletos de flores e gambiarras com miríades de lâmpadas coloridas a treparem ao topo das árvores. [...] A Madeira exultava. *As Festas da Cidade* haviam sido um grande acontecimento, mas, para o ano seguinte, haviam ainda de ser melhor! (Martins 1972: 206-207)

A Cidade perfila-se como um corpo que se percortre, dando a ver sinais, códigos e falas em constante diálogo, e oferecendo-se à leitura e exploração das suas imagens para intruir os sentidos do seu discurso, entranhar-se nele e dele se impregnar.

II. Quadros da realidade funchalense: do séc. XX aos nossos dias

Parece existir a tradição de uma visão idílica do Funchal transmitida por escritores, cronistas e poetas,⁵³ em particular,

⁵³ V., por exemplo, os textos e os autores inseridos em *Lugares Seleitos de Autores Portugueses que escreveram sobre o arquipélago da Madeira*, antologia organizada por Cabral do Nascimento, Funchal, Delegação de Turismo da Madeira, 1949.

daqueles que estiveram de passagem pela Ilha. A abundante presença de flores não só na paisagem natural como também nos espaços ajardinados da Cidade e das quintas representava um testemunho de harmonia e de beleza daquela que é apelidada de “Ilha das Flores”. Bulhão Pato irá referir-se à Madeira como um espectáculo da natureza, comparando os seus vales aos do paraíso.

Apesar da recorrência de uma imagem edénica associada ao Funchal, muitos escritores marcados por uma literatura de cariz regionalista, com acento no gosto romântico, desenvolveram o tema herdado do mundo greco-latino que opunha a cidade, lugar do desafio e de perdição, ao campo, lugar de paz e de sossego. Uma dicotomia que lhes permitia estabelecer comparações entre esses dois espaços onde, no Verão, o clima fresco do campo convidava a escapar-se do ar opressivo da capital.⁵⁴ É neste sentido que se poderá compreender uma possibilidade sonhada por uns e concretizada por outros quando em “O Piano”,⁵⁵ Alberto Figueira Jardim escreve que:

Possuir uma bela habitação citadina como domicílio permanente e uma quinta, ou várias, no campo para vilegiatura estival — esta ou estas habitadas também sem interrupção durante a respectiva estação — eram apreciadas regalias de pessoas abastadas e o ideal sonhado pelas que não o eram. (Jardim 2007: 47).

⁵⁴ Refina-se que no início do século XX, os bombardeamentos do Funchal durante a Primeira Grande Guerra, aliados ao medo e à falta de pão que se fez sentir na urbe, levou muita gente a refugiar-se no campo.

⁵⁵ Publicado na revista *Das Artes e da História da Madeira*, Funchal, vol. VIII, nº 38, 1971, pp. 7-9 e republicado em *Crónica Madeirense (1900-2006)*, Porto, Campo das Letras, pp. 46-55.

1. Figuras, cenas e lugares do quotidiano

Aliado ao relato e retrato sociocultural da vida funchalense, parecem sobressair em algumas narrativas de ficção tipos humanos recorrentes, de que são exemplo o emigrante — o demerarista, o brasileiro, o venezuelano, o sul-africano —, o turista — alemão, inglês —, o guia/cicerone, o estudante, o bomboteiro, a bordadeira, a estrangeira por quem o madeirense suspira, o “moço de recados” ou “rapaz das voltas”,⁵⁶ o garoto do calhau,⁵⁷ a prostituta, o louco e a curandeira. A esta galeria poderão ainda juntar-se figuras como o retratista, o homem de letras, o padre, o militar, o pequeno burguês acomodado, os lojistas e os seus empregados, o industrial de formação anglo-saxónica, o *self-made man*, o político ocioso e alcoolizado e o homossexual (nomeadamente, no romance *Luísa Marta*). Em *A Corte do Norte*, o homem da Cidade é caracterizado pelo narrador como “um homem feio mas com os olhos azuis do funchalense, baços e dum cor unida, quase sem íris”. Todavia, “as mulheres acabavam sempre por interessar-se por ele, por hábito e por alguma espécie de perversidade irónica que desperta os sentidos” (Bessa-Luís 1996: 114). Na narrativa breve “O Funchal é que é”,⁵⁸ de Luís de Sousa Melo (1936), a voz do texto caracteriza as mulheres funchalenses na viragem do século XIX para o XX como as mais asseadas e as mais bonitas de toda a Ilha:

Porque aqui é que se encontra as mulheres mais asseadas, mais bonitas de toda a ilha. Desde as criadas de servir, passando pelas bordadeiras até às Preclaríssimas Senhoras Donas, é vê-las à saída

⁵⁶ V. Jorge Freixas, “A Tela em Branco”, 2ª ed., Funchal, Edições Ilhatur, 1980. [1ª ed., 1954].

⁵⁷ Alberto Artur Sarmento, “O garoto do calhau” em *Almanach de Lembranças Madeirense para 1908*, Funchal, Edição Bureau de la Presse, 1907, pp. 118-119.

⁵⁸ V. Istenha, nº 12, Funchal, Secretaria Regional do Turismo e da Cultura / Direcção Regional dos Assuntos Culturais, Janeiro-Junho 1993, pp. 16-18.

das missas, muito especialmente as de São Pedro e da Sé, umas mais atrás, outras mais à frente, sorrindo e conversando — [...]». § Mulheres não faltam, porque abundam como em nenhum outro lugar da ilha. Mesmo nas lavadeiras, quase sempre brutas, feias e disformes, lá de quando em quando surge um rosto bonito, um corpo esbeto, sugerindo delícias no vaivém do esfregar a roupa contra as pedras nas margens da ribeira. (Melo 1993: 16)

Obras como *Eternidade, Canga*, alguns romances de Carlos Martins e o conto “A Princesa Encantada” de Viale Moutinho oferecem um outro perfil, o do “falso herói” funchalense dotado de uma “mente pequenina” que prefere “ter” a “ser”. Por vezes, nas narrativas de ficção de ambiente urbano o narrador tende a assumir um tom crítico, denunciando a teatralização das relações humanas na Cidade, assente em novas tendências, pretirindo valores tais como a competência, a responsabilidade e a honestidade. Em *Um Dia Depois do Outro*, Margarida Gonçalves Marques deixará entrever a hipocrisia da sociedade burguesa, como se pode ler no seguinte excerto:

Virginia fora protagonista de um caso singular que abalara a cidade. § Quando jovem, o noivo, um médico pobre e sem futuro, deixou-a grávida para casar com uma paciente velha e rica, mas prometendo reparar o erro, mal a dama velha morresse. Quando isso, porém, se verificou, ele não cumpriu a promessa feita a Virginia. Conta-se que, certa noite, armada de um revólver, ela saiu de casa disposta a matá-lo. Valeu-lhe ter aparecido um amigo de família que conseguiu dissuadi-la do seu intento. Desafortunadamente, a cena fora presenciada por meia dúzia de

transeuntes, que se encarregaram de espalhar o escândalo. § — E o filho? — perguntou Madalena, comovida. § — Morreu à nascença. § Virginia enfrentou com amargura e coragem a flagelação com que a sociedade burguesa da época a castigou. Estava-se no início do século [XX], podia-se fazer tudo e mais alguma coisa, desde que não constasse. (Marques 2000: 35)

Assis Esperança (1892-1975), em *Trinta Dinheiros*, assim como Carlos Martins em *Madeira — Mar de Nuvens*, não perdem a oportunidade de satirizar os “convencidos” do Continente:

Homens e mulheres vulgares, que nas suas terras haviam exercido profissões das mais inferiores, pretendiam então arvorarem-se em presença de estranhos, em importantes individualidades. Despeitados, empenhavam-se em depreciar os madeirenses, à custa de quem se haviam civilizado e enriquecido. (Martins 1972: 34)

Por outro lado, é de sublinhar ainda as reiteradas alusões à jovem mulher madeirense, discreta e virtuosa, com longa tradição nas Letras afectas à Madeira,⁵⁹ sem deixar de lembrar as “velhas

⁵⁹ Essa perspectiva da mulher madeirense poderá ter origem no famoso relato que ficou conhecido pela designação de “o rapto de Isabel de Abreu” contado pela primeira vez, em letra de forma, pelo jesuíta e historiador de origem açoriana, Gaspar Frutuoso, em *Saudades da Terra*, no século XVI: “[na boda de D. Isabel de Abreu e António Gonçalves da Câmara] onde se gastaram ricos e esquisitos manjares de toda a sorte, como os sabem fazer as delicadas mulheres da ilha da Madeira que, além de serem muito bem assombradas, mui fermosas e discretas e virtuosas, são extremadas na perfeição deles e em todas as invenções de ricas cousas que fazem, não tão somente em pano com polidos labores, mas também em açúcar com delicadas frutas” (citado no *Elucidário Madeirense*, s.n. “Abreu, D. Isabel de”; actualizámos a ortografia do excerto). Para conhecer melhor os contornos desta curiosa história de amor, de raiz madeirense, remetemos o leitor para Ferreira de Castro que a ela se refere, resumindo-a em traços largos, no capítulo VI de *Eternidade* (Castro 1989: 94-96), para Horácio Bento de Gouveia que dela faz uma síntese na crónica intitulada “Da História da Madeira: Amor

meninas”, condição de mulher solteira evocada num poema epónimo de Edmundo de Bertencourt (1899-1937), e presença assídua na produção ficcional de Helena Marques, como se poderá comprovar em *O Último Cair*:

As velhas meninas fazem parte de todas as famílias, são tão inevitáveis, indispensáveis e estimadas como as velhas criadas. Têm mãos hábeis ou congénita preguiça, mentes atentas e vivas ou uma irremediável indiferença pela vida que decorre à sua volta mas de que quase não fazem parte. Partirão antes do jantar, recusando delicadamente o delicado convíte, sairão com a sua única criada, tão velha ou sem idade como elas próprias e, no dia seguinte ou dois dias depois, baterão à porta de outros parentes próximos ou distantes, acompanharão uma prima ao médico, à modista ou às compras e, silenciando a educação cristã e os ensinamentos de caridade ouvidos na infância, comentarão os últimos boatos da cidade, desfazendo reputações ou erigindo novos modelos de virtude, de beleza ou de espírito. (Marques 1993: 62-63)

A saída do jovem estudante da freguesia rural para a Cidade viria também constituir um dos motivos recorrentes em crónicas e em textos de ficção da época. A sua iniciação à Cidade implicava, frequentemente, a visita a “uma casa de rameiras”, aproximando-se dos romances de aprendizagem. Essa experiência pode ser lida em *Canga* quando o protagonista é convidado pelo colega

desvariado” (V. *Camelhos da Ilha*, 1966, pp. 113-118) e para João França que pretendeu dar a este episódio histórico uma maior dimensão literária no romance *António e Isabel do Arco da Calheta*, 1985, de sabor naturalista, ao reduzir o enfoque sobre a historicidade em proveito da vida privada das personagens.

a experimentar a atmosfera particular de um lupanar na então afamada Rua dos Medinas (Gouveia 2008: 127). Por sua vez, Carlos Cristóvão (1924-1998) refere-se *No Vale de Machico*, publicado em 1966, a um bordel situado na Rua da Figueira Preta, no Funchal (Cristóvão 1990: 179). Pela voz do narrador fica-se a saber que o protagonista “andou, principalmente, nas ruas, onde ele sabe que existem bordéis” (Cristóvão 1990: 178) à procura do irmão. Em *Tristes Ilhas e Outras Conversas...*, Ricardo França Jardim recorda na crónica intitulada “Um amor feliz” que nos anos cinquenta “para os ritos de iniciação e práticas continuadas, existiam as casas de meninas na Rua Direita e na Travessa da Figueira Preta” (Jardim, 2002: 89). Sublinhe-se que até aos anos setenta do século passado, os estabelecimentos desse género eram confinados ao bairro dos Medinas, para lá da ribeira de Santa Luzia, relativamente à zona nobre e central da Cidade: a Rua Direita e a Rua da Figueira Preta.

No romance *Pernas Coifadas*, de Maurício Melim Teixeira, cuja acção se desenrola na cidade do Funchal na década de setenta, o pai tirano, fazendo uso da sua autoridade, irá referir-se ao tema como exemplo do que não se deve fazer:

Quem manda aqui su eul! S’a menina nã quer asseim, rual Mei na minha casa quere respeit! Lu mate-te, se sei de mai saídas ao correil.... Aquei dentre nã ia lugá p’a melheres baratas. A Rua da Figueira Preta nã ia aqueil! (Teixeira 1975: 101)

A referida obra *Trinta Dinheiros*, de Assis Esperança, faz alusão à prostituição de luxo no Funchal, quando se refere à secretária-amante de Araújo de Melo, um cavalheiro de indústria: “Ora se já não me perco, nunca serei da laia das mulheres que

os vapores da carreira para aqui trazem todos os quinze dias, contraradas para cabarés e casas suspeitas” (Esperança 1958: 24). Uma temática retomada em algumas páginas mais adiante pelo narrador ao referir-se ao protagonista:

E como nunca tomara parte com outros industriais nos escândalos que a cidade indignadamente comentara: orgias em cabarés, mulheres regadas ou tomando banho em chaminhanhe; como nunca se deixara colher pelas profissionais dos clubes nocturnos, que enchiam os hotéis do Funchal [...]. (Esperança 1958: 56-57).

De acordo com António Ribeiro Marques da Silva (1932), os cabarés mais frequentados em meados do século passado eram o *Royal*, o *Tivoli*, na Rua Fernão de Ornelas,⁶⁰ e a *Esfera* (Silva 1997: 72) onde não faltava o *Swing*, para “os engates”, como lembra Ricardo França Jardim (Jardim 2002: 89).

Mas nem sempre de cabarés se fazia o percurso do jovem do campo na Cidade na Madeira nos primórdios do século XX. A descoberta e o contacto com outras culturas e outros modos de ser constituíam, sobretudo, um convite irrecusável para a viagem. O Funchal impor-se-ia como abertura para o mundo oferecida por uma eventual e sempre possível partida para outros continentes, confirmada pela forte taxa de emigração registrada na época. Veja-se, a este respeito, *Torna-Viagem*, de Horácio Bento de Gouveia, os contos “O Emigrante”, de João França, e “O Funchal é que é”, de Luís de Sousa Melo.

Outras obras como *Eternidade*, de Ferreira de Castro, *Trinta Dinheiros*, de Assis Esperança, alguns romances de Carlos Martins

e de Horácio Bento de Gouveia podem ser exemplo da narrativa de costumes que tem como principal objectivo questões de carácter moral e gestão de afectos em ambiente tendencialmente urbano. Desdobrando-se em aventuras e histórias de amor, bem ou mal sucedidas, a exposição de ideias contrárias às que regulam a vida social, a descrição de hábitos relativos a desportos, lazer e excursões, bem como o fascínio pelo mundanismo e pelo culto da arte veiculam uma análise social do meio envolvente através da voz de um observador-narrador que reflecte sobre determinadas situações do quotidiano.

A par de reflexões sobre cenas recorrentes da vida na Cidade, a actividade jornalística e literária viria contribuir para o desenvolvimento de um olhar crítico sobre o quotidiano. Como reflexo da vida mundana, as colunas sociais constituíam objecto de atenção por parte da população, em particular, da residente na Cidade. Nessa rubrica, as famílias de bem anunciavam à sociedade os acontecimentos importantes da vida, tais como saídas prolongadas e regressos, casamentos, nascimentos, falecimentos, aniversários, cerimónias e festas, dando conta aos familiares, amigos e conhecidos da sua disponibilidade para receber visitas de cortesia. Para além disso, constituía um espaço em que se proporcionava a leitura de breves peças literárias originais, tais como poema, crónica, bilhete, carta ou conto. Um hábito que permitirá dar a ver um outro, o da importância da actividade jornalística e literária. A este propósito, Alberto Vieira nota a influência da imprensa madeirense do início do século XX, nomeadamente, o *Heraldo da Madeira* (1904-1912) e o *Diário da Madeira*⁶¹ (1912), que estiveram, de algum modo, ao dispor da “Geração do Cenáculo” (1910-1940), com o Padre Fernando Augusto da Silva, João dos Reis Gomes

⁶⁰ Espaço onde actualmente se encontra uma loja de Têxteis.

⁶¹ O *Diário da Madeira* (1912) ainda se publica, mas com uma periodicidade irregular e dilatada no tempo.

e Alberto Artur Sarmiento: “Aí dava-se a público o relato das discussões havidas no hotel *Golden Gate* à porta fechada, e se ditava o percurso da hystiografia nascente da primeira metade do século” (Vieira 1995: 64).

O Funchal parece, desse modo, mostrar-se sensível a uma abertura ao mundo das letras e do jornalismo. Não é de admirar que o escritor Horácio Bento deixe transparecer um Funchal de cariz múico, como na crónica intitulada “Funchal de ontem, Funchal de hoje”.⁶²

Quase em frente do cais, o café Kir-Car tinha a frequência diária dos poetas e jornalistas da época: Jaime Câmara, Feliciano Soares, Carlos Marinho Lopes, João Marinho de Nóbrega, Teodoro Correia e Henrique Pereira. [...] Mas o café que por excelência se distinguia dos demais era o do rés-do-chão do Golden Gate [...] onde se viam sentados, tertulhando [...], os vultos de mais fastígio na literatura e no jornalismo da época: Reis Gomes, Comendador Figueiredo, Luís Pinheiro, Dr. João Ferreira, Dr. Elmano Vieira, Francisco Bento de Gouveia, Tenente-Coronel Sarmiento e Baptista Santos. (Gouveia 2007: 126-127)

Com efeito, a imprensa regional constituía-se, desde há muito, como o suporte da vida literária.⁶³ Nesse espaço de informação, de investigação e de criação literária, até havia lugar para um periódico humorístico, o *Re-Nhan-Nhan* de Gonsalves Preto, que representava um projecto de jovens inconformados que souberam

⁶² Publicado inicialmente no *Diário de Notícias*, Madeira, 21-VIII-1982, e republicado em *Crónica Madeirense (1900-2006)*, op. cit., pp. 125-129.

⁶³ Confrontar, por exemplo, os periódicos *Diário de Notícias*, o *Jornal da Madeira*, o *Comércio do Funchal*, o *Esbo do Funchal*, o *Das Artes e História da Madeira* e a *Voz da Madeira*.

ao longo de décadas cumprir a função social de zurzir com sátiras de bom-tom as personalidades do poder político e económico da Ilha.

Por sua vez, Carlos Martins em *As Figuras de Praia do “Marro-Wanda”* irá, através da personagem Marco Carlos, denunciar a pressão que se fazia sentir no meio literário na Ilha, em meados do século XX:

Temos, incontestavelmente, na Madeira, rapazes de grande valor literário, mas, motivados às suas dependências, têm que limitar-se a escrever repimidos, constrangidos, ou então produzirem obras neuráticas, que bem se adaptariam ao século passado, a fim de harmonizarem com a mentalidade de uma grande percentagem dos seus leitores e dos que lhes dispensam protecção. E, assim, quando os novos com ideias vastas e horizontes desanuviados pretendem ilustrar-se e procurar distração na leitura, têm que recorrer a traduções de autores estrangeiros, tendo nós, na nossa terra, tão bons e indiscutivelmente melhores. (Martins 1977: 95)

Com o desenvolvimento hoteleiro dos anos setenta, a Cidade revela-se atenta aos novos interesses, criando espaços de sociabilidade e, por conseguinte, de outros hábitos: os cafés e os restaurantes, as discotecas e as *boîtes*, a prática de desporto, os passeios no ruidoso automóvel do filho-família, a música *pop* no recém-comercializado gira-discos e o convívio com os estrangeiros. Se a leitura do romance *Canga*, de Bento de Gouveia, permitia ainda verificar alguma reprovação por parte do narrador relativamente às influências de certos comportamentos libertinos

importados, a então chamada “nova vida” dos jovens funchalenses deixará de ser entendida como dissolução dos bons costumes, mas como ponte de acesso a outras culturas numa clara abertura a outros horizontes.

Todos esses dados virão mostrar possíveis aspectos de uma nova configuração social da urbe em oposição ao universo fechado e patriarcal que até ao momento pontificara. O Funchal tornar-se-á, pois, o espaço cosmopolita da contemporaneidade, acompanhado de alguns novos hábitos, como ilustra o romance *Margareta*, de Bento de Gouveia: os jovens, doravante, encontram-se em esplanadas, de que o “Apolo” ou o extinto “Clube Inglês”, hoje designado “Quinta Magnólia”, podem ser exemplo. A noite, ritmada com tragos de uísque, era habitualmente passada nas *boîtes*, o “Galáxia”, o “Farol”, o “Copacabana” e o “Geminis”.⁶⁴

Importa ainda referir o livro de contos *A Santa do Calhan*, publicado em 1992, onde Maria Aurora Garvalho Homem evoca a noite funchalense dos anos oitenta, a das derivas, dos encontros e desencontros nos bares, nos clubes e nas discotecas. É o caso do conto “Para ouvir Albinoni”, em que um homem e uma mulher trocam o “barulho” ensurdecedor de uma discoteca da Cidade pelo sossego de uma casa – a do protagonista – para, como anuncia o título, ouvir Albinoni, na “aldeia piscatória” de Câmara de Lobos.

Em “*Bites* na cidade velha”, conto também escrito sob o signo da música, evoca-se o clube privado do pianista Sérgio (à lembrar Toni Amaral) na zona velha para “músicos, jornalistas, artistas, alguns noctívagos e poucas mulheres, de preferência estrangeiras, acompanhantes de ocasião dos homens, que nos hotéis da cidade animavam os turistas” (Homem 1992: 97).

⁶⁴ A discoteca Geminis abriu as suas portas em 1966, funcionando no então Hotel Nova Avenida, actual Conservatório de Música.

Em “Uma torrada, uma «chinesa»”, é traçado em rápidas pinceladas o retrato e o percurso de vida de uma prostituta nascida na zona velha, que conseguiria o estatuto de senhora casada e respeitável. Sentada à mesa de um café, a sua pose assume-se como modo de representação dos hábitos sociais de uma classe média em ascensão.

Mais recentemente, situado já nos anos 2000, a noite funchalense, a sociedade de consumo e a busca de novas sensações é evocada por Constantino Lopes Palma (1939), em “O travesti de Fabíola”, “O shot duplo de Vanessa”, “Betty, Arlette e Suzette – o enterro do osso”.

Esta tendência para o hedonismo foi também observada por Onésimo Teotónio Almeida quando, no seu estilo próprio, pontreado de humor fino e de alusões subitís, aborda no seu “Prosema a uma ilha vizinha”, numa perspectiva comparativa os Açores e a Madeira, uma explicação baseada no determinismo climático:

Céu azul e luz meridional não alimentam depressões nem sufocos de prisão na insularidade que no Funchal inSOLaridade cor vigora e cosmos é o que mais há mesmo alta noite e daí o *Copius Nigh* outra vez a contrastar com a *Opus Die* de há pouco nos Açores (Almeida 2004: 36)

Além de expor a galeria de tipos sociais, de oferecer o esboço de carácter sociológico de estabelecimentos particulares, de registar a evolução de mentalidades e de representar muitos dos gestos do quotidiano e estilos de vida, a literatura mostra o Funchal como o espaço privilegiado da produção intelectual da Ilha e, sobretudo, como o lugar de oportunidades, de encontros e de desejos. Mais próximo da actualidade, várias crónicas apresentam-se-ão como documentos sinceros sobre a Cidade, relatando as suas formas de vida social e cultural e captando as suas novas tendências.

2. Paisagem urbana: memória, identidade e consciência crítica

Na produção literária de autores que recorrem ao Funchal como cenário para as suas obras, a Cidade emerge como um espaço privilegiado, pleno de referências trabalhadas pela acção da memória afectiva. A Cidade, memorável pela sua configuração urbana e dinâmica social, tende a funcionar nos textos como um sistema de ressonâncias da vida dos autores, de experiências fundadoras de mitos pessoais e de valores espirituais de que entendem ser os legítimos representantes em nome da terra e da comunidade que os viu nascer ou que adoptaram, dando a ver assim um registo de experiências do quotidiano que retrata a vida e a época. Movidos pela memória afectiva, não sem esquecer uma perspectiva histórica, recriam o ambiente social e caracterizam a paisagem e as gentes que conheceram, oferecendo, deste modo, uma literatura-testemunho, num jogo onde se entrelaça a crónica, a memória e a ficção. E esse “delimitar do território passa, forçosamente, pelo processo de recuperação dos lugares, através da evocação do tempo por vezes nebuloso da memória”, como escreve Ana Margarida Falcão (Falcão 2008: 167). Nesta linha, poderá considerar-se *Luísa Maria*, vindo a público em 1986, de Bento de Gouveia, certos contos de Ernesto Leal, algumas crónicas de Ricardo França Jardim. São de assinalar, ainda, os romances *O Último Cair*, de 1992, *A Densa Sentada*, de 1994, de Helena Marques, bem como *Um Dia Depois de Outubro*, de 1999, de Margarida Gonçalves Marques, narrativas de ambiente “burguês”, da memória feminina seguindo percursos de identidade. E ainda *Angélica e a Sua Espévia*, publicada em 1993, o livro de memórias *A Pentecosta ou o Fim do Caminho*, de 2004, de Irene Lucília Andrade, ficções envoltas numa forte carga poética de onde surgem, frequentemente, considerações filosóficas sobre a vida citadina e insular.

Na maior parte da ficção e da crónica,⁶⁵ Horácio Bento de Gouveia prende-se ao “Funchal d’outroza” que vai da implantação da República até à Guerra de 1939-1945, que antecede as grandes transformações de que a Cidade beneficiou sob o mandato do então Presidente da Câmara, Fernão de Ornelas Gonçalves,⁶⁶ entre os anos 1935-1946.

Em *O Último Cair*, Helena Marques irá retratar as últimas décadas do século XIX e a sua viragem para o século XX, num registo de nostalgia da insularidade que transmite o espírito do lugar, impondo-o como entidade aocranial que contrapõe com os protagonistas: “[Marcos] respira fundo o vento que sopra da terra e o cheiro salgado a maresia, começa a absorver, numa alegria esquecida, os sinais da ilha, a linguagem da sua presença sólida e solitária, o acolhimento da sua certeza e da sua força.” (Marques 1993: 49-50). Através da sua obra, a autora traça um mapa cultural da cidade: projecta o elitista Clube Funchalense e os seus bailes de beneficência, tece comentários acerca do hábito de leitura do *Diário de Notícias* local, lançado em 1876, faz referências ao cemitério das Angústias, à casa do Vale Formoso, à Escola Médica do Funchal,⁶⁷ onde se terão formado as primeiras médicas madeirenses,⁶⁸ em 1902, à crescente tensão entre monárquicos e republicanos, e ainda ao *Bálio*, vapor costeiro que a partir do Funchal circundava a Ilha, ligando as diferentes freguesias do litoral.

⁶⁵ V. a esse respeito Thierry Proença dos Santos, “L’image de Funchal dans l’œuvre de Horácio Bento de Gouveia”, Centre de Recherche sur les Pays Lusophones-CREPAL, Cahier n° 14, *Variés du Paysage*, Jacqueline Penjon (dir.), Paris, Presses de la Sorbonne Nouvelle, 2007, pp. 195-212.

⁶⁶ V. a esse respeito a monografia *A Obra de Fernão Ornelas na Presidência da Câmara Municipal do Funchal 1935-1946*, de Agostinho do Amaral Lopes, Funchal, E.M. Funchal 500 Anos, 2008.

⁶⁷ A Escola Médica do Funchal foi criada em 1836 e extinta em 1910.

⁶⁸ Helena Marques refere-se a D. Palmira Conceição de Sousa e D. Henriqueta Gabriela de Sousa.

Nessa mesma obra, Helena Marques não deixará de evocar os nobres costumes e gostos da burguesia funchalense que, zelosa da sua identidade, fazia questão de manter a tradição bem como marcar a diferença. É o caso de um “Madeira” fino e raro, bebida tomada em momentos especiais que celebra o orgulho nas origens sociais e geográficas e os momentos importantes da vida:

Frederico de Magalhães [...] era também um apreciável conversador. [...] Discreto, porém, não querendo monopolizar as atenções, aproveitou o pretexto que lhe proporcionava o vinho Madeira, servido em preciosos, delicados cálices de cristal, para informar-se sobre o famoso néctar que ele, pessoalmente, afirmava-o sem hesitação, considerava superior ao porto. Foi um júbilo, todos sorriam desvanecidos. “Mas que castas existem, quais são os melhores?”, quis ele saber. Uma das senhoras mencionou o malvasia, o boal, o verdelho, o sercial. “E o Terrantês”, acudiu Constança, “não esqueça o terrantês. Até existe um ditado que recomenda *Se tens umas terrantês, não as comas nem as dês, para vinho Deus as fez*. Hei-de pedir ao tio João que mande servir-lhe um cálice.” Mas João Vaz, bonacheirão e afável, recusou: “Quando casares, Constança, quando casares abro uma garrafa de terrantês.” Ela corara – e ficara quase bonita, perturbada pelo olhar de Frederico, [...] (Marques 1993: 42-43)

Neste sentido, é a Cidade que através dos seus “sinais” e da sua “linguagem” dá a ver a sua “presença sólida e solitária”, respira, comenta, anuncia, sonha, assiste, acolhe e se despede dos seres que nela vivem.

Além do já referido *Dona Joana-Rabo-de-Peixe*, de João Carlos Abreu, acrescente-se *Memórias com Mar*, de 2002, em que através de reminiscências de infância relativas aos anos cinquenta-sessenta,

Francisco Fernandes reconstrói a imagem do núcleo familiar, dando a ver as relações entre os diversos membros, unidos na viagem pela vida e pelo sonho. O autor evoca assim o avô Quica:

Carpinteiro naval por profissão, desenhara e construíra barcos nos estaleiros do Arsenal, à beira do Almirante Reis, metamorfosceava em peças de mobiliário as tábuas mareadas de barcos desfeitos, transformava em tempos vidrados de mesas de sala, as vidraças naufragadas de navios afundados. De perneio construía viagens de sonho pelo mundo, nos seus Atlas, como se tivesse um agente de viagens ou um barco à vela navegando nos seus olhos azuis. (Fernandes 2002: 18)

Por sua vez, em “Funchal *revistada*”,⁶⁹ é na memória dos lugares afectivos que o seu autor, António Fournier (1966), procura um reencontro com a vida:

Eua confirmando os lugares a oeste do meu coração. (...). § dentro do meu perímetro afectivo, só havia árvores e presenças fixas: a anoneira com o seu cone perfumado; a abacateira que enchia o chão de bolinhas verdes; a pitangureira com os frutos vermelhos sobressaindo por entre as teias de aranha; as pimpineleiras que corriam ao longo dos muros juntamente com as lagartixas; o ribeiro próximo onde na primavera coaxava uma ou outra rã; e a fazenda, sombria e misteriosa, debaixo das laradas da vinha. § as únicas presenças estranhas chegavam sempre com notícias do campo. Vinham não da cidade lá em baixo, mas da outra lá em

⁶⁹ O autor retomou, nesta versão amplamente revista, o texto epónimo publicado na revista *Margem* 2, n.º 16, Outubro 2003, Funchal, Câmara Municipal do Funchal, pp. 8-15.

cima, que dialogava continuamente com o coração selvagem da ilha: as mezinhas da curandeira e o cheiro a alecrim queimado que purificava a casa do mau-olhado, e o apito familiar do leiteiro, que descia todos os dias das montanhas, pontualmente ao meio-dia, com a sua corça de vime e as vasilhas de vários tamanhos onde media escrupulosamente a razão diária de leite fresco que eu ia recolher para a minha mãe. (Fournier 2010: 14-15)

Nos livros de recordações sobre histórias de famílias ou de lugares de infância, a Cidade, apesar das suas carências, afigura-se como um refúgio que abriga e protege. Em despeito de um tom nostálgico, as narrativas de memória insular impõem-se como actos simbólicos que tendem a elevar o antigo equilíbrio social e a expressar o fascínio pelas origens, determinados pela angústia e pela saúde que a contemporaneidade pejada de incertezas pode, por vezes, suscitar.

Todaya, as inelutáveis e naturais transformações da Cidade levam diversos autores a sentir a necessidade de alertar contra a descaracterização da paisagem urbana aliada aos perigos do progresso, da mesma forma que expressam um sentimento de impotência relativo a mudanças não desejadas que a capital insular sofreu. Parece ser o caso de *Um Barraco na Boca*, de 1971, em que António Aragão alerta para o rápido crescimento da Cidade:

tomava-se rapidamente a cidade com os olhos. rápido demais. em especial quando se olhava dum desses miradouros a que se obrigava os turistas: **veja a torre da Sé ao centro. a doca mais abaixo. o velho forte. e os jardins do Casino à direita.** e depois? depois as ruas tortuosas e estreitas reduziam-se ainda mais quando vistas das janelas consumidas. ruas amedrontadas de carros. sem jeito para se andar. nem de carro nem a pé. (Aragão 1993: 166)

No livro de crónicas intitulado *Miscelânea de Memórias*, de 1999, Maria da Conceição de Oliveira Caldera adianta, em “Das minhas janelas...”, com alguma ironia de permeio:

Durante alguns anos pudemos observar os navios grandes e pequenos a entrar e a sair do porto. Víamos a elegância e a beleza da Sé e podíamos acertar horas pelo seu relógio. Nunca pensámos que ela, a Sé, nos pudesse um dia ser roubada. Quando começaram as construções na Elias Garcia e começamos a ver desaparecer outras torres ou telhados em forma de torre, uma certeza que não queríamos aceitar começou a invadir-nos. [...] E, aos poucos, todos os dias, desaparecia mais uma nesga. A torre da Sé foi diminuindo. Da minha janela, eu despedia-me dela ou da sua torre. Um dia chegou a vez do relógio, depois era mais torre que se ia [...]. (Caldeira 1999: 225)

Na mesma esteira, Carlos Lélis propõe a micro-crónica “Um sonhador para a cidade”, em *C/Sem Ch/Xeques Carreias*, de 2003, onde denuncia os lucros fáceis do “progresso, fortunas, desenvolvimento”:

Os que se atiram a lucros-relâmpago, fura-que-fura, § ou têm parafusos a mais, ou são o pai e mãe de... tramóias, jigaíogas. §§ A obsessão deste nosso desenrasca era pelo “centro da urbe”. § Os engenheiros da Câmara chumbava-no d’enfada, § por (re)questos técnicos, aberração estética, inchaços de volumetria. § O pato-bravo meia projectos, dava-lhe na bolha e na telha... § e padecia engulhos, *enguijas*, uma encrenca! §§ Até que «o jagodes» foi esmiolando umas cercas e alçados, § os coeficientes para... p i s o s - e x t r a, à tripa-forra § – e um tipo de medidas “condicionadas”,

na área de Monumentos!... § Viram-no às voltas, à ro(n)da da Catedral, catalogando... a olhómetro. § Dias a fio. E foi numa madrugada que se lhe rebentou a placenta... § à nasença de um desígnio: progressol, fortunas, desenvolvimentol... § se aquela estimativa (bestial, *um crânio*) vingasse, a l a s t r a s e : § e bastava aumentar DOIS ANDARES à Torre da Sé e... § e todos os edifícios, na *reinvólta*, a treparem andaines de bradar “*ó céu!*” e... § e a construção a facturar empreitadas... de torres, espigões! E... *ibibini*... § e... Euro-récibos, ao câmbio de m i l h õ e s ! ... § O rasilho da proposta foi já lançado por aí, «fógol» § Até Dezembro, o isqueiro do engenhocas não acendeu entusiasmos... § — «O Funchal já está a arder?» (Leitis 2003: 161)

A percepção de estranheza suscitada pela transformação acelerada da cidade onde se vive desde a infância também virá ter expressão literária em algumas obras de Irene Lucília Andrade, nomeadamente *Angélica e a Sua Espéctre*, onde a protagonista denuncia:

num diário secreto a vertigem da urbe invadida pela máquina e pelo fumo. A cidade começava a perder a sua qualidade de abrigo para se tornar no grande monstro devorador da serenidade. Crescia de fora para dentro, comprimia-se entre colunas e cubos de cimento com olhos de metal e vidro. [...] O automóvel vencia a meta ao modorrento carro de bois. [...] O ruído destruía a sonoridade essencial da vida. A bosta de boi espalhada pelas ruas estimulava os brônquios e curava a tosse convulsa, mas agora em vez da bosta, cada vez mais se acumulavam os detritos de plástico e outros resíduos ofensivos. Afinal o que tornava a cidade diferente era apenas o carácter dos lixos e não a condição da salubridade ou o processo da beleza. (Andrade 1993: 19)

Igualmente em voz feminina, no romance inédito *O Capitão Tormenta*, de Ângela Caires, e nos livros de contos *A Santa do Calhan*, de 1992, e *Para Ouvir Albinomi*, de 1995, de Maria Aurora Carvalho Homem, dar-se-á a ver o retrato de distintos ambientes sociais e relações de intimidade no contexto dos anos setenta e oitenta. Os lugares percorridos pela escritora parecem assumir a função de caracterizar personagens, em particular femininas, onde de forma recorrente se ilustra o drama e anseios da mulher, o leque de opções oferecido pela vida cosmopolita, o espírito conformista e egoísta dos homens, fazendo múltiplas vezes uso de um refinado humor irónico, com magistral desenvoltura ou, mais raro, de um inusitado sentido trágico.

A estas vozes femininas de inconformismo juntam-se *Contos de Marié Cheia*, de 1995, de João Luís Aguiar (1959), e *Estórias da Ilha e do Sufoco*, de 2001, de Luís Ladeira (1950), bem como alguns contos de Víale Moutinho, assumindo contornos de uma eventual reacção ao ambiente político-social. Trata-se de narrativas que parecem insinuar “uma” Madeira de desencanto e de protesto contra uma sociedade fechada sobre si mesma.

No referido livro de contos de João Luís Aguiar, leia-se “Cala-te!”, texto marcado por um tom sarcástico que desenvolve o tema da incomunicabilidade. Da observação do que se diz e se sabe acerca do “poder político” e do “quarto poder” deriva o desencanto do protagonista:

E entrou pela cidade a ver o que acontecia [...]. Desceu a calçada, entrou no café do senhor José, comprou o *Diário de Notícias* e sentou-se no balcão. [...] § Numa das mesas, estavam uns velhotes, sentados. Falavam de política. § — Quem domina a

comunicação social domina tudo. § — Quem manda nisto é a Quinta Vigia. Eles é que mandam. [...] — Este povo vive numa ilha e não se importa de viver na miséria. § — Vejam Cuba. § Parecia que as ilhas tinham caído na fatalidade da intolerância e do silêncio. § — Se tu falas eu não falo — dizia um deles, irritado. § — O menino que se cale porque não percebe nada. § — Mas o público... § — O jornalista suga, das misérias dos outros, a notícia. § Ali ninguém dava a palavra a ninguém. Todos queriam falar ao mesmo tempo e isso é o que interessava. Não se ouvia nada, não se sabia nada. Tudo ficava pelo meio, as palavras, as vontades, os humores. (Aguar 1995: 42-43)

“O tubarão”, conto de Luís Ladeira, irá metaforizar o homem-ameaça de “uma estranha casta de indivíduos [que] apareceu na cidade?”:

Tinham focinho aguçado e salientes e afiados dentes. Ostentavam, no prolongamento da nuca, uma elevação em forma espinha. Sobravavam pastas diversas. Eram tratados por excelências. § — Eu bem desconfeitei — disse de si para si, num murmúrio inaudível, o perspicaz Policarpo. (Ladeira 2001: 18)

Essa ameaça latente parece pairar igualmente na narrativa de ficção *Hotel Paraíso*, de Laura Moniz (1967), em que a voz do texto oferece a sobreposição de vários planos — real/ficção, memória/onírico, sanidade/loucura, referencial/simbólico — com algumas sequências elípticas, desdobrando-se ora numa narração omnisciente ora numa narração na primeira pessoa (destacada

típo graficamente com *italico*), ao insistir numa imagem algo desoladora da Cidade:

[...]o meio dos seus devaneios, [José Benedicto] concluirá que não suportava tanto cimento nem o barulho dos automóveis e assim decidira escolher o *Hotel Paraíso*. De resto não lhe apetecia estar com os *jes men* da cidade. Na Rua Fernão Ornelas, pujante de movimento, onde dois guardiões, dois zeladores da justiça, cegos como ela, passavam os dias da semana, um, a tocar acordeão, e outro, a contar os passos na calçada. (Moniz 2008: 16)

Através de algumas personagens, Viale Moutinho parece estabelecer uma eventual ligação com a realidade insular, de que podem ser exemplo os contos “Telefore”, inserido no livro *Já os Galos Pretos Cantam*, de 2003, e “Santos, mortos e outros vivos”, publicado em *Destrução de um Jardim Romântico*:

A grande decepção que tive nesta viagem ao Funchal, quero registá-lo, foi não ter conseguido localizar na Rua dos Ilhéus a casa onde nasci e viveram meus pais, de que havia constância numa aguarela de Max Römer, que sempre se encontrava exposta no local mais visível das casas em que jámos vivendo na Europa, em Portugal e em França. A casa da Rua dos Ilhéus desaparecera e no seu lugar restava um buraco enegrecido, como se uma entidade musculadamente poderosa tivesse arrancado a casa dali e a tivesse engolido ou remetido para outro planeta. E recordei-me da noite da chegada de quando o céu se rasgou. Para mim, afinal de contas, o Funchal existia pela planta de Mateus Fernandes, como se eu nunca tivesse abandonado a segunda metade do século XVI. (Moutinho 2008: 194)

Enquanto testemunhos atentos das profundas remodelações urbanas e do desenvolvimento socioeconómico acelerado dos anos noventa e dois mil, os autores parecem revelar, desse modo, alguma preocupação com eventuais perdas de valores culturais, morais e referentes identitários relacionados com a própria evolução da Cidade e dos costumes. Dessa consciência crítica parece derivar uma visão da Cidade que traduz a perplexidade perante as aceleradas expansões e transformações a que tem sido sujeita nestes últimos anos, designadamente, o excesso de novas construções.

Sempre atentos à valorização do quotidiano, os escritores parecem captar, de forma sentida, o que se passa no mundo à sua volta. É nesta perspectiva que se poderá encontrar uma possível leitura para determinadas situações flagrantes transmitidas em fragmentos e em imagens, documentos comoventes com recomendações sobre os mais variados problemas, numa comunhão de palavras e de experiências, de ideias e de emoções. Para a construção de um todo que consiste em dizer – preservar? – a Cidade que tanto os cativa.

* * *

Considerou-se o Funchal como uma geografia decorrente de uma obra colectiva com as marcas da História e da evolução da comunidade que o foi moldando através das múltiplas visões que a narrativa de ficção e a crónica oferecem. Uma vez que esses discursos assentam em experiências na referida Cidade, os textos dos autores convocados contribuem não só para a cristalização da memória e da História dos seus lugares, mas também para a construção de um imaginário insular contemporâneo.

Para além da inventariação de algumas das imagens mais emblemáticas, as referências ao Funchal dão a ver a poesia do lugar, despertando a memória afectiva de todos quantos contact(ar)am com a Cidade e com a sua cultura. Dessa forma, valorizam-se e associam-se signos entendidos como parcelas da alma da Cidade, que o Funchal tem de duradouro, de particular e de autêntico, constituindo a metafísica da Cidade que alguns escritores interiorizaram e projectaram no papel.

Tendo em conta os projectos editoriais publicados recentemente,⁷⁰ a cidade do Funchal continua a representar um motivo de fascínio para escritores, a ser o fulcro da geografia sentimental para muitos que nela nasceram ou vivem. Até mesmo, quando acentuam uma visão crítica, a reconciliação com a Cidade parece mostrar-se sempre possível, talvez pelo sentimento de pertença interiorizado por todos aqueles que se deixaram impregnar pelo espírito desta Cidade, a cidade do Funchal.

⁷⁰ V., por exemplo, as monografias *Crónica Breve da Cidade Anónima – À Hora do Torço*, de Irene Lucília Andrade (Funchal, E. M. Funchal 500 Anos, 2008), *12 Mezes No Funchal*, colectânea de contos de vários autores organizada por António Fournier (Funchal, E. M. Funchal 500 Anos, 2008), *Registros – Romanas*, de António Loja (Funchal, O Libertal, 2008), *O Barcar Alentejo – Romanas*, de Helena Marques (Lisboa, D. Quixote, 2010), *Velhos Densos Empalhados*, de José Vale Moutinho (Porto, Afrontamento, 2010), *Contra a Corrente*, de Graça Alves (Vila Nova de Gaia, 7 dias 6 noites, 2011) e o conto “Quando estávamos vivos”, de Ana Teresa Pereira (*Mealhada – Revista de Cultura*, n.º 25, Viana do Castelo, Centro Cultural do Alto Minho, 2010, pp. 19-24).

O FUNCHAL NA POESIA INSULAR DO SÉC. XV AO SÉC. XX

Ana Margarida Falcão

A autoridade e a capacidade de legitimação que uma determinada comunidade exerce na circunscrição do conceito de literatura—abalando por vezes “o duplo imperativo de universalidade e singularidade que caracteriza a literatura” (Lopes 1994: 136) — torna variável a identificação do objecto de estudo e a escolha de metodologias a aplicar ao material que nos propomos abordar. Com o objectivo de suplantarmos estas dificuldades, encararemos, pois, a poesia escrita na Madeira e/ou por autores madeirenses, tomando como ponto de partida e guia de percurso três vectores principais: o primeiro, um critério de escolha de autores e obras que pretende evidenciar aqueles que mais reconhecidos foram no arquipélago da Madeira, resistindo à prova do passar do tempo; o segundo, a presença da menção à cidade do Funchal no poema, dado o tema da presente edição; o terceiro, o privilegiar do século XX, em função do registo de um maior e mais profuso relevo da temática mencionada.

Os escritores do arquipélago da Madeira sempre estiveram, por um lado, enraizados numa tradição literária portuguesa e, por outro lado, e sobretudo a partir de finais do século XIX, preocupados em transmitir marcas regionais temáticas, fossem elas humanas, ambientais, sociais, políticas, culturais ou linguísticas. Esta preocupação é muito mais evidente na narrativa pois, no

que respeita à poesia, as épocas e movimentos literários que mararam a literatura portuguesa ao longo dos séculos encontram-se presentes na produção poética regional, na sua maioria sem grandes desfasamentos de modelos, tentativas ou, mesmo, inserção de temporalidade.

Efectivamente, os primeiros poetas residentes no Arquipélago, e cuja produção literária abrange o século XV, encontram-se representados no *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende*⁷¹ pelo ciclo ou escola poética da Madeira, havendo historiadores que assumem a este respeito o seguinte posicionamento: “Não se podendo, de facto, assumir como escola independente, mas antes um ramo do ciclo continental, para ela reivindicamos a grande virtude de ter colocado a ilha da Madeira na história da Literatura Nacional” (Stephane, Borges e Carita 1986: 21).

Constituindo-se como veículo desta primeira inclusão de referência aos poetas da Ilha adentro da produção literária portuguesa, e quase todos eles de um modo ou de outro relacionados com os primeiros capitães e donatários,⁷² nomearemos, nos séculos XV e XVI, Tristão Teixeira (?-1506), filho primogénito de Tristão Vaz e segundo capitão donatário de Machico,⁷³ João Gonçalves da Câmara (1414-1501), filho primogénito de João Gonçalves Zarco que lhe sucedeu na Capitania do Funchal e que chamou para a Ilha

⁷¹ O *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende*, publicado em 1516, engloba produção literária poética dos séculos XV e XVI, de 1450 a 1516, organizada por géneros, predominando a poesia em língua portuguesa, embora contenha composições em castelhano.

⁷² As capitánias do Funchal, de Machico e de Porto Santo funcionavam como pequenas cortes que imitavam Lisboa nos usos e costumes, inclusivamente no que às manifestações artísticas respeitava.

⁷³ Apelidado Tristão Teixeira das Darnas pela sua vida boémia, havia de ser uma personagem principal da novela *A Filha de Tristão das Darnas*, cuja primeira edição foi publicada no Funchal em 1909, com a autoria do escritor madeirense Major João dos Reis Gomes (1869-1950).

religiosos e clérigos letrados;⁷⁴ João Gomes (?-1495), conhecido como “o Trovador”, que teria sido escudeiro do Infante D. Henrique e um dos mais prolíferos poetas da época; Pedro Correia (?-?), capitão donatário do Porto Santo, genro de Bartolomeu Perestrelo e um dos principais poetas da escola da Madeira (Stephane *et al.* 1986: 75); D. Duarte de Brito (?-1514), casado com uma neta de Zarco, um dos mais considerados trovadores que constam do *Cancioneiro Geral* e um dos primeiros poetas a introduzir o lirismo bernardiniano⁷⁵ na literatura portuguesa; Manuel de Noronha (?-1535), neto de João Gonçalves Zarco e “um dos poetas que mais desafiou os outros poetas palacianos” (Stephane *et al.* 1986:127); Ruy Dias de Sousa (?-?), casado com uma neta de Zarco e, ainda, João Gomes Abreu (?-?), casado com uma neta de Tristão Vaz (Stephane *et al.* 1986: 141). Relevaremos aqui alguns versos de Francisco Alcoforado (?-?),⁷⁶ escudeiro do Infante D. Henrique e companheiro de Zarco que, na sua obra *Relação do Descobrimento da Ilha da Madeira*, descreve um Funchal ainda quase despovoado e a enumeração da construção das primeiras igrejas, a de Santa Catarina e a de Nossa Senhora do Calhau (Stephane *et al.*, 1986: 166 e 168):

[...]
fomos mais avante achamos um vale muyto fermoso
todo de seyxxos não avya nele arvoredo nenhum e hera
todo coberto de um funcho muyto fermoso a q chamamos
o funchal sahão deste vale ao mar tres Rybras

⁷⁴ Também figura como personagem na novela *A Filha de Tristão das Darnas*, do Major João dos Reis Gomes.

⁷⁵ Referimo-nos à influência de *Ménina e Moça*, de Bernardim Ribeiro.

⁷⁶ Consta que “o navio em que seguia este cronista terá sido o descobridor da ilha da Madeira e daí a presente narrativa” (Stephane *et al.* 1986: 159).

muyto fermosas no cabo deste vale estão dous jlheos
 [...] onde depois a capitoa costanca Rojz fez a igreya de
 samta cateryna e dally fundou a igreya de nosa sôra
 do calhaao que foi a prymeyra casa de igreya que se
 fez na ilha
 [...]

Elevado à categoria de cidade em 1508, o Funchal de finais do século XVI “movimentava-se guiado pela azáfama do porto, entre chegadas e partidas, trocas de mercadorias e arranjos de arruamentos e construções. Neste ambiente bulçoso e popular tinha grande aceitação a poesia dramática” (Falcão 1998: 21), a propósito da qual não podemos deixar de citar o nosso poeta cego Baltazar Dias (?-?). Poeta e dramaturgo prolífero, muitas das suas obras só foram publicadas no século XVII, como o *Auto da Malícia das Mulheres*, a *Historia da Imperatriz Porcina* ou as *Trovas sobre a Morte de D. João de Castro*. Admirado tanto pelo povo como pela fidalguia, a sua escrita era possuidora de uma forte herança do humor crítico vicentino, como o demonstra este breve excerto de *Conselho para Bem Casar*, de 1659, que satiriza certas mulheres do Funchal que procuravam casar por interesse (Stephan *et al.* 1986: 266):

[...]
 Muitas mulheres ha aqui
 de mui grande calidade,
 que cazam nesta cidade,
 com velhos mais que David
 para lhe lograr a herdade
 [...]

No século XVII a “cidade do açúcar” passa a ser também a “cidade do vinho”, na qual “os colonos empobrecem e os senhorios enriquecem em ambientes luxuosos onde a inclusão de manifestações artísticas e da literatura começa a fazer-se sentir, em parte por influência dos costumes dos ingleses” (Falcão 1998: 26). Nestes séculos, a influência continental do academismo e do arcadismo imperou na Madeira. Salientamos, entre os poetas, Manuel Tomás (1585-1665), provável capitular da Sé do Funchal que, embora nascido em Guimarães, se radicou desde muito novo no Funchal, onde poetou seguindo os preceitos da escola gongorista e onde escreveu vários poemas heróicos dos quais o que se tornou mais conhecido foi *Insulina*, de influência camoniana, publicado em Antuérpia em 1635, e do qual destacamos uma estrofe do Livro V que refere o porto do Funchal não só como abrigo das naus e navegantes mas também como local propício à construção da Cidade (Stephane *et al.* 1987: 75):

56.
 Passando ao Funchal, darás abrigo
 Em os Ilhéus, as Nãos, onde amparadas,
 Não temerám de Thetis o perigo.
 Nem as furias de Aeolo indignadas,
 E vendo na enseada o Porto amigo,
 E esta, mayor que as outras enseadas,
 Morada erigirás num sítio forte
 Pera abrigar, cõ’os filhos a consorte.

Muitos poetas do século XVIII seguiram, ainda, os ditames da *Fénix Renascida* e do *Postilhão de Apolo*, colectâneas que, no reinado de D. João V, pretendiam recolher as melhores obras poéticas

portuguesas, publicando nelas os seus poemas. Nomeamos, a título exemplar, Francisco de Vasconcelos Coutinho (1665-1723), bacharel e ouvidor da capitania do Funchal, autor do *Fendo do Parnaso*, publicado em Lisboa em 1729; o poeta e teólogo Troilo de Vasconcelos da Cunha (1654-1729), autor do longo poema filosófico *O Espelho do Inimigo*; o Dr. Nicolau Francisco Xavier e Silva (1701-1754), membro da Real Academia de História e emérito sonetista; e ainda António de Carvalhal Esmeraldo e Câmara (1662-1698), fidalgo-cavaleiro da casa de Sua Majestade e célebre pela autoria da sua única compilação poética *Gythara de Aónio*.⁷⁷

No século XVIII cresce o movimento portuário da cidade do Funchal não só em comércio mas também em função de um turismo ainda rudimentar mas promovedor e de uma emigração despontante que rapidamente se multiplicaria. “Nesta época, começam a intervir na literatura funcionários e pequenos burgueses influenciados pela continental estética da *Arábia Lusitana*, fundada em 1755 contra o academismo literário e o mecenaso régio, e de cujas discórdias nasceria a *Nova Arábia*, que não teria melhor consenso e futuro. No entanto, ambos os movimentos influenciaram a poesia sua contemporânea e, consequentemente, aquela que era produzida no arquipélago da Madeira” (Falcão 1998: 30-31).

Nesta linha de intervenção, Francisco Manuel de Oliveira (1741-1819), professor, tradutor e poeta, nascido no Funchal, deixou-nos *Quadras Glasadas* e dois volumes de poesia vária, intitulados *Escolhas de Poesias Orientais* e *Colecção Poética*, este último incluindo vários poemas dedicados a efemérides que no Funchal

⁷⁷ Encontrada no Convento de Santa Clara, esta compilação de 626 páginas contém cinquenta sonetos de Aónio, ou seja, António de Carvalhal Esmeraldo.

sucediam, como a Ode que compôs “Para romplimento de hum Oureiro celebrado em Louvor da Senhora da Luz, Protectora dos Estudos no Funchal”. Relevamos ainda, neste autor, a faceta da escrita de dramas líricos, como o que escreveu “Para a abertura do Theatro Público da Cidade do Funchal, na sua restauração depois de estar muitos tempos fechado pela discórdia de Empresários e Actores” com uma temática ainda hoje bem actual, cujas personagens, alegóricas, são a Discórdia, o Bomgosto, o Funchal e a Decência, e de cuja “SENA II” destacamos duas falas da personagem Funchal (Stephane *et al.* 1987: 217-220):

[...]

Func. Contra a Moral Christã, e seus preceitos,

Que só devem reinar em nossos peitos,

Juro não admitir divertimento;

E protesto guardar meu puramento.

[...]

Func. Com estas condições, Decencia, approvo

A erecção do Theatro; e já renovo,

Ó Bomgosto, contigo a sociedade,

Que rompeo da Discórdia a vil maldade.

[...]

Outro poeta de relevo neste século foi Francisco de Paula Medina de Vasconcelos (1768-1826), nascido na freguesia da Sé, no Funchal; falhados os estudos em Coimbra, regressou à Madeira como funcionário público, tabelião abertamente defensor do liberalismo; os seus escritos e atitudes polémicas acabariam por o levar ao cárcere e ao degredo para Angola, acabando por vir a falecer em Cabo Verde. Não esqueceu, contudo, a terra natal e, além de

vasta lírica, deixou-nos os poemas heróicos *Zargueida*, *Descobrimiento da Madeira* (1806) e *Georgieida* (1819). De *Zargueida* destacamos duas estrofes do Canto Sexto que referem o povoamento, a cultura e o desenvolvimento arquitectónico do Funchal (Stephane *et al.* 1987: 295):

VII

Tambem em premio desta Acção prestante
 Poderá Esse Heróe de Zargo o Nome,
 Porque João Primeiro, então Reinante,
 O de Camara, quer, que elle só tome:
 Vai tu ser (lhe dirá) d'hoje em diante
 Quem do Funchal o Povo reja, e dome;
 Vai ser o protector, o pai, o Amigo
 Dos que forem alli viver comtigo.

VIII

Vai povoar a Terra fresca, e pura,
 Que das nuvens roubaste ao negro seio;
 Trata alli mais, que tudo, da cultura,
 Que he d'hum Povoador todo o recreio:
 Edifícios erguer alli procura;
 Levanta Templos de brilhante asseio,
 Para que nelles rendas com decencia
 Fiéis adorações à providencia.

Ainda no século XVIII, já na transição para o século XIX, referimos Francisco Álvares de Nobrega (1772-1806), apelidado “Camões Pequeno”, nascido em Machico e conhecido sobretudo pelos seus sonetos, alguns deles satíricos, jocosos e anticlericais, o

que lhe valeu que lhe fosse dedicado um soneto por Bocage mas também lhe valeu a prisão. Embora, da cadeia do Limoeiro, tivesse enviado quinze sonetos dedicados a D. João IV, implorando perdão, muitos dos seus poemas haviam de continuar a ser escritos contra o prelado, como o soneto que escreveu aquando da partida, do Funchal, do Bispo D. José da Costa Torres, criticando-o e manifestando a sua alegria pelo seu afastamento, e do qual transcrevemos as duas primeiras quadras (Stephane *et al.* 1987: 310):

Alviçaras, Funchal! Da opressa frente
 Arranca em fim o ramo d'ácipreste;
 As alvas roupas de alegria veste,
 As fâces banha de prazer veementel
 O flagelo renaz da humana gente,
 Mais terribil que fome, guerra ou peste,
 Por decreto fatal da Mão celeste
 A seu pezar te deixa em paz contentel
 [...]

Na segunda metade do séc. XVIII o sobrepovoamento da Madeira accentua um forte surto de emigração para várias partes do mundo, o que será, de certa forma, compensado, no séc. XIX, por um turismo ligado às virtudes curativas do clima que traz à Ilha portugueses do continente e estrangeiros, sobretudo ingleses. Os poetas do Arquipélago haviam de ser, de certo modo, marcados por estes visitantes. Uma das influências revelou-se “na inclusão de mulheres nos meios artísticos e literários, destacando-se várias escritoras, quase todas pertencentes ao meio aristocrático ou à alta burguesia e impulsionadoras de actividades e eventos como

a tradução de escritores estrangeiros e a organização de saraus artísticos em casas particulares ou no teatro público” (Falcão 1998: 30-32).

De entre essas mulheres dedicadas às artes, destacaremos, na poesia, D. Matilde de Sant’Ana e Vasconcelos (1824-1888), Viscondessa das Nogueiras, que se dedicou à tradução literária de e para francês e inglês, escreveu romances e publicou poesia em coletâneas como *Flores da Madeira, Album Madeirense e Prelúdios Poéticos*.⁷⁸ Também a neta dos Viscondes das Nogueiras, D. Matilde Olympia Sauvayre da Câmara (1871-1957), nascida no Funchal mas educada em Paris, se dedicou, desde o seu regresso à Madeira, à poesia, à música e ao teatro. Muitas das suas canções eram por ela própria musicadas e levou algumas operetas à cena do Teatro D. Maria Pia, hoje Teatro Municipal de Baltazar Dias. Viajando frequentemente, não deixou nunca de referir a sua predileção pela terra natal, ou de salientá-la em ocasiões solenes, por exemplo, aquando da visita da Rainha Dona Amélia à Madeira, num poema, “Homenagem a Sua Magestade a Rainha”, do qual transcrevemos as últimas duas quadras (Marino 1959: 275):

[...]

Despir de flor’s as campinas.

Dar-lhes os raios de luar.

Os matizes das colinas

E das fontes o cantar.

Os sorrisos das crianças

E duma nação inteira,

Votos, saudades, esp’ranças,
Quando deixar a Madeira.

Destacaram-se ainda, na poesia de finais do século XVIII e século XIX,⁷⁹ entre outras mulheres, D. Maria Emília Acciaiuoli Rego (?-?), D. Georgina de Almeida (?-?) e D. Joana de Castel-Branco (1856-1920), todas elas com poemas antologados em *Flores Agrestes*, compilação da autoria de João Fortunato de Oliveira, professor, jornalista, prosador e poeta, que foi o organizador das primeiras colectâneas de poesia de autores madeirenses. Destes autores, relevaremos, no século XIX, e de entre muitíssimos mais, os seguintes poetas: José António Monteiro Teixeira (1795-1876), cônsul da França no Funchal, amigo de Chateaubriand e de Castilho, com obras publicadas em Portugal e em França; Jacinto Augusto de Sant’Ana e Vasconcelos Moniz Bettencourt (1824-1888), Visconde das Nogueiras, poeta e aventureiro referido por Bulhão Pato nas *Memórias* e por Ramalho Ortigão n.º 41 *Farpas*, que teve o prólogo de um dos seus livros de poesia, *Pátria e Amor*, assinado por Latino Coelho; João da Câmara Leme, 1.º Conde de Carvalhal (1829-1902), que entre a dedicação à política, à ciência e à medicina foi Governador Civil da Madeira e cuja obra se dispersa pelo ensaio científico, filosófico e político, abrangendo também a poesia, da qual destacamos, do poema “Adeus à Pátria”, uma estrofe que descreve a visualização do anfiteatro de montanhas que se podem observar do Funchal (Marino 1959: 127):

[...]

Os montes teus magestosos,

⁷⁸ Em 1880 Álvaro Rodrigues de Azevedo colige e publica produções poéticas populares e tradicionais da Madeira e do Porto Santo no *Romanário do Arquipélago da Madeira* (Teixeira 2005: 46)

⁷⁹ Para esta época, consultámos, predominantemente, *Musa Insular (Poetas da Madeira)* de Luís Marino.

Altivos, alevantados,
 Por frescos vales viçosos
 Uns dos outros separados,
 Par'cendo medonhos mares
 Que a tormenta erguen aos ares
 E foram petrificados:
 [...]

Referimos ainda Joaquim Pestana⁸⁰ (1840-1909), pela sua larga obra poética deixada em jornais, revistas literárias e almanques, conhecido e respeitado tanto em Portugal como no Brasil, e João Augusto de Ornelas (1833-1886), mais conhecido como prolífero romancista mas com poesia antologada nas colectâneas *Flors da Madeira* e *Album Madeirense de Poetas*⁸¹ e João de Gouveia (1888-1947), de seu nome completo João da Mata Carmacho Pina de Gouveia, inventor cujo nome chegou ao jornalismo parisiense mas que também se dedicou à literatura, do folhetim ao drama e à poesia. Apraz-nos citar, do seu livro *Atlante, tragédia da alma*, publicado em Lisboa em 1903, três estrofes do poema “Minha cidade”, uma apologia à cidade do Funchal (Marino 1959: 503):

[..]
 Funchal do alto mar e de altos montes
 Cidade-Azul que evocas a Suíça,
 E onde à beira dos lagos e das fontes
 Há lírios cor de neve e dizer missa.

⁸⁰ V. Nelson Versissimo (org.), *Joaquim Pestana - Poetas*, Madeira, Câmara Municipal de Câmara de Lobos, 2010.

⁸¹ Enumeramos, ainda, as colectâneas *Flors da Madeira*, de 1871, *Romanceiro do Arquipélago da Madeira*, de 1880, *Album Poético e Charadístico*, de 1883, *Almanach Madeirense, Literário e Charadístico*, de 1884, e o *Album Madeirense*, de 1884 (Teixeira 2005: 45-57).

Cidade aonde há sempre sol doirado,
 Mas sempre triste de me ver chorar,
 E onde passeiam, a cumprir o fado,
 Tuberculosos pela beira-mar.
 [...]
 Molha-te o mar a fimbria da túnica;
 Coroam-te o alto os pinheiros da serra;
 Cidadel! És grande, e para mim a única
 Que eu posso amar e querer em toda a Terra!

Mas não só de poesia erudita se faz a vivência da poesia na Ilha. Fazemos, pois, questão de nomear ainda Manuel Gonçalves (1858-1927), o conhecido “Feiticeiro do Norte”, cujos poemas narrativos contam os eventos mais relevantes ou os casos do dia mais estranhos, e que ainda hoje são recitados ou cantados em alguns arraiais populares. Da sua autoria, transcrevemos algumas estrofes do poema “A cidade do Funchal” que se referem ao comboio que ligava esta à freguesia do Monte (Marino 1959: 216):

[..]
 Mas a esta freguesia
 O que lhe dá mais valor
 É a simpática companhia
 Do Comboio-Elevador
 Meus senhores, na verdade,
 Aquilo é um grande invento!
 Estar a gente na cidade
 E ir ao Monte num momento,
 Foi p'ra nossa ilha inteira

Um grande melhoramento!
[...]

O Funchal do primeiro quartel do século XX já tem uma vida cosmopolita, com casinos, cafés, fotógrafos, lojas de artefactos para turistas, livrarias, bares e cinemas. Formam-se tertúlias literárias à maneira dos hábitos continentais mas os poetas do arquipélago da Madeira vão acrescentar à sua vivência dos modelos e temáticas das letras do continente um olhar específico sobre o mar, as montanhas, a flora, os perfumes e os usos e costumes das suas Ilhas.⁸²

A maioria dos poetas da época publicava os seus poemas nas compilações já referidas ou, ainda, na *Revista Literária*, no *Almanaque Ilustrado do Diário da Madeira* ou no *Almanaque de Lembranças Madeirense*, mesmo quando publicavam autonomamente livros de poesia.

Procurando dar uma panorâmica simultaneamente variada e mais directamente ligada à cidade do Funchal na poesia, seleccionámos, por cronologia da data de nascimento, abrangendo produção poética sensivelmente desde o início do século XX até aos anos sessenta, e de entre outras possíveis escolhas, os poetas Joaquim Pestana, João dos Reis Gomes, Baptista Santos, Elmano Vieira, Cabral do Nascimento, Octávio de Mariaiva, Albino de Menezes, Edmundo de Bettencourt, César Pestana, Alfredo Vieira de Freitas, João França e João Brito Câmara.

Joaquim Pestana, empregado de comércio em Câmara de Lobos, começou a publicar nos jornais da época poemas ultra-

românticos, na linha de Soares de Passos, com composições líricas de uma melancolia quase doentia, como de uso nos poetas d'O *Trovador*. A par desta vertente, os seus poemas abordam também temática insular, embora esta se manifeste mais na sua prosa. Publicou um livro de poesia intitulado *Espinhas e Flores* e colaborou em quase todas as colectâneas e publicações da imprensa madeirense, sendo um dos melhores exemplos dos muitos outros poetas que, deste mesmo modo, deram a público a sua poesia.

João dos Reis Gomes (1869-1950), Major, professor e escritor, dedicou-se a vários géneros literários, publicando tanto no Funchal como em Lisboa. Escreveu ensaios como *O Teatro e o Autor* (1905), *A Música e o Teatro* (1919) ou *O Belo Natural e Artístico* (1928), entre muitos outros. No drama e na narrativa damos como exemplo da sua vasta obra *A Filha de Tristão das Damais* (1909), *Guomar Teixeira* (1912) e *O Anel do Imperador* (1934). Embora a lírica não tenha sido o seu género mais prolífero, não deixa de ser relevante pelo seu valor literário, razão pela qual aqui citamos duas estrofes do seu poema "Adeus ao Funchal":⁸³

Com o adeus de despedida
Vos venho hoje saudar!
Filhos de uma terra querida
De que me vou apartar.
Que o vosso coração nobre
Aceite o meu canto pobre
Já passado de saudade,
Como justo e leal preto,

⁸² Uma das figuras de maior destaque na primeira metade do século XX foi Alfredo António de Castro Teles, Visconde do Porto da Cruz, autor de *Notas e Apontamentos para a História Literária da Madeira*, em 3 volumes que, na sua totalidade, recobrem o período de 1420 a 1952.

⁸³ "Versos feitos a pedido, na despedida de uma Companhia de Zarzuela que actuou no Teatro Municipal, em 1902, e publicados no *Diário de Notícias*" (Martins 1959: 260).

Que rende o meu grato peito
A esta nobre cidade.
[...]
Adeus flores, adeus serras,
Que o destino a outras terras
Me leva a ver novos céus...
Mas minh'alma, ao vosso lado
Fica, ao soltar este brado!
Adeus, oh Funchal, adeus!

José Cruz Baptista Santos (1887-1959) foi funcionário da Junta Geral do Distrito e fundou, em 1907, juntamente com o Dr. Elmano Vieira⁸⁴ e com o Visconde do Porto da Cruz⁸⁵ o *Primeiro de Dezembro* e foi editor, redactor e chefe de redacção do *Diário da Madeira* durante cerca de trinta anos. Jornalista que era, colaborou em numerosas publicações madeirenses e continentais mas, paralelamente, nunca deixou de publicar poesia. Da sua obra poética destacamos os títulos *Horas de Inspiração* (1906), *Rosas e Jasmims* (1913) e o inédito *Baladas*.

Elmano Vieira (1892-1962), eminentemente advogado funchalense, dedicou-se desde muito jovem à literatura, tendo sido jornalista, dramaturgo e poeta. Foi, como já referido, co-fundador, juntamente com José Cruz Baptista Santos e com o Dr. Elmano Vieira, do *Primeiro de Dezembro*, sendo ainda redactor e colaborador do *Diário de Notícias* e d'O *Século*, entre outras publicações da imprensa portuguesa. Escreveu as revistas teatrais *A Madeira por dentro* e *Flores da Madeira* (1945) e a opereta *As Meninas dos Bordados* (1915). Como poeta, publicou *Livro Azul* (1959) e deixou

inúmeros poemas avulsos dispersos por variadíssimas publicações jornalísticas e antológicas.

Cabral do Nascimento (1897-1978)⁸⁶ foi um emérito tradutor de obras da antiguidade clássica à modernidade e organizou diversas colecções de poesia portuguesa, a mais conhecida e editada das quais terá sido a conhecida antologia *O Livro de Cesário Verde*. Nascido no Funchal, estreou-se como poeta em Lisboa, publicando o seu primeiro livro de poesia, *As Três Princesas Mortas num Palácio em Ruínas*, em 1916, quando cursava o seu primeiro ano de Direito, obra elogiada por Fernando Pessoa pelo seu pendor sensorialista. Cabral do Nascimento regressaria ao Funchal em 1922, para voltar a residir em Lisboa a partir de 1938. De salientar, na sua mais jovem obra, um certo patriotismo insular, presente nas oitavas épicas de *Além-Mar* (1917). Não se coadunando as directrizes literárias do movimento de *Orpheu* com o seu pendor mais clássico, o poeta havia de prosseguir o caminho da sua poesia e o modernismo. Nesta linha, publicaria, entre outros livros, *Descaminho* (1926), *Arabalde* (1928), *Litoral* (1932), *Confidência* (1945) e *Digestão* (1953). Ao longo da sua obra poética os elementos de enraizamento na insularidade surgem mais ou menos velados mas por vezes abrem-se numa directa referência, por exemplo, ao mar ou à visão do movimento do porto do Funchal, como no poema “Vapores”, inserto em *Poesias Escolhidas*, de 1936 (Teixeira 2005: 245):

Vapores, que ides sobre estas
Ondas de verdes enganoso...
E de um, de dois, de três canos,

⁸⁴ Adiante referido como poeta.

⁸⁵ Já referido como autor de *Notas e Apontamentos para a História Literária da Madeira*.

⁸⁶ Consulte-se capítulo sobre Cabral do Nascimento (Teixeira 2005: 193-258).

Lembraís pequenas florestas
Plantadas nos oceanos!

Da minha casa, que deita
Para o mar, eu sigo a rota:
De oiro o poente vos enfeitada...
Partis... A água se ajeita...
Antes eu fosse gaivoira!

Octávio de Marialva, ou Magister Octávio de Marialva (1898-1992), de seu nome baptismal Octávio José dos Santos, assinava ainda como Filósofo Y, Príncipe d'Arcádia ou Cavaleiro do Cisne e foi um dos mais curiosos poetas madeirenses, dado que, além de grande viajante, se dedicava ao jornalismo, à filosofia, à teosofia, à astronomia e ao esoterismo. Este gosto pela viagem, aliado ao pendor pelo misticismo, que nele fazia oscilar o *dandy* e o asceta, revela-se também, e de modo explícito, na sua obra poética, que desvenda uma constante procura de harmonia com o cosmos. Escrevia regularmente na imprensa jornalística e foi autor de novelas, de ensaios sobre arte, ciência e religião, e publicou inúmeros livros de poesia, dos quais citamos *A Morte do Cisne* (1923), *A Sinfonia do Eu* (1937) e *Olimpo - 25 Poemas da Grécia* (1991).

Albino de Menezes (1899-1949)⁸⁷ formou-se em Direito em Coimbra, tendo por colega e amigo Oliveira Salazar, e regressou à terra natal, a Madeira, em 1932. Foi um grande escritor que o alcoolismo e a loucura roubaram à literatura portuguesa. Disse acerca dele o escritor Horácio Bento de Gouveia: "O talento pujante de Albino de Menezes esbanjou-se, a jorros, através de gazetas e

⁸⁷ Consulte-se capítulo sobre Albino de Menezes (Teixeira 2005: 133-191).

nelas se mumificou. Por 1920, nos ambientes literários de Lisboa e Coimbra, alcançara o nosso conterrâneo invulgar consagração em seus méritos de estilista. E a prova de haver granjeado renome é que, no 'Inquérito Literário', de Boavida Portugal, ele emparceira ao lado de Hernâni Cidade, Teixeira de Pascoais, Gomes Leal [...] Antero de Figueiredo, Carlos Malheiro Dias, Júlio Dantas, etc." ⁸⁸ Na verdade, o nome de Albino de Menezes ficaria testemunhado por três contos publicados nas mais relevantes revistas literárias portuguesas da época: *Orpheu*, *Ícaro* e *Presença*; contudo, por volta de meados dos anos trinta, deixou de publicar. Para além do seu gosto e exercício constante do género epistolar e da crónica, nos quais a Madeira e o Funchal surgem recorrentemente, e com os quais marcou durante cerca de trinta anos a imprensa madeirense e continental, deixou apenas uma novela inédita, um livro no prelo e uma imensa obra poética dispersa. Talento, os seus poemas aproximavam-se por vezes do excelente ritmo narrativo e do impressionismo de um Cesário Verde, ou do triunfalismo de um Álvaro de Campos, como se verifica nos seguintes excertos do poema "Olá, Vadio!" que, apesar de descrever com realismo o movimento num cais de Lisboa, faz sobressair, pela escolha dos pormenores, as reminiscências insulares do poeta (Teixeira 2005: 183):

[...]
Que diabo fazes tu aí, tão idiota, esfarrapado e só?
Ao longe vai passando um *paquebot*.
E tu a veres. Tu a contemplares
imbecilmente o "Gigante dos Mares".

⁸⁸ Citação sem fonte (Marino 1959: 390).

É um “Seis Mastros”, um *Mauritânia*
 qualquer que vem de hispânia
 e vem de França,
 um cetáceo cujo ventre é fogo e aço,
 dentro em que há libras, dolars e dança.
 [...]

 O gasolina encosta agora ao cais.
 Vem cheio de mulheres
 flores náuticas
 das águas.
 Vem lunáticas
 da viagem
 como pombas aeronáuticas.
 [...]

Edmundo de Bettencourt (1899-1973), nascido na freguesia da Sé, no Funchal, licenciou-se em direito na Universidade de Coimbra, cidade na qual, desde estudante, deu largas ao seu talento como poeta e cantor, tendo tido poemas seus musicados pelo maestro Fernando Lopes Graça. Foi um dos fundadores da *Presença*, juntamente com José Régio, Gaspar Simões e Branquinho da Fonseca. Colaborou em diversos jornais e revistas, na Madeira e no continente. Escreveu textos e ensaios sobre o modernismo e consagrou-se como um dos grandes poetas da época, a nível nacional, mantendo sempre na sua poesia, apesar da distância, uma marca alusiva à insularidade.

César Pestana (1904-1986) nasceu na Ponta do Pargo e, instalado no Funchal, tornou-se um dos jornalistas mais interventores e polémicos da sua geração. Era amigo de Maria Lamas, que recebia em sua casa, e de figuras intelectuais de

esquerda como João de Brito Câmara e Aníbal Trindade. Foi, simultaneamente, um dinamizador de actividades literárias, tendo organizado os primeiros Jogos Florais da cidade do Funchal por volta de 1941. A sua actividade literária centra-se mais na escrita de novelas, das quais citamos *Miss Dolly na Madeira* (1930) e *Ao Ritmo da Tentação* (1933) e de romance, género no qual deixou inédito *Belizardo*; no entanto, a sua actividade poética foi constante e publicada na imprensa insular e continental. Na sua poesia paira frequentemente um sentimento ilhéu, a par de momentos descritivos da cidade do Funchal, como no poema “Rosas de Gibraltar”,⁸⁹ do qual transcrevemos a primeira estrofe (Marino 1959: 507):

I

Quando à tarde, digressando
 Pela Avenida do Mar,
 Ora rindo ou conversando,
 Ora num doce cismar,
 Deslizam as três princesas...
 Tantas vezes fico a vê-las
 E me ponho a hesitar:
 Qual das três será mais bela?
 Qual das três a mais singela
 — Das rosas de Gibraltar?...

Alfredo Vieira de Freitas (1908-1982), natural de Gaula, padre e professor do Seminário do Funchal, distinguiu-se como

⁸⁹ O poema foi dedicado a três gibraltinas residentes no Funchal, de seus nomes Irene, Mabel e Doneyda, numa época em que muitos gibraltinos se acolheram na Madeira.

jornalista e como poeta. Tendo viajado pela América e pela Europa, trouxe para a Ilha uma lufada de ar fresco e inovação, pouco habitual num membro do clero. Para além das suas muitas publicações na imprensa, deixou crónicas coligidas postumamente em *Era uma vez a Madeira...* e em *Linha de Rimo* (1988) e o livro de poesia *Céu de Estrelas* (1948).

João França (1908-1996), natural do Funchal, foi jornalista, ficcionista, dramaturgo e poeta. Radicado em Lisboa a partir de 1938, viu ser estreada no Teatro Avenida, em 1944, a sua opereta *Ze do Talhado*. Da sua ficção narrativa destacamos o livro de contos *Ribeira Brava* (1954), os romances *A Ilha e o Tempo* (1972) e *António e Isabel do Arco da Calheta* (1985). A sua poesia, pela qual ficou menos conhecido mas que apresenta uma bela pureza, não vinculada a escolas ou movimentos, encontra-se dispersa por várias antologias, revistas e jornais.⁹⁰

João de Brito Câmara (1909-1967),⁹¹ embora nascido em Lisboa, viveu no Funchal desde criança. Advogado conhecido pela sua participação muito activa e desassomburada em manifestações artísticas e políticas, chegou a estar preso por oposição ao regime de Salazar. Realizou conferências sobre o modernismo, algumas delas publicadas em opúsculos. Colaborou, como poeta, na *Presença*, e foi como poeta que, nas letras, mais se distinguiu. O seu primeiro livro de poesia, intitulado *Manhã* (1927), foi prefaciado por Cabral do Nascimento. De entre as suas obras poéticas salientamos *Auto da Lenda* (1943), *Ilha* (1940) e as suas *Poesias Completas* (1967, com prefácio de Fernando Namora). A visão que este poeta tem da Ilha reparte-se entre o mítico e a inquietação de uma espécie de espaço fechado de exílio, de onde se pode contemplar a possível liberdade dada pelo mar circundante, como o transmite o excerto final do poema “Braços” (Teixeira 2005: 346):

⁹⁰ V. João França, *Cântico da Terra Ilhoa* (Poesia), com pref. de Fátima Pitta Dionísio, Câmara Municipal do Funchal, Junho 2008, [edição póstuma].

⁹¹ Consulte-se capítulo sobre João Brito Câmara (Teixeira 2005: 287-349)

[...]

Deliciosos

braços

de amorosa,⁹²

zonde fui menino

embalado e adormecido...

Eis de novo a saudade:

– terra prisão,

Tentação

do meu sonho imortal de liberdade!

Na segunda metade do século XX a produção literária e, portanto, poética, no arquipélago da Madeira, torna-se de tal modo intensa que começaremos por referir algumas antologias que determinaram as linhas do percurso dos mais importantes poetas ilhéus, sendo elas: *Arquipélago*, de 1952, onde figuram nomes como os de António Aragão (assinando, à época, Aragão Correia), Carlos Cristóvão, Florival de Passos, Herberto Helder, Jorge Freitas, Rebelo de Quintal, Rogério Correia e Silvério Pereira. Ainda publicado no Funchal, o opúsculo *Poemas Bestiais* (1954), de Herberto Helder, Jorge Freitas e Carlos Camacho, pretende provocar e invectivar a ideia tradicional de literatura. Mas a intervenção dos poetas madeirenses projecta-se no continente, como o testemunha a sua presença nas antologias *Poesia 70* (Porto, 1970), organizada por Egitto Gonçalves e Manuel Alberto Valente, e *Poesia 71* (Porto, 1971), organizada por Fíama Hasse Pais Brandão e Egitto Gonçalves. Mencionamos ainda *Poemografias* (Lisboa, 1985), antologia de poesia visual com a participação de

⁹² Interpretável, no contexto, como referência à ilha da Madeira ou à cidade do Funchal.

Alberto Pimenta, Ana Harberly, António Aragão, António Barros, Melo e Castro, Liberto Cruz, Salette Tavares e Silvestre Pestana. Publicadas na Madeira, sob organização do poeta José António Gonçalves, destacamos as antologias *Ilha, Ilha 2, Ilha 3 e Ilha 4* (Funchal 1975, 1979, 1991, 1994), e ainda *Ilha 5* (Funchal 2006, organizada por seu filho, Marco António Gonçalves), sendo que configura importante testemunho da poesia escrita, nesses anos, por poetas madeirenses ou radicados no Arquipélago.

Dos inúmeros poetas que, vivendo no arquipélago da Madeira, ou nele tendo nascido, publicaram poesia digna de aqui ser nomeada, vemos-nos forçados a restringir a nossa escolha, optando por fazê-la em função dos critérios da projecção geográfica e da abordagem da temática da Ilha e/ou do Funchal. Assim, seleccionámos, por cronologia da data de nascimento, abrangendo exemplificação de produção poética sensivelmente desde meados do século XX, os seguintes poetas: Herberto Helder, João Carlos Abreu, Maria Aurora Carvalho Homem, Irene Lucília Andrade, João David Pinto Correia, José Viale Moutinho, José Sainz-Trueva, João Dionísio, José Agostinho Baptista, Carlos Nogueira Fino, José António Gonçalves e José Tolentino Mendonça.⁹³

Herberto Helder (1930) nasceu no Funchal e radicou-se em Lisboa desde 1948. Jornalista, tradutor e escritor, foi também um “homem dos sete ofícios”, tendo desempenhado as mais diversas e estranhas profissões ao longo das suas deambulações pela Europa.

⁹³ Não queremos deixar de referir, embora sem sermos de modo algum exaustivos, alguns dos poetas que lamentamos não ter aqui podido abordar. São eles: Ângela Varela, A. J. Vieira de Freitas, Carlos Alberto Fernandes, Eurico de Sousa, Fátima Pita Dionísio, Fernando Manuel Letra, Galdino Avelino Rodrigues, Guilhermina Luz, Isabel Aguiar Barcelos, Isabel Santa Clara Pestana, Jorge Freitas, José Laurindo Goes, Luis Viveiros, Marcela Costa, Nuno Morna, São Moniz Gouveia/Laura Morniz...

Da sua vastíssima obra de poesia destacamos *Poemato* (1961), *Retrato em Movimento* (1967), *O Bebedor Noturno* (1968), *Cobra* (1977), *O Corpo o Lixo a Obra* (1978), *Photomaton & Voz* (1979), *A Cabeça entre as Mãos* (1982), *As Magias* (1987), *Última Ciência* (1988), *Do Mundo* (1994) e *Poesia Toda* (1973 e 1996). A sua inicial tendência surrealista não enveredou por um exacerbado experimentalismo poético, como aconteceu com António Aragão, seu companheiro de início de jornada literária, pois a sua poesia experimental, antes, o poder metafísico e sensorial da palavra e da reflexão sobre a escrita. Pode talvez considerar-se que a temática da água, presente ao longo da sua obra, indicia uma ligação umbilical com a Ilha natal, tantas vezes por ele renunciada, mas é quase apenas nos seus poemas de juventude que encontramos uma referência directa à Ilha, como no poema “Regresso”, de 1957:⁹⁴

Regresso aos mitos da minha própria carne,
e vou cantar certamente
como se houvesse alegria.
Mesma é a ilha, quente
do seu antigo leite. Ah, velha alegoria
renovadal. Este calhau rolado,
este sal esta harmonia
das natinas
com o milagre indicado!

João Carlos Abreu (1935) é natural do Funchal. Curvou jornalismo em Roma e integrou os serviços de imprensa do Conclho do Vaticano II. Jornalista e escritor, recebeu diversas

⁹⁴ Herberto Helder em *Folhas de Poesia*, 1957. Consulte-se, ainda, *Tendências da Literatura na Ilha da Madeira nos séculos XIX e XX* (Teixeira 2005: 408).

distinções regionais, nacionais e internacionais, e foi doutorado *honoris causa* em Ciências Sociais, pela Universidade de San Cyrillo de Roma. Durante muitos anos assumiu o cargo de Secretário Regional do Turismo e Cultura do Governo Regional da Madeira. Fundou um centro cultural que reúne grande parte do seu espólio artístico pessoal e ao qual deu a designação de “Universo de Memórias”. Como prosador, destacaremos a sua obra *Dona Joana-Rabo-de-Peixe* (1996) e *Viagem ao Coração – uma reportagem vivida apaixonadamente* (2007); como poeta relevaremos, de entre outros, os títulos *Da Ilha & de Mim* (1980), *Porta Aberta* (1990), *Água no Mar* (1999), *Poemas do Silêncio* (2004) e *Voz que Navega dentro de Mim* (2005). A sua poesia concilia contenção, simplicidade e intimismo e nela vive, constante, a temática do amor, das ilhas, do mar, da viagem e da cidade; no caso do poema presente, a cidade do Funchal (Abreu 1980: 15):

3 IMAGENS

Um presente de cores
 Cidade de vertigens
 Segredos de buganvília
 Tapetes de pedras negras
 No soluçar das vagas
 No subir da maré
 Navega meu coração
 Nas nuvens
 Submergem os montes
 Nos matizes esmaecidos dos bordados
 Está a raiz do meu sonho

Maria Aurora Carvalho Homem (1937-2010), natural de Beira Alta, foi jornalista de *A Capital* e do *Diário de Lisboa*, colaboradora das revistas *Flama* e *TV Notícias*, fundadora de “A Mosca”, chefe de redacção do *Jornal A Nossa Terra*, de Cascais, e apresentadora de programas infantis da RTP, em Lisboa. Radicada na Madeira, exerceu as funções de professora, assistente literária da RDP, autora e apresentadora de diversos programas da RTP Madeira e Assessora cultural da Câmara Municipal do Funchal. Tem vasta obra publicada na área da ficção (conto e literatura infantil) e na poesia. Da sua relevante faceta como contista destacamos *A Santa do Calhan* (1993), *Para Ouvir Albinoni* (1995) e *Leila* (2004). A sua poesia marca-se por uma forte sensualidade, aliada a sensações, frequentemente associadas com o gesto, as flores, as plantas, o mel, o vinho e o mar, como em *Ranços do Silêncio* (1982), *Cantilhões* (1994), *Uma Voz de Muda Espera* (1995) e *12 Textos de Desejo* (2003). Estas marcas sinestésicas estão também presentes quando foca lugares do Funchal (Homem 1994: s.p.):

Zona Velha
 Deixa tombar a tarde
 Tactaremos as casas no escuro
 Da noite longa, insone.
 Sonhos de marinheiros e gritos abafados
 no segredo dos quartos.
 O mar como portal de uma viagem
 iniciada há séculos.
 Dentro do Forte
 no rosado vermelho do quadro
 estou sozinha e fria
 Martha Telles revisitada e longe.
 Escorre o vinho rubro

No vidro e na paixão
 Tavernas de desejo
 Na convulsão do dia a desmaiar.
 Entra comigo no passo destas ruas estreitas
 Eu vim de longe
 O ventre doce e fértil
 A mão avara e quente
 Aqui ficou o lume
 o berço
 a cama.

Daquí levei o mel
 a luz a chama.

Irene Lucília Andrade (1938) nasceu no Funchal, onde frequentou a Academia de Música e Belas Artes da Madeira, tendo-se licenciado em Pintura pela Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa. Poeta, contista e romancista, tem também publicado na área da literatura infanto-juvenil. Da sua ficção enumeraremos *Porque me Lembrei dos Cismes* (2000), *A Penteadada ou o Fim do Caminho* (2004) e *Crónica Breve da Cidade Anónima* (2008). Na poesia destacaremos *A Mão que Amanha os Frutos* (1991), *Estrada de Um Dia Só* (1955, com postácio de João Rui de Sousa), *Protesto e Canto de Atena* (2002) e *Água de Mel e Manacá* (2002). Tanto as suas narrativas como os seus poemas são atravessados por um original dimensionar de formas, luminosidade e cores que empresta aos lugares uma perspectiva pictórica intensa, como na seguinte quadra do poema intitulado “Cidade-Funchal” (Andrade 1986: 27):

[..]
 Aroma distância, cor jacarandá
 cidade da ilha, umbráis a sonhar,
 Desejo em promessa que o amor me dá
 na curva do abraço que a terra dá ao mar
 [..]

João David Pinto-Correia (1939) nasceu no Funchal. É Professor Associado de nomeação definitiva na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, cidade onde tem vivido, mas deslocando-se com frequência à terra natal, quer por motivos familiares e de sólidas amizades, quer pela colaboração com a Universidade da Madeira, da qual foi presidente da Comissão Instaladora (1993-1996). Para além dos inúmeros artigos e ensaios versando a literatura portuguesa, em especial a medieval, tem sido Coordenador Científico e Director do Centro de Tradições Populares Portuguesas (FCT / FLUL). De entre os ensaios de maior extensão publicados, relevamos *O Essencial sobre o Romancero Tradicional* (1986), *Os Romances Carolíngios da Tradição Oral Portuguesa*, Vol. I, Lisboa: INIC, 1993 [o Vol. II foi publicado em 1994], *Peregrinação de Fernão Mendes Pinto* (2002) e *Romancero Oral da Tradição Portuguesa* (2003). Na poesia salientamos *Este Branco Silêncio* (1991) e *Onze mais Um Poemas e Lugares* (2001), dedicado à Madeira e do qual destacamos a primeira estrofe do poema “Lugar mar: avenida” (Pinto-Correia 2001: 9):

Junto do mar pelas avenidas
 Súbito
 só brincam namorados azuis
 nas buganvílias ressequidas

E nas ânsias encadeadas do basalto.
Os braços súbito percorrem os balaustrés
sobre os calhaus
e os beijos ressoam estralidos cinzentos
em furnas desoladas.

José Viale Mourinho (1945) nasceu no Funchal mas saiu das ilhas ainda criança, tendo vivido no Porto e regressado recentemente às suas origens. Jornalista de profissão mas também cronista, ensaísta, investigador, poeta e contista, tem grande parte da sua obra divulgada além-fronteiras, traduzida, entre outras línguas, em galego, catalão, italiano, inglês e russo. Foi premiado em vários géneros da sua obra, obtendo, por exemplo, o Grande Prémio do Conto Camilo Castelo Branco, com *Cenas da Vida de um Minotouro*, o Prémio Edmundo de Betrencourt com *Já os Galos Pretos Cantam*, dois Prémios de Reportagem com a obra sobre a Guerra Civil de Espanha *No Pasaráni!*, conferidos no âmbito do Prémio Casa da Imprensa de Lisboa e pelo Prémio de reportagem do *Diário de Notícias*. Para além de estudos sobre a literatura português do séc. XIX, dos quais destacamos *Memórias Fotobiográficas de Camilo Castelo Branco*, dedicou-se ainda à literatura tradicional e à literatura infantil. Citamos um seu poema de 2009, do livro *São coisas tais efeitos só do araso?* que integra a natureza da Ilha no cenário do Funchal (Mourinho 2009: 22):

13. CAI A MANHÃ? E AS NUUVENS DO SILÊNCIO
por detrás do cenário do funchal? a ilha
é uma sombra que não se vê no horizonte,
possivelmente mais tarde e a noite, o sol
mergulhará na esteira de um navio, o canto
da cagarra será então sabiamente escutado,

lúcido, bebendo uma cerveja na mesa do bar
mais sórdido da cidade velha, aguarda a vez
de mergulhar a língua no beco da serpente,
cai a manhã, sabe muito bem que sim, cai
e desliza entre as pedras negras, mergulha
em todas as palavras guardadas nos bolsos,

José de Sainz-Trueva (1947) é natural do Funchal e dedicou a sua vida profissional e ensaística ao Património Cultural, tendo dirigido múltiplas Exposições e participado em Programas Culturais da RTP-M e RTP-I. Assumiu o cargo de Director dos Serviços do Património Cultural na Direcção Regional de Assuntos Culturais e é, actualmente, Director do Museu de Arte Contemporânea do Funchal. Desde jovem, e em paralelo com o gosto pela História, pela Heráldica e pela produção da Arte em geral, manteve uma regular ainda que muito dispersa produção poética que inclui publicação na imprensa do Funchal e de Lisboa, bem como em revistas literárias e antologias de poesia. Salientamos a folha literária “Pedra”, o *Diário de Lisboa* e a *Capital*, a revista *O escritor* (Lisboa), e várias antologias publicadas de 1989 a 2006, no Funchal, no Porto e em Itália. No prelo, uma escolha de pesquisa antológica da sua obra, que sairá com o título *O lento arder das coisas*, do qual destacamos estas estrofes que referem uma das mais antigas ruas do Funchal:

RUA DA CARREIRA 126
para R.C.G.C.
Apoia-se a casa
em espessa cantaria

onde o pássaro cantou
penugem baça que a mão acaricia
espreitando a rua num brusco sobressalto
de quem se arrependeu
na alvura do corpo a marca
de uma unha
uma nódoa de cal uma
desordem íntima
ao espelho (à mesa)
um fruto que se come
à luz do dia

João Dionísio (1947) nasceu no Funchal e licenciou-se em Direito pela Universidade de Lisboa. Desde estudante colaborador do *Diário de Lisboa* e do *Comércio do Funchal*, foi um dos raros madeirenses (a par de António Aragão e José de Sainz-Trueva, por exemplo) a fazer parte, no Porto, do movimento inovador que englobava o início de uma vertente do experimentalismo representado nas antologias *Poesia 70* e *Poesia 71*. A sua obra poética recorre frequentemente ao modelo do poema em prosa e encontra-se bastante dispersa por antologias mas, a partir dos anos noventa, publica com muita regularidade. Destas publicações destacamos *A Cidade de Alca* (1981), *Os Açúcares ou o Ruído do Silêncio* (1996), *Uma Inquestionável Distância* (1999) ou, ainda, *Os Construtores da Memória* (2000), livro do qual reproduzimos parte de um dos poemas em prosa que o compõem e que relembra o antigo e já desaparecido cenário da entrada da cidade do Funchal (Dionísio 2000: 2):

O mudéjar a porta ogival
a rua da alfândega a assembleia legislativa na distância

as pedras as mais inquebrantáveis na construção da
alfândega nova os escravos os pedreiros os pintores os
carpinteiros

Na sua corrupção os no-
-mes o de antónio José de Almeida a avenida do mar o
trânsito ao tempo de carros e que mais o pilar de
bânger e os barcos de cabotagem ali na imobilidade
[...]

José Agostinho Baptista (1948) nasceu no Funchal e radicou-se em Lisboa a partir de 1966. Jornalista e, sobretudo, tradutor de vasta obra, sobretudo inglesa e espanhola, é um dos maiores poetas do panorama literário português da actualidade, tendo sido condecorado pelo Presidente da República com as insígnias de Grande-Oficial da Ordem do Infante D. Henrique em 2001. Da sua vasta obra poética destacamos *Deste Lado Onde* (1976), *O Último Romântico* (1981), *Morrer no Sul* (1983), *Antretrato* (1986), *Paixão e Cimzas* (1992), *Canções da Terra Distante* (1994), *Agora e na Hora da Nossa Morte* (1998), *Biografia* (2000), *Aryias Católicas* (2003, Prémio P.E.N. de Poesia), *Esta Voz é quase o Vento* (2004, Grande Prémio de Poesia APE/CTT), *Quatro Lmas* (2006) e *Além-Mar* (2007, audio-livro dito por António Cardoso Pinto). António Ramos Rosa escreveu acerca da sua poesia a seguinte apreciação: “José Agostinho Baptista é um poeta para quem a terra, e particularmente a ilha da Madeira, donde é natural, é um contorno existencial inseparável da subjectividade” (Rosa 1991: 29). Os poemas que de um modo mais directo e incisivo ilustram esta afirmação são o de *Canções da Terra Distante*, dos quais transcrevemos um excerto do poema “Rua de Santa Maria” (Baptista 1994: 57):

[...]
As mulheres subiam os degraus e pareciam de pedra,

Ao alto.

Sei que as via e eram como uma flora aterradora,
Devorando as próprias raízes, envelhecendo.

Sei que às vezes cantavam à beira das aguardentes,
e já não bordavam nem um xaile, nem um lenço.

Perdiam-se no fumo, na contemplação de uma ruga,
Ludibriadas pelo tempo.

O sol voltava e elas voltavam-se de lado para que
o sol fizesse tréguas na sua luz.

[...]

Carlos Nogueira Fino (1950) é natural de Évora mas radicou-se desde muito jovem na Madeira, onde fez doutoramento e agregação na área de Tecnologia e Inovação Pedagógica, sendo Vogal do Conselho Directivo do Departamento de Ciências da Educação da Universidade da Madeira. As suas publicações científicas incluem teses, dissertações e artigos publicados em revistas de circulação nacional e internacional. No campo da literatura, distingue-se como um prolífero poeta reconhecidos na Ilha e no continente. Dos seus livros de poesia destacamos *xxxiii poemas de ilhamar* (1987), *simbiose* (1988), *este cais vertical* (1989), *contemplação do olhar* (1992), *(pre)mediação* (1992), *segundo livro de ishtar* (1994), *arco e promontório* (1997, Prémio Edmundo de Bettencourt de poesia - Cidade do Funchal - 1996), *inquietação da água* (1998), *o deus familiar* (2001), *funchal* (2004) e *39 poemas* (2006). De entre a sua poesia, construída com uma linguagem depurada que reinventa os lugares-comuns e recupera magicamente a coragem de dizer aquilo que é simples, puro e verdadeiro, escolhemos um excerto de um poema que refere ruas e ambientes do Funchal da adolescência do poeta (Fino 2004: 73):

[...]

hoje

viñte e seis de novembro de dois mil a rua doutor
fernão de ornelas continua a mesma rua dos meus
catorze anos

a loja do senhor pimenta ainda expõe jogadores
de futebol policromos ao lado de pombas de terracota
por cima dos presépios

mas agora também dinossáurios e porcos sentados a comer
gelados com óculos escuros

mas a rua é a mesma e eu sou o mesmo que a subia
a observar-me de soslaio nos vidros ébrio

de sentir no rosto as primícias da minha liberdade

[...]

José António Gonçalves (1954-2006), natural de S. Martinho, Funchal, pertenceu aos órgãos directivos da Associação Portuguesa de Escritores e foi co-fundador da Associação de Escritores da Madeira. Sendo jornalista profissional, desde jovem publica textos jornalísticos e poemas. Integrou, em 1973, o Caderno de Poesia & Crítica *Movimento*, de parceria com António Ramos Rosa, Eugénio de Andrade, Pedro Tamen, José Bento, A. J. Vieira de Freitas, José Agostinho Baptista e Gualdino Avelino Rodrigues. Dirigiu, nos anos setenta, a página literária “Poesia 2000” no *Jornal da Madeira* e, em 1993, o suplemento de cultura do *Notícias da Madeira*. Organizou várias colecções literárias, com realce para “IIHA”, com quatro volumes editados em 1975, 1979, 1991 e 1994, e ainda os “Cadernos Ilha” (doze números publicados desde 1988), e “Livros de Cordel” (dez números). Da sua vasta obra poética, caracterizada por uma intensa imagética e pela expressão de uma rara sensibilidade, relevaremos *Os Pássaros Breves* (1995), *Pedra Renolta* (2000) *Esquinas São as Aves* (2001), *Memórias da Casa de Pedra* (2002) e *As Sombras no Arvoredo* (2004),

do qual destacamos o excerto de um poema, dedicado ao Funchal, intitulado “A cidade chama por mim” (Gonçalves 2004: 36):

A cidade chamava pelo meu nome e a noite ouvia
e alguma coisa ofegava dentro de mim nas calçadas
de pedra nua e cinza como a alma dos vulcões extintos

Não tenho a certeza se o meu nome era o da cidade
que me chamava alertando-me para o apelo das ribeiras
no canto vigoroso das invernias ensaiado entre as penedias
O que sei é que o meu nome estava escrito nos telhados
e escorria até ao chão como um verme vivo e ondulante
caminhando em direcção às luzes na busca do seu dono
[...]

José Tolentino Mendonça (1965) é natural de Machico. Padre, professor universitário e escritor, ensaísta e tradutor, nomeadamente do *Cântico dos Cânticos*, do hebraico, é um dos mais jovens e reconhecidos poetas da nova geração. Da sua obra poética relevamos *Os Dias Contados* (1990), *Longe Não Sabia* (1997), *A Que Distância Deixaste o Coração* (1998, com fotografias de Moreira Rato), *Balões* (1999), *De Igual para Igual* (2001), *A Estrada Branca* (2005) e a sua “poesia toda” em *A Noite Abre Meus Olhos* (2006). Poeta dotado de uma capacidade de uso puro e transparente da linguagem, nos seus poemas o espaço branco e o silêncio emprestam, magistralmente, quase tanta abertura de sentido quanto a palavra escrita. A intertextualidade da sua poesia com os escritos sagrados não secundariza a presença da sensualidade mística e da reflexão sobre o quotidiano, muitas vezes subtilmente evocadoras da nostalgia da terra natal, como nas seguintes estrofes de “Murmúrios do Mar” (Mendonça 1998: 27):

“Paga-me um café e conto-te
a minha vida”

O inverno avançava
nessa tarde em que te ouvi
assaltado por dores
o céu quebrava-se aos disparos
de uma criança muito assustada
que corria
o vento batia-lhe no rosto com violência
a infância inteira
disso me lembro
[...]

Os naufrágios são belos
sentimo-nos tão vivos entre ilhas, acreditais?
E temos saudades desse mar
que derruba primeiro no nosso corpo
tudo o que seremos depois

“Pago-te um café se me contares
o teu amor”

Muitos mais jovens poetas haverá que percorrem incógnitos as ruas do Funchal e todos os lugares deste belo arquipélago da Madeira em busca do momento em que poderão mostrar aos ilhéus e ao mundo o belo e musical valor da sua nova poesia, uma poesia que, provavelmente, será fatalmente pontuada pela referência às montanhas, ao mar, aos cais e às aves; uma poesia certamente ressendo a flores e mel e sal e funcho e pinho; uma poesia colorida com as tintas tão diversas da nostalgia da insularidade; uma poesia universalmente dimensionável, como toda a poesia, de todos os lugares para todos os lugares, de todos os tempos para todos os tempos.

O FUNCHAL NA LITERATURA DE VIAGENS

(em textos de italianos, franceses e de um castelhanu)

Ana Isabel Moniz

Thierry Proença dos Santos

Estava-se nesse ponto, quando, no limiar do séc. XV, se descobriu a utilidade da bússola e quando os portugueses, motivados pelas vitórias contra os mouros em África, foram pela costa ocidental dessa parte do mundo abaixo e descobriram a Madeira e os Açores. A beleza da primeira ilha deu-lhes ânimo para novas conquistas (...).⁹⁵

Jean-François de La Harpe

No período que medeia o século XV e o final do século XIX, aventureiros, exploradores, geógrafos, cosmógrafos, geólogos, botânicos, zoológicos, missionários, mercadores – e, mais tarde, escritores – fizeram o relato das suas viagens. No quadro de uma mentalidade predominantemente renascentista, moderna e cristã, as primeiras observações dos navegadores aproximam-se da reportagem, decorrente de uma missão de reconhecimento

⁹⁵ Tradução nossa: "On en était là, quand, au commencement du quinzième siècle, on découvrit l'utilité de la boussole, et quand les Portugais, encouragés par leurs victoires sur les Maures d'Afrique, longèrent la côte occidentale de cette partie du monde, et découvrirent Madère et les Açores. La beauté de la première de ces îles, stimula leur ardeur pour les nouvelles conquêtes (...)." (Jean-François de La Harpe, *Abrégé de l'Histoire Générale des Voyages*, 1780).

pautada pela preocupação de informar e de ser útil, registrando, essencialmente, coordenadas sobre distâncias, lugares para ancoragem, observações botânicas ou zoológicas, indicações práticas sobre as populações, riqueza do solo e actividade comercial, nomeadamente, a questão das taxas e dos impostos. Acresce a isso o proselitismo religioso e, por conseguinte, o interesse pelas formas de crença e de substituição sentidas na época, uma possível justificação para as igrejas e os conventos assumirem uma evidência peculiar nos relatos consultados.

Alguns viajantes que passaram pela Madeira deixaram anotações ou registos da sua visita, testemunhos de uma relação directa com o lugar descrito. Para alguns desses primeiros viajantes dos séculos XV e XVI, como os italianos Cadamosto, Arditì e Landi,⁹⁶ o Funchal, com o qual sentem empatia, apresenta-se como um espaço urbano, moderno e cosmopolita, em franca expansão. Para outros, funcionava como um mero porto de escala, onde se fazia a *aguada*, a fim de prosseguir a viagem para destinos longínquos. Desses, poucos ter-se-iam interessado em observar e captar em pormenor os aspectos mais característicos da vida insular, ficando-se, na maioria dos casos, por vagas impressões sobre a Cidade.

No que diz respeito aos viajantes franceses, é de notar algum desinteresse pelo arquipélago da Madeira justificado, talvez, pelo facto de as ilhas se encontrarem fora da sua área de influência e de os madeirenses cedo estabelecerem um relacionamento privilegiado com comerciantes ingleses. Além disso, como certas iniciativas políticas da França colidiam, por vezes, com os interesses da Coroa portuguesa, muitos dos viajantes franceses mantinham, à

⁹⁶ Segundo dados de historiadores, os italianos Cadamosto e Arditì encontravam-se ao serviço do Rei de Portugal e Landi estaria relacionado com o rendoso comércio açucareiro insular.

partida, uma posição crítica em relação aos portugueses (Pageaux 1983: 118-119).

Todavia, a localização estratégica da cidade do Funchal — a de uma encruzilhada no Atlântico —, viria a suscitar, naturalmente, a espionagem com fins políticos e comerciais, não só pelos produtores e o comércio daí decorrentes, bem como pela relação privilegiada que mantinha com os britânicos. O plano de viagem que o Rei de França impôs, em 1785, a La Pérouse poderá ser exemplo disso:

As estadas que o Senhor La Pérouse vai passar na Madeira e em São Tiago [Cabo Verde] são demasiado curtas para que possa fazer uma ideia exacta do estado dessas colónias portuguesas; todavia, não descurará de nenhum dos meios ao seu dispor para obter informações, quer sobre as forças que a Coroa portuguesa aí estacionou, quer sobre o comércio que os ingleses e outras nações aí fazem, quer sobre assuntos de interesse que valha a pena saber.⁹⁷

Outros franceses passavam ao largo, como se pode comprovar na primeira parte do livro I de *Voyage de Siam*,⁹⁸ de 1686, do padre jesuíta, Guy Tachard, em que dá conta de uma viagem à China realizada em 1685:

⁹⁷ Tradução nossa: "Les séjours que le Sieur De La Pérouse doit faire à Madère et à S. Iago, seront trop courts pour qu'il puisse prendre une connoissance exacte de l'état de ces colonies portugaises; mais il ne négligera aucun moyen de se procurer des informations, sur les forces que la couronne de Portugal y entretient, sur le commerce qu'y font les anglais et les autres nations, et sur les grands objets qu'il peut être intéressant de connaître." (La Pérouse 1797: 30).

⁹⁸ Título por extenso: *Voyage de Siam des pères jésuites envoyés par le roi aux Indes et à la Chine avec leurs observations astronomiques, et leurs remarques de physique, de géographie, d'hydrographie et d'histoire*, de Guy Tachard, Livre premier (première partie), 1686.

No décimo primeiro domingo, passámos ao largo da Madeira, onde notámos nitidamente muita neve na montanha mais próxima. À tarde, três pequenos navios ingleses, rumando para a Europa, passaram por nós a sotavento; pareceu-nos que vinham das Canárias, porque ainda não tinham embarcado as lanchas.⁹⁹

É possível cruzar este testemunho com o de um outro companheiro de viagem, o Abade de Choisy, que indica ter avistado a Madeira no dia 10 de Março do referido ano:

* – À uma da tarde, avistámos a Madeira e bordejámos-a toda a tarde, sem no entanto nos aproximarmos a menos de dez léguas. No dia 11 de Março, a ilha mantinha-se visível: ainda hoje de manhã deu para avistá-la. As terras são muito altas e todas cobertas, ao que se diz, de vinhas e de árvores de fruto.

** – Às duas da tarde, cruzámo-nos com três navios. Eram ingleses, uma fragata com vinte peças de canhão e dois flobotes. Passaram por nós orgulhosamente, sem nos saudar, embora tivéssemos melhor aspecto do que eles. Os nossos missionários não ficaram nada satisfeitos com a falta de civilidade de que deram mostras. Se fossem holandeses ou espanhóis, teriam cantado. Cada um seguindo a sua rota, pelo mesmo vento: estranha propriedade da boina.¹⁰⁰ (*Journal* de Choisy – 11 mars 1685)

⁹⁹ Guy Tachard, *Voyage de Siam*. “Le dimanche onzième, nous passâmes à la vue de Madère*, où nous remarquâmes distinctement beaucoup de neiges sur la montagne la plus proche. L’après-dîné, trois petits bâtiments anglais venant en Europe nous passèrent sous le vent; on crut qu’ils venaient des Canaries, parce qu’ils n’avaient pas encore embarqué leurs chaloupes**.” Tradução nossa.

¹⁰⁰ Abade de Choisy, *Journal*. “* - A une heure après midi on a vu Madère et nous l’avons côtoyée toute l’après-dînée, sans pourtant nous en approcher plus près que de dix lieues. Et le 11 mars, l’île était toujours visible: ce matin nous avons encore vu Madère. Les terres en sont fort hautes et toutes couvertes, à ce qu’on dit, de vignobles et de fruitiers. // ** - A deux heures après midi on a vu trois bâtiments sur notre

Parece verificar-se algumas contradições nas notas tomadas por observadores que passaram por uma experiência semelhante na mesma época, uma situação que coloca ao estudioso de textos desta natureza a questão do tratamento das fontes.

Relações de viagem, diários de bordo, correspondência entre negociantes ou entre um diplomata e a sua tutela, relatórios com fins políticos, memórias ou jornal de um périplo de carácter autobiográfico¹⁰¹ constituem as matérias textuais que parecem ter alimentado a Literatura de Viagens. Neste âmbito, a concepção do discurso balança entre as expectativas que o espaço visado cria – a ideia preconcebida do lugar que se vai visitar ou pelo qual se vai passar –, a percepção da sua realidade quando experienciada directamente e o momento da restituição das impressões através da escrita. É neste sentido que os testemunhos de viajantes assumem o estatuto de importantes fontes de informação, contudo sempre sujeitos a alguma cautela: o que viram e reconheceram e o que não conheciam e lhes chamou a atenção (o estranho e o familiar), sabendo que pormenores desconhecidos poderiam passar despercebidos aos olhos deles.

Nas relações de viagem, esses viajantes-escritores tendem a dar uma imagem fâvel da Madeira/Funchal – observação e descrição das paisagens, dos habitantes e dos seus costumes – embora por vezes a visão que têm do meio insular possa ser parcial ou mesmo caricatural, dependendo, em parte, dos próprios centros de interesse bem como dos critérios de curiosidade. Com efeito, a percepção do observador no seu modo de apreender a realidade

route. [...] C’était des Anglais, une frégate de vingt pièces de canon et deux flobots. Ils ont passé fécement sans nous saluer, et nous avions pourtant meilleure mine qu’ux. Nos missionnaires n’étaient pas trop contents de leur peu de civilité: si ç’avait été des Hollandais ou des Espagnols, ils auraient chanté. Ils allaient d’un côté et nous de l’autre par le même vent: étrange propriété de la bovine.” Tradução nossa.

¹⁰¹ Veja-se, a este propósito, a “voga” do *Grand Tour* nos séculos XVIII-XIX.

envolvente manifesta-se, por vezes, através de juízos de valor, desdoblados em preconceitos (de classe), privilegiando, assim, informações sobre a mentalidade do observador em detrimento da paisagem percebida.

Atualmente, sujeito a motivações que oscilam entre a inventarição de dados de que podem ser exemplo aspectos históricos e geográficos, produtos comerciais, tipos humanos, informações sobre a força militar no terreno, sinais exteriores de riqueza, entre outros, o espírito de aventura movido pela atração do desconhecido e a viagem de aprendizagem veiculada pelo contacto com o Outro, o método de comparação seguido por alguns torna-se relevante para estabelecer semelhanças e diferenças com o mundo do viajante observador.

Na sua abordagem teórica, Fernando Cristóvão entende o conceito de Literatura de Viagens como “o subgénero literário que se mantém vivo do século XV ao final do século XIX, cujos textos, de carácter composto, entrecruzam literatura com História e Antropologia, indo buscar à viagem real ou imaginária (por mar, terra e ar) temas, motivos e formas” (Cristóvão 1999: 35). O que significa que a Literatura de Viagens não se limita a uma fonte válida para os historiadores e para os antropólogos, como também permite aos investigadores no âmbito mais alargado das Ciências Humanas a auscultação do confronto entre culturas/civilizações.

Dos testemunhos escritos acerca de Literatura de Viagens de que há notícia, apenas os textos analisados por especialistas são objecto de referência, aproximando-se da reflexão sobre a poética da viagem na literatura proposta por Maria Alzira Seixo,¹⁰²

¹⁰² Na sua reflexão sobre a poética da viagem na literatura, Maria Alzira Seixo contempla “três grandes zonas: a da viagem imaginária (que recobre mitos e textos lendários alegóricos) [...] a da literatura de viagens (constituída por textos diretamente promovidos pelas viagens de relações comerciais e de descobrimentos [...] assim

em que são contempladas três grandes modalidades: a da viagem imaginária, fora do âmbito de análise da nossa abordagem, a da literatura de viagens e a da viagem na literatura. Desse conjunto de textos, irão distinguir-se obras de intenção pragmática, como relações de viagem e instruções náuticas, das de intenção literária, como é o caso de crónicas ou sugestões de viagem.

Articulando-se a estrutura narrativa em dois tempos distintos, assiste-se, num primeiro momento, ao relato das circunstâncias em que decorre o primeiro contacto com a Cidade – habitualmente, uma chegada mais ou menos atribulada – e, num segundo momento, descreve-se os aspectos que o viajante entende mais relevantes.

Veja-se, a este propósito, como alguns escritores foram testemunhas oculares dos lugares por eles descritos, retratando, mentalmente, os espaços da cidade do Funchal, outros apenas repetindo ou sintetizando a informação disponível na época. Nesses livros escritos por estrangeiros, condensam-se observações diversas acerca da Cidade, o seu aspecto, as suas gentes e as suas actividades.

O primeiro viajante estrangeiro a deixar um testemunho sobre o Funchal, que teria visitado em 1455, parece ter sido o italiano Luís de Cadamosto, no texto *La Prima Navigazione*, mostrando-se impressionado com o grau de progresso atingido pela Madeira (Vieira 1999: 13). Em *A Madeira Vista por Estrangeiros*, António Aragão observa:

como pelas viagens de escritores que decidam exprimir por escrito as suas impressões referentes a percursos concretamente efectuados) e a da viagem na literatura (na qual a problemática da viagem é utilizada como ingrediente literário, em termos de motivo, de imagem, de intertexto, de organização fabularia)”. V. Maria Alzira Seixo, *Poéticas da Viagem na Literatura*, Lisboa, Edições Cosmos, 1998, p. 17.

Quanto ao Funchal apenas refere que aí se erguiam “belíssimas e devotíssimas” igrejas e duas fortalezas – um a meio sobre o mar (São Lourenço) que defendia o porto e outra na outra extremidade (Fortaleza Nova ou do Pelourinho) com algumas peças de artilharia. (Aragão 1981: 19)

Outro episódio encontra-se referido em *Historia de las Índias*, de 1562, pelo frade dominicano Bartolomé de Las Casas, com base, em parte, no testemunho de Diogo, o filho de Colombo. Conta-se que Colombo, aquando da sua terceira viagem às Índias, em 1498, e já elevado à categoria de Almirante e Vice-Rei, terá estado, também, na ilha da Madeira: “Na vila foi recebido com todas as honras, por ser ali muito conhecido, dado nela ter vivido algum tempo; esteve ali seis dias provendo-se conscienciosamente de água, de lenha e de todo o necessário para a viagem”.¹⁰³ Desta notícia em segunda mão, se tem inferido que a estada de Colombo na Casa de João Esmeraldo, no Funchal, tradicionalmente conhecida por Casa de Colombo, só poderia ter ocorrido nesse período, no regresso da sua terceira viagem às Antilhas, visto que, só nessa época, a referida casa se encontraria construída.

Após demorada estada na Madeira, cerca de 1530, o Conde Giulio Landi (1498-1579) viria publicar *La Description de L'Isola de la Madeira*, em 1574.

A cidade é de natureza tal que se estende ao comprimento ao longo do litoral. Rodeiam-na duas pequenas linguas de terra que

¹⁰³ Tradução nossa: “En la villa le fue hecho muy buen recibimiento y mucha festa, por ser alli muy conocido, que fue vecino de ella en algún tiempo; estubo alli proviendo-se complidamente de agua y leña, y los demás necesarios para su viaje, seis dias.” (Las Casas 1951: 497).

se estendem um pouco em direcção ao mar, de modo que o seu aspecto é o de parte de um semicírculo cuja latitude é inferior em quase metade da longitude. Toda [a cidade] está virada para o meridiano e para oriente. Ela, porque (como dissemos) está localizada um pouco em declive ao longo da costa, despeja para o mar toda a imundície. Por esta razão não é tão ampla quanto formosa. Está bastante ornamentada com edifícios, tanto públicos como privados, e abundantemente preenchida com todas as coisas que dizem respeito tanto ao modo de vida quanto ao ornamento da cidade. Na verdade muitas vezes os comerciantes viajam para ali vindos até de paragens longínquas. Da Itália, da Gália – especialmente das cidades da Armórica –, e também dos Pleumóxios, da Britânia e da Hibernia, que uns trazem as coisas de que os madeirenses carecem e os outros levam dali o que a ilha produz, especialmente açúcar e vinhos, de que a Madeira é especialmente abundante além dos restantes produtos. Não há nenhum porto na cidade, nem sequer em toda a ilha, mas as naus pelas âncoras mantêm-se seguríssimas. Todavia, quando o vento (?)¹⁰⁴ ou vento áfrico se levantam, ficam em grande perigo. Por esta razão convém ou dirigi-las para o mar alto e confiar-se à fortuna ou fugir para a parte de trás da ilha. A cidade é também abundante em águas fluviais, que correm do cimo das montanhas da ilha para a cidade e por esta razão a água poderia também ser levada para o cimo das casas sem grandes dificuldades. Na verdade existe na praia uma fonte conhecida de água dulcíssima, que os cidadãos usam com frequência. (tradução de Pinheiro 2008: 116-117)

¹⁰⁴ *Hibanaie*: vocábulo que não traduzimos por não ainda termos encontrado o seu exacto significado. A tradução italiana que acompanha o texto latino também não o traduz, contornando a dificuldade textual. (NdT)

Durante os meses passados no Funchal observará, de modo objectivo, o comportamento dos diferentes grupos sociais, costumes dos habitantes, considerados “bons e verdadeiros cristãos”, prestará atenção à arte de amar e de namorar dos funchalenses, à vida social dos casados, à relação do senhor com o escravo. Na sua *Descrição da Ilha da Madeira* relata cenas da vida quotidiana, algumas delas anedóticas como quando se refere à proliferação de “pulgas, ratos e meretrizes” e regista os folgares nas datas festivas, de índole religiosa ou de índole comemorativa – danças e cantares, bem como espectáculos que se extinguíram, nomeadamente o jogo de cana, as corridas de touros e o jogo da péla (luta).

Pompeo Arditì, também italiano, registará na sua *Viagem à Ilha da Madeira e aos Açores*, que terá feito em 1567, que:

A cidade do Funchal é a maior povoação de toda a ilha e poderá ter umas cinco a seis mil almas. Está situada numa praia de milha e meia de comprimento, voltada para Cabo Verde. Ai ancoram todos os barcos que vêm comprar açúcar, vinho e conserva de açúcar, de que nesta cidade se fazem de óptima qualidade e em muita abundância.

Aqui, assim tanto os que vendem como os que compram, pagam direitos ao Rei, à razão de dez por cento, de modo que o Rei com isto e com aquilo que lhe provém do açúcar das gentes da terra, que lhe dão um quinto, todos os anos, livre de todas as despesas, obtém cinquenta mil ducados. (Aragão 1981: 130)

António Aragão observa que o número de habitantes aqui referido contradiz o cômputo populacional de dezasseis mil indicados no *Elucidario Maderense* para o ano 1500. Esta

contradição poderá explicar-se pelo modo pouco preciso e nem sempre centralizado dos recenseamentos da população nessa época.

Na transição do século XVI para o século XVII, Leonardo Torriani, arquitecto de origem italiana e engenheiro geral de Filipe II, deixará o manuscrito intitulado *Descrittione et Historia del Regno de l'Isola Canarie*, onde procede a uma descrição da Madeira, revelando, contudo, um conhecimento mais documental do que propriamente assente na experiência. Na verdade, parece ter-se apoiado nos textos de Cadamosto, de Landi e de Arditì. Eis um trecho da descrição da ilha da Madeira, traduzido pelo Frei Francisco de Santo Tomás:¹⁰⁵

O comércio desta cidade é tão grande, por causa dos muitos navios, que a ela vem de todas as partes de África pertencentes a cristãos, e de Itália, Alemanha, França, Espanha e Escócia, que é chamada por antonomásia a Pequena Lisboa. Todos os impostos, e taxas são aqui de dez por cento, assim nas coisas que entram, como nas que saem da Ilha e deles, como das décimas e primícias da Igreja é padroeiro o Rei, que depois dá ao Bispo mil e quinhentos escudos por ano, e aos cônegos setenta e cinco, da mesma sorte que dantes faziam os Reis de Portugal. De todos aqueles impostos paga Sua Magestade a décima parte aos descendentes dos seus genití-homens, Tristão Teixeira e João Gonçalves Zarco, que foram os primeiros que descobriram esta Ilha, [...] Os quais impostos, na maior prosperidade dos anos passados, dizem ter chegado a oitenta mil escudos por ano, e ainda de presente não descem de

¹⁰⁵ João Rocha Pinto dá a seguinte indicação em nota de rodapé (p. 974): “Frei Francisco de Santo Thomaz, Prologo, pp. V, em Leonardi Torriani Cremonese, *Descrittione et Historia del Regno de l'Isola Canarie gia dette le Fortunate con il parte loro Fortificationi*, COD. 892 da B.N.L.”.

sessenta mil; porém daqui em diante, se julga, que irão sempre a menos, porque já a Ilha vai faltando, como as Canárias; pois que sendo montuosa e sem as primeiras selvas, vão as águas das chuvas e inundações dos rios levando as terras ao mar, e deixando descoberta toda a ossada dos montes. (Pinto 1989: 990-991)

Note-se que o fenómeno das enxurradas, a necessidade de proteger a Cidade com uma cintura verde e a gestão da água eram problemas que estavam, já nessa época, na ordem do dia.

Data desta época a visita do viajante francês Jean Mocquet ao Funchal, relatada no seu *Livro das Viagens na Lbia, nas Canárias e na Barbária*.¹⁰⁶ Resumindo um dos aspectos do trabalho de Maria dos Remédios Castelo Branco, Nelson Veríssimo adianta que:

Jean Mocquet chegou ao Funchal em finais de 1601, no navio *La Syrène*, e daqui partiu a 9 de Fevereiro do ano seguinte. Recendo-se estar a tripulação contaminada pela peste, foi inicialmente impedida de desembarcar. Durante quinze dias, o navio, em que viajava, permaneceu de frente do Funchal, junto aos ilhéus da baía. Neste período, foram abastecidos com pão e vinho que, através de uma corda, os madeirenses faziam descer do alto dos ilhéus para o *La Syrène*. Após esta alongada demora, conseguiu desembarcar, mas, à entrada da cidade, os guardas obrigaram-no a mudar de fato. (Veríssimo 1999: 219)

Por sua vez, João Adriano Ribeiro condensa as observações que o viajante e boticário francês teceu acerca do Funchal:

O Funchal, situado num vale, estava rodeada de montanhas donde brotava água em abundância, tendo causado algumas inundações que derrubaram pontes, casas, igrejas e outros edifícios. De facto, esta cidade era conhecida no estrangeiro pelas suas ribeiras, mas não existiam muralhas a separá-las do casario e, de tempos a tempos, quando se davam inundações, deixavam inquietos os seus habitantes. Este autor comparava o Funchal a Saint-Denis, em França, e acrescentava que era densamente habitado, com um grande número de escravos que trabalhavam nos canaviais à volta da cidade. [...] Considerava o ar doce e temperado. Para o autor, era o clima mais agradável do mundo, comparável ao Paraíso Terrestre. [...]. Existia na altura um cônsul de França, Jean Caux de Chartres [...]. Aquela representante francês era rico e recebeu agradavelmente o autor e os seus companheiros. Ele tinha [...] clientes franceses, ingleses e flamengos e mesmo de outros lugares para fazer carregar os seus navios. Exportava-se da Ilha grande quantidade de excelentes conservas de fruta, como marmelada, doce de laranja, cidra e outros doces. (Ribeiro 1997: 242)

Por seu lado, Maria dos Remédios Castelo Branco já evidenciara as construções que, aos poucos, modificam a paisagem:

De assinalar ainda a existência já considerável de quintas e vilas que a gente abastada ia fazendo surgir na encosta da montanha e que iriam constituir a decoração *sui generis* de uma paisagem única [...] e que, ao longo dos tempos, impressionaria tantos outros

¹⁰⁶ É nossa a adaptação do título do livro I que se insere num conjunto de seis, pertencendo a obra *Voies en Afrique, Asie, Indes Orientales et occidentales faits par Jean Mocquet, Grande du Cabinet des Sultans du Roi*, aux Tulleries, Paris, Jean Heuqueville, 1617, reed. 1645, 1665, e 1830.

viajantes ao aproximarem-se do Funchal. (Castelo Branco 1987: 226)

Pierre d'Aviry, sem se deslocar aos locais descritos, como parecia ser prática dos geógrafos da época, sintetiza em *Description General d'Afrique seconde partie du monde avec tous ses empires, royaumes, estats e republicques*, de 1637, as leituras que fez das relações de viagem que consultou, informação relativa à Madeira e ao Funchal que João Adriano Ribeiro resume em “A Madeira na literatura de viagens francesa (1600-1652)”:

Considerava o autor que “era um dos melhores e mais agradáveis lugares da terra”. Aquilo a que denominavam bondade das águas e do clima era uma das qualidades da Ilha gabadas por todos quantos a visitavam. [...] O Funchal era a capital e possuía uma igreja colegial, três paróquias, dois conventos da Ordem de São Francisco, de ambos os sexos, outro cujos religiosos dependiam dos reis de Portugal e um outro de virgens, fundado pelo Governador da Ilha, de seu nome Gonçalves, além de um colégio de jesuítas. (Ribeiro 1997: 243)

Com destino à Guiana Francesa, o padre Antoine Biet relatará a viagem empreendida entre 1652 e 1653, no seu *Voyage de la France equinoxiale en l'isle de Cayenne entrepris par les françois*, de 1664. Na sua escala no Funchal, pôde observar e dar conta das formas elevadas de cortesia com que eram recebidos os viajantes distintos, uma prática também sublinhada por Nelson Veríssimo:

As frotas das nações estrangeiras, com as quais Portugal mantinha boas relações diplomáticas, eram, normalmente, recebidas com

todas as honras pelo capitão-general da ilha. [...] Algumas dessas amabilidades: frequentes trocas de presentes, concerto musical, libertação de presos portugueses e franceses e salvas de artilharia. (Veríssimo 1999: 114)

De acordo com João Adriano Ribeiro, o padre Biet terá igualmente anotado que o Funchal:

Era sede episcopal que estava naquele momento sem bispo por causa dos diferendos entre Portugal e Espanha. [...] O Governador morava numa fortaleza sobranceira ao porto. Existiam ainda duas outras fortalezas: uma na extremidade da cidade do lado norte (fortaleza do Pico) e uma terceira no litoral (forte de Santiago). Havia um rochedo no mar onde o Governador pensava construir uma fortificação (fortaleza do Ilhéu), que evitaria a aproximação das embarcações. As igrejas eram bonitas, sobretudo a Catedral, tendo enumerado os seus altares. Existia ainda um convento de Santa Clara e uma casa dos Jesuítas. Não viu mais que duas pontes sobre uma ribeira que descia da montanha. Havia poucos portugueses, vendo-se sobretudo escravos negros. Os costumes eram bem diferentes entre o campo e a cidade. Os [habitantes] da cidade [...] eram muito preguiçosos e não pensavam senão em fazer mal. O clero, tanto regular como secular, era pouco dado à devoção, isto porque a diocese estava sem bispo e não havia pessoa que o submetesse ao seu dever. [...] [O clero] acerca dos assuntos religiosos mostra[va] grande ignorância. [...] Acrescentava finalmente que os nobres tinham uma compostura verdadeiramente espanhola. (Ribeiro 1997: 247)

Acerca da visão que Biet dá dos comerciantes, Nelson Veríssimo observa que:

Biet considerou-os [o grupo dos mercadores], na sua generalidade, ladrões e comparou-os com ciganos, mas o padre francês muito provavelmente exagerou. (1999, p. 71). Biet [...] apontou que «les lieux infames y sont fort communs», depois de referir que os mercadores e os burgueses tinham inclinação para o vício da carne. (Veríssimo 1999: 82)

Não será, porventura, o caso dos comerciantes calvinistas estabelecidos na Ilha que, por volta de 1686, nos dias subsequentes à revogação do Édito de Nantes, acolheram, como adianta Paolo Carlie, Guillaume Chenu de Laujardière,¹⁰⁷ um jovem com cerca de catorze anos, expatriado pela família para evitar a sua conversão forçada ao catolicismo. A sua aventura — situação que faz lembrar o *topos* do aventureiro foragido, de sabor picaresco — começa na Madeira onde é temporariamente acolhido pela família de calvinistas em casa de quem iria permanecer durante seis meses. Devia, posteriormente, seguir para a Holanda e Brandeburgo onde esperava por ele o irmão mais velho. Todavia, as perseguições também chegaram à Madeira e sob a ameaça de ser enclausurado no colégio jesuíta, o jovem saltou para um barco inglês que seguia para as Índias orientais (Carlie 1997: 54).

Na senda das viagens científicas que se iniciam no séc. XVIII, o padre jesuíta francês, Antoine de Laval, faz uma estadia no Funchal, nos dias que medeiam 6 e 17 de Abril de 1720, para fazer “observações astronómicas” com vista a determinar a latitude e a longitude da ilha da Madeira. Na sua obra *Voyage de La Louisiane*, publicada em Paris em 1728, descreve o Funchal e o Litoral da

¹⁰⁷ Guillaume Chenu de Laujardière, *Relation d'un voyage à la côte des Cafres [em] Funeur et barbare. Récits de voyageurs chez les Cafres et les Hottentots (1665-1721)*, textes réunis et présentés par Dominique Lanni, préface de François Mourreau, Paris, Cosmopole, 2003.

Ilha, anotando que foi muito bem recebido pelos padres jesuítas do Colégio, bem como pelos portugueses da Madeira (p. 33). A sua atenção centra-se na orografia e no clima da Ilha, na qualidade da água doce e nos produtos da terra (trigo, cana-de-açúcar, vinha, banana, entre outras árvores de fruto). Vai procurar o boticário mais conceituado da Cidade para saber se existe na Ilha plantas raras com propriedades medicinais, sendo-lhe dito que não (p. 30). Relativamente ao Funchal, repara que a Cidade é tão extensa quanto Toulon (França), mas não tão larga (p. 16). Inventaria as defesas da urbe (localização dos fortes, bastiões e muralhas), qualificando-as de “antigas e de mau gosto”, os edifícios da Igreja (catedral, colégio e conventos), cuja arquitectura, no seu modo de ver, é datada, sem arte, ao passo que o hospital é “bonito, amplo e bem dotado”. Regista que a guarnição é composta por apenas cento e cinquenta homens, no entanto, a Ilha está razoavelmente povoada, entre vinte e quatro mil e trinta mil habitantes. No Colégio, há vinte padres jesuítas e quatrocentos alunos, divididos em cinco turmas. Esboça a configuração da “capital da Ilha” do seguinte modo:

A cidade do Funchal é bastante bonita. A maioria das casas, de boa construção, tem apenas um piso, havendo, no entanto, algumas com dois e três pisos. A pedra de cantaria em grão grosso não falta. Como existe na ilha grande quantidade de cedros, várias casas têm o recto feito dessa madeira e um bonito soalho de pinho. Uma ribeira grande passa na extremidade da cidade a Oriente. Outra mais pequena, a Ocidente. Como estas ribeiras descem da montanha, é fácil conduzir as águas, por várias levadas, aos numerosos e bem tratados jardins da cidade. Não há casa que não tenha o seu jardim, onde se encontram as mesmas essências

que na Europa. A zona ribeirinha da cidade está protegida por uma simples muralha com alguns ângulos salientes.¹⁰⁸

Décadas mais tarde, no primeiro tomo da sua *Histoire des deux Indes*,¹⁰⁹ de 1780, o abade Raynal descreverá a cidade insular num modo menos benevolente:

O Funchal é uma cidade construída sem esmero, na costa meridional, num vale fértil, no sopé de montanhas cujas suaves encostas estão cobertas de jardins e de casas de campo muito agradáveis. A cidade é atravessada por sete ou oito ribeiras. A baía, o único lugar onde é permitido carregar e descarregar navios e onde se estabeleceu, por consequente, a alfândega, é muito segura ao longo de quase todo o ano.¹¹⁰

¹⁰⁸ Tradução nossa: "La ville de Funchal [...] est assez belle, les maisons y sont bien bâties, plusieurs n'ont qu'un étage: il y en a pourtant quelques-unes à deux & trois étages. La pierre de taille d'un gros grain n'y manque pas. Comme il y a dans l'isle quantité de cedres, plusieurs maisons ont leurs plafonds de ce bois, & les planchers de sapin, qui y est fort beau. [...] § Un ruisseau assez gros passe à l'extrémité de la ville à l'Orient. Un autre moindre à l'Occident. Comme ces ruisseaux viennent de la montagne, on conduit assement leurs eaux par divers canaux dans les jardins de la ville, qui sont en grand nombre & bien cultivéz. Il n'y a guere de maison qui n'ait son jardin, où l'on trouve les mêmes herpages qu'en Europe. § [...] Le long du rivage la ville est enfermée d'une simple muraille qui forme quelques angles saillans [...]?" (in *Voyage de la Louisiane*, Antoine de Laval 1728: 31-32).

¹⁰⁹ Citado por François Mourneau. V. L'abbé Raynal, premier tome de l'*Histoire philosophique et politique des établissements et du commerce des Européens dans les deux Indes*, Genève, Pellet, 1780, in-8°, t. I, pp. 47-51.

¹¹⁰ Abade Raynal, *Histoire des deux Indes*: "La ville de Funchal, bâtie sans beaucoup de goût, sur la côte méridionale, dans un valion fertile, au pied de quelques montagnes dont la pente douce est couverte de jardins et de maisons de campagne très agréables. Sept ou huit ruisseaux la traversent. Sa trade, la seule où il soit permis de charger ou décharger les bâtiments, et la seule par conséquent où l'on ait établi des douanes, est très sûre durant presque toute l'année." (cit. por Mourneau 1997: 204). Tradução nossa.

La Pérouse, na obra póstuma intitulada *Voyage autour du monde*, datada de 1797, relata uma viagem que terá realizado ao Funchal entre os anos 1785-1788. No verbete que lhe é dedicado, os autores do *Elucidario Madeirense* condensam as informações concedidas pelo viajante:

La Pérouse foi muito obsequiado no Funchal pelo negociante inglês Johnston, de quem recebeu na ocasião da partida cem garrafas de vinho Malvasia, meio barril de vinho seco e frutas em doce e aguardente, e jantou no dia 14 de Agosto [de 1785] em casa do português Monteiro, encarregado dos negócios do consulado de França, tendo alojado nesse mesmo dia na residência do cônsul inglês Murray.

Note-se, mais uma vez, o gosto particular que tinham os notáveis da Cidade em receber ilustres viajantes.

O Conde de Las Cases, no seu *Memorial de Santa Helena*, refere a chegada do barco inglês *Northumberland* à baía do Funchal, onde fez escala, e em que viajava Napoleão a caminho do seu derradeiro exílio:

A 22 [de Agosto de 1815] tomámos contacto com a Madeira. Chegámos diante do porto à noite; somente dois barcos foram enviados ao molhe para as necessidades da esquadra. O vento estava muito forte, o mar muito bravo; o Imperador estava incomodado e eu estava bastante doente. Havia golpes de vento; o ar estava excessivamente quente e como que carregado de uma poeira extremamente fina: eram esses ventos terríveis do deserto de África que transporta até nós as emanações. Este tempo durou

todo o dia seguinte, a comunicação com a terra tornou-se muito difícil; entretanto, o cônsul inglês veio a bordo: disse-nos que há muitos anos não se via um tempo semelhante; todas as vidraças da cidade estavam partidas, respirava-se dificilmente nas ruas, e a vindima estava perdida; continuámos assim toda a noite seguinte e o dia 24, em que embarcámos alguns bois e outras provisões como laranjas não maduras, maus pêssegos, peras sem gosto, mas figos e uvas excelentes. À noite retomámos o caminho, com uma grande rapidez, o vento continuava sempre muito forte. (cit. por Ventura 1999: 17)

Consta que os habitantes da Cidade, supersticiosos, terão atribuído o mau tempo à presença de Bonaparte, o que terá colaborado para a construção do mito napoleónico.

Cerca de 1840, a entrada na era da marinha a vapor viria a favorecer o desenvolvimento do turismo e o gosto pelo exotismo, despertando-se, um pouco por todo o mundo, o interesse pelo subgénero literário em análise. Constituído, essencialmente, por crónicas ou impressões de viagem (Castelo Branco 1989), viria a decorrer, em parte, da expansão e desenvolvimento do periodismo, o espaço onde, na época, eram publicados os relatos de viagem – folhetins. Naturalmente, a ilha da Madeira não deixará de fazer parte do imaginário de alguns escritores que a escolheram para situar as aventuras dos heróis dos seus livros.

No campo literário, citando a sua própria dimensão cronotópica, segundo uma perspectiva poética alargada, os viajantes-escritores parecem encontrar nos espaços que (re)criam nos seus textos, a possibilidade de se aceder a um lugar de verdade e libertação: uma paisagem romântica de um *locus amannus*, a terra prometida, o paraíso terrestre, uma utopia, ou um lugar especial

onde é possível viver-se na plenitude. O espaço emerge como uma categoria privilegiada do universo da narrativa, tornando-se, por vezes, num espaço mágico ou mitificado, um actor principal no palco da ficção em que o discurso narrativo se constrói. Neste sentido, uma paisagem pode inspirar o artista-escritor, mais preocupado em traduzir as sensações e emoções do que propriamente em descrever, com exactidão, a realidade envolvente, o que parece acontecer no romance epistolar *Um Dia na Madeira*, ou na sua tradução portuguesa, *Um Dia na Madeira*, de Paulo Mantegazza (1831-1910), obra de ficção, alicerçada, contudo, nas experiências do autor-narrador, que a contextualiza nos anos 1852-1853. Mantegazza não deixará passar a oportunidade de dar a ver a cidade do Funchal em harmonia com a grandiosidade do espaço marinho de onde sobressai o “grande anfiteatro de montes altíssimos”:

Passados alguns instantes, estávamos diante do Funchal, a capital da ilha, que parecia estender-se ao de leve entre campos de canas-de-açúcar e de inhames, entre quintais sombrios com as nossas árvores europeias e bosques fantásticos de bananeiras de folhas gigantescas e aveludadas: e a todo o redor abria-se um grande anfiteatro de montes altíssimos, verdadeiros penhascos de gigantes; e a emoldurar o quadro, dois oceanos talvez demasiado grandes para aquele ninho de amores: o oceano do mar e o oceano do céu: naquele instante não saberíeis dizer qual dos dois mais se aproximava do azul ultramarino ou da safira. § Passei três vezes diante da Madeira e ouvi sempre irromper do peito dos mais comuns dos viajantes um grito da alma: por que não tenho uma casinha neste paraíso? (Mantegazza 2010: 22)

Da paisagem literária revisitada, as imagens eleitas fazem despertar a emoção, dando origem a correspondências que vibram

do interior do imaginário textual. O momento do desembarque descrito por Mantegazza permite dar a ver uma das múltiplas possibilidades que a tópica da viagem pressupõe e que o acaso reserva à entidade ficcional:

O encanto daquele panorama estava destinado a durar pouco: um grito uníssono de mil bocas, um pandemónio de mil palavras portuguesas, áspetos no sotaque e mais áspetos ainda no sentido convidam-nos a desembarcar; a escolher uma barca entre tantas que barulhentas e impertinentes batiam contra o *Thames*. Depois, no meio de berros e de gritos, mal desembarcámos, tive de abrir caminho à força por entre gente meio despida que me propunha um cavalo; gente de casaca que me propunha um hotel; vendedores de bengalas, vendedoras de bordados; um mundo de outros homens e de outras mulheres que em óptimo português, em péssimo francês, e em mau inglês queriam todos alguma coisa de mim, sem que eu quisesse alguma coisa deles. (Mantegazza 2010: 22-23)

Descrever a viagem deixará de ser uma prática exclusiva dos homens. No século XIX, são cada vez mais as senhoras da aristocracia ou da alta burguesia que procuram captar e fixar através da escrita e do desenho curiosidades e cenas marcantes do meio que vão descobrindo, como ilustra Isabella de França (1853-1854). Não terá sido a única.

Da sua estada na Madeira, no Inverno de 1859-1860, Carlota de Saxe (1840-1927), filha do rei Leopoldo da Bélgica, terá escrito, embora não tivesse assinado, ¹¹¹ *Un Hiver à Madère*, ¹¹² livro publicado

¹¹¹ A esse respeito, João Cabral do Nascimento observa nas suas “notas”: “A pragmática tão rigorosa da corte austríaca não permitiria que um membro da família imperial publicasse com o seu nome obra daquela natureza. Esta circunstância talvez explique também a ausência de notas íntimas no diário e a segura com que são referidos os factos relativos à vida dos príncipesos viajantes”.

¹¹² Não confundir este título com *A Winter in Madeira and a Summer in Spain and*

em 1863, onde incluía alguns desenhos. O texto apresenta-se como um diário dividido por datas ordenadas cronologicamente, correspondendo à estação do ano a que o título se refere.

Pouco depois entrávamos na baía do Funchal, onde uma multiplicidade de quintas, escadadas na encosta da montanha, se destaca no meio do verde tenro dos campos de cana-de-açúcar. O Funchal parece desportar no meio de um jardim, ao qual à igreja branca da *Nossa Senhora do Monte* serve de algum modo como coroaamento. § Infelizmente, devido à incuria do governo que descurou abrigar a baía com a construção de um porto, a enseada está exposta a todos os ventos, oferecendo um asilo pouco seguro aos navios que aí vêm fundear. Estávamos ancorados perto de um pequeno ilhéu de aspecto bizarro, denominado *Loo-rooké*. Neste domina um forte onde está desfaldada a bandeira portuguesa e a sua base de basalto assemelha-se à lava calcinada. ¹¹³ (...) § Para entrar na cidade, montámos a cavalo. Os jardins das quintas ao lado dos quais passávamos, estavam repletos de begonias em flor e, sobre um muro, resplendecia uma *bougainvillea spectabilis* de um roxo intenso. § A estrada borda o cemitério plantado de altíssimos ciprestes; de frente ergue-se o belo e pitoresco hospital da princesa D. Maria Amélia, cujo coração materno da Imperatriz

Florence, 1850, do americano John Adams Dix, cujo relato respeita a uma estadia na Ilha que vai de 12 de Novembro de 1842 a 17 de Março de 1843.

¹¹³ Tradução nossa: “Bienôt nous entrions dans la rade de Funchal, où une multitude de villas, échelonnées sur le penchant de la montagne, se détachent au milieu du vert tendre des champs de cannes à sucre. Funchal semble sortir du milieu d’un jardin, auquel la blanche église de *Nossa Senhora do Monte* sert en quelque sorte de couronnement. § Malheureusement l’incurie du gouvernement ayant négligé d’abriter la rade par la construction d’un port, celle-ci, restée ouverte à tous les vents, offre un asile peu sûr aux navires qui viennent y jeter l’ancre. Nous étions mouillés près d’un petit îlot de forme bizarre, appelé *Loo-rooké*. Il est surmonté d’un fort où flotte le pavillon portugais, et sa base de basalte ressemble à de la lave calcinée” (*in Un Hiver à Madère*, Carlota de Saxe 1863: 67).

consorte do Brasil, partido pela perda da única filha, quis dotar a cidade do Funchal.¹¹⁴

Recorrente na literatura, a Praça da Constituição afigura-se como um dos lugares centrais da vida social do Funchal, onde para se chegar, basta atravessar “uma ponte erguida sobre uma ribeira”; esse passeio público é delimitado “por um lado com a igreja de *São Francisco* com a sua cúpula rococó revestida de porcelana, e por outro com a *Se*” (Carlota de Saxe 1863: 70-73).

A autora enumera ainda a flora, descreve os meios de transporte, dá conta das visitas de cortesia, recepções e outras excursões, regista um temporal, comenta a procissão de Quarta-feira de Cinzas e a procissão dos Passos, visita as principais quintas da Cidade, como a Quinta Palheiro do Ferreiro, a Quinta Saudade e a da Palmeira, a Quinta Davies (posteriormente designada Quinta Vigia), e a quinta La Tuillière, (depois Lambert, antiga Quinta Nossa Senhora das Angústias, hoje conhecida como Quinta Vigia), vai ao teatro Esperança, contacta com personalidades locais, nomeadamente o conde de Carvalhal, o conde Farrobo, o visconde de Torre Bela, o Bispo e alguns cônsules de que podem ser exemplo Carlo Bianchi, cônsul da Áustria, o inglês Stoddart e o americano Marsh.

Dada a sua idade — cerca de vinte anos —, e o número de registos e considerações que apresenta, não seria de estranhar que

¹¹⁴ Tradução nossa: “Pour entrer en ville nous montâmes à cheval. Les jardins des villas près desquelles nous passions, étaient remplis de bigonias en fleurs, et sur un mur resplendissait une *bougainvillea spectabilis* d’un lilas éclatant. § La route longe le cimetière, planté de cyprès gigantesques; vis-à-vis s’élève le bel et pittoresque hôpital *da princesa D. Maria Amélia*, dont le cœur maternel de l’Impératrice douairière du Brésil, brisé par la perte de sa fille unique, a voulu doter la ville de Funchal.” (*in ibid.*, Carlota de Saxe 1863: 69).

algumas fossem sugeridas por autores que tivesse lido, já que os seus apontamentos parecem derivar da sua experiência empírica e também documental. Nessa mesma obra são mencionados alguns hábitos dos funchalenses, nomeadamente, os bailes e as recepções decorridos com particular incidência durante o Inverno. A este propósito, é descrita uma festa dada pelo Conde de Carvalhal:

Houve no palácio do Conde de Carvalhal um grande e bonito baile digno de um salão de Londres ou de Paris. Ninguém teria imaginado que no meio de uma pequena ilha do Oceano, privada de comunicação com o mundo civilizado, fosse possível patentear tanta elegância e bom gosto.¹¹⁵

Para além da referência aos bailes, são também recidas considerações sobre a vida política local, asseverando a preferência dos madeirenses pelos miguelistas, em parte por influência do clero, corroborada pelo facto de, na época, se votar nas igrejas. A leitura do semanário *O Funchalense*, com tiragem aos sábados, permitirá, ainda, à autora fazer observações acerca do comportamento da imprensa local:

A imprensa na Madeira é mesmo má. É surpreendente encontrar neste canto do Oceano esse lado deplorável da civilização mais avançada; nada menos do que quatro jornais no Funchal, cujas colunas se enchem periodicamente de diatribes ridículas contra

¹¹⁵ Tradução nossa: “Il y eut chez le Comte de Carvalhal un fort joli bal, qui eût fait honneur à un salon de Londres ou de Paris. On ne se serait jamais douté qu’au milieu d’une petite île de l’Océan, privée de communication avec le monde civilisé, on pût déployer autant d’élegance et de bon goût.” (*in ibid.*, Carlota de Saxe 1863: 127).

as autoridades locais. Vindo o vapor apenas uma vez por mês, as notícias da Europa ocupam pouco espaço; como então evitar que a maledicência e a calúnia não se metem em tudo? Suponho que seja esse o raciocínio dos periodistas.¹¹⁶

Aliás, a propósito de *Ordem*, um outro jornal, dirá que “os piores jornais têm sempre nomes virtuosos” (Carlota de Saxe 1863: 107). Assim, Maria Carlota revela ter gosto em transmitir as suas reflexões pessoais, acompanhadas por uma atitude crítica.

Jules Verne (1828-1905), escritor francês cuja vocação literária incidia na divulgação de conhecimentos científicos e geográficos da época, é um dos escritores que viria a escolher a ilha da Madeira para cenário das aventuras narradas em *L'Agence Thompson and C^o*, de 1907. Ao analisar o referido romance, Carmen M. Radulet considera-o um:

produto exemplar da literatura de viagens e aventuras produzida em vários países da Europa durante o século XIX e princípio do século XX. Todavia, ao contrário de outros romancistas da época, Júlio Verne aspira à realização de um projecto muito mais complexo e ambicioso do que escrever simples livros de viagem e aventuras: sobretudo com a série das “Voyages extraordinaires”, a intenção é, como declara o próprio Autor, a de utilizar *todos* o conhecimentos geográficos, geológicos, astronómicos e históricos

¹¹⁶ Tradução nossa: “La presse est à Madère aussi mauvaise que possible. On s’étome de trouver dans un coin de l’Océan ce fâcheux côté d’une civilisation plus avancée; il n’y a pas moins de quatre journaux à Funchal, dont les colonnes se remplissent périodiquement de diatribes ridicules contre routes les autorités locales. Le vapeur n’arrivant qu’une fois par mois, les nouvelles d’Europe tiennent peu de place; que dire donc si la médisance et la calomnie ne s’en mêlent? Je suppose que c’était là le raisonnement des journalistes.” (*in ibid.*, Carlota de Saxe 1863: 106-107).

recolhidos pela ciência moderna para conseguir “peindre la terre, et même un peu l’au-delà, sous la forme du roman”. (Radulet 1990: 1034)

A *Agência Thompson & C.^o*¹¹⁷ refere-se à Ilha como uma “região religiosa e católica” (Verne s.d.: 203), menciona o Hotel de Inglaterra (*ibid.* p. 199) e certos costumes como “a morte do anjo” (*ibid.* 203-204).

O cotejo entre o romance de Verne e o texto “Six Mois à Madère”, do jovem Marquês Degli Albizzi (?-?), publicado em Paris, em 1888, no periódico *Le Tour du Monde*, revela a contaminação do primeiro pelo segundo. Neste último, Albizzi escreve sobre a sua estada no Funchal e as suas impressões de viagem pela Ilha. Trata-se de um texto ilustrado, pleno de descrições detalhadas, aproximando-se de uma intenção turística. Verne, que não se terá deslocado à Madeira, teria aproveitado o saber de experiência feito de que dá provas o texto de Albizzi para recriar o cenário que escolheu para fazer evoluir as suas personagens. A este propósito, compare-se os excertos seguintes:

Assim que o navio entrou na enseada, foi logo rodeado por um grande número de pequenas embarcações com crianças seminuas que bradavam numa linguagem mista, de português com inglês. Uns vendiam frutos, outros pediam aos passageiros que deixassem moedas ao mar para irem buscá-las ao fundo da água.¹¹⁸

¹¹⁷ Utilizamos a tradução portuguesa do romance: *A Agência Thompson & C.^o*, primeira parte “A Excursão”, tradução de J.B. Pinto da Silva e Diogo do Carmo Reis, Amadora, Livraria Bertrand, s.d., capítulo XIII.

¹¹⁸ Tradução nossa: “Aussitôt entré dans la rade, le bâtiment est entouré d’une infinité de petites embarcations montées de gamins à demi nus qui gesticulent en criant à tue-tête dans un langage mi-portugais, mi-anglais. Les uns vendent des fruits, les autres

A primeira sequência retrata a chegada à baía do Funchal, imbuída do movimento da faina da pesca, do bombote e da mergulhança:

Assim que o *Seaman* deixou cair a âncora, foi logo rodeado por um grande número de embarcações, conduzidas por crianças seninhas, cujas vociferações se uniam num concerto discordante. Na sua linguagem anglo-portuguesa ofereciam flores e frutos ou pediam aos passageiros que deixassem dinheiro ao mar para irem, surpreendentes nadadores, buscá-los ao fundo da água. (Verne s.d.: 188-189)

Outro aspecto recorrente é o modo original de desembarque de passageiros e bagagens que, dadas as limitações do porto, muito ficou a dever à perícia dos barqueiros locais:

Para chegar à praia, diante quase meia milha, não se deviam empregar os escaleres de bordo. O mar, muito batido no Funchal, torna o desembarque deveras difícil. É necessário o concurso das embarcações da ilha e de marinheiros muito práticos da costa. [...] § Chegando a vinte metros da praia, os marinheiros param e esperam a onda que os deve conduzir a terra, no meio de um cachão de espuma, mais assustador que perigoso. Os marinheiros da Madeira escolhem o momento psicológico com notável habilidade, e é raro um desembarque falhado. (Verne s.d.: 196-197)

demandant qu'on leur jette à la mer des pièces de monnaie, à la recherche desquelles ils plongent?" (in "Six Mois à Madère", Albizzi 1888: 67).

A visita à Cidade, assemelhando-se ao discurso de um guia turístico, dá particular atenção ao típico, ao castiço, oferecendo, dessa forma, um roteiro onde se inscrevem os principais pontos de interesse, de que podem ser exemplo os monumentos, as praças, os meios de transporte e o ambiente das ruas:

Na Praça do Chafariz, bastante vasta e ornada com uma fonte central, formigava multidão imensa de camponeses, vindos do mercado. Os dois franceses acharam sem custo a estação das redes e ajustaram dois destes agradáveis veículos. [...] Primeiro aproximaram-se do palácio de S. Lourenço, costeando-lhe as fortificações irregulares, flanqueadas de torres redondas, pintadas de amarelo, atrás das quais se abriga o governador da Madeira. § Depois [...] atravessou o jardim público, muito bonito e bem conservado, que se desenvolve ao lado do Teatro do Funchal. § [...] A Catedral, do século XV, tem perdido todo o seu carácter abaixo das pinturas sucessivas com as quais a tem mimoseado a muito conservadora administração local. [...] As ruas, bordadas de casas brancas, de persianas verdes e com varandas de ferro, sucediam-se igualmente sinuosas, sempre vivas de passeios e calçadas com as mesmas pedras impedidosas. No rés-do-chão abriam-se estabelecimentos com aspecto convidativo [...]. Alguns [...] ofereciam aos amadores produtos especiais da Madeira. Eram bordados, rendas em fio de agave, esteiras e pequenos móveis marchetados. Nos mostradores dos joalheiros acastelavam-se braceletes, reduções da eclíptica, porque se viam gravados neles os signos do Zodíaco. [...] Viam-se poucos peões. Os transeuntes, geralmente de rede, apareciam algumas vezes a cavalo e seguidos, neste caso, pelo infatigável arriero, encarregado de dar caça aos mosquitos. (Verne s.d.: 201-202)

As referências a alguns meios de transporte típicos da ilha da Madeira, de que são exemplo as “redes” e os “carros de cesto do Monte”, impõem-se como motivos típicos na obra dos escritores:

Outras vezes, o transeunte passa, todo ufano, debaixo do baldaquino impermeável de um carro, espécie de carruagem de patins, deslizando sobre as pedras polidas. O carro, puxado por bois, com guizalheiras, avança com prudente lentidão, conduzido por um rapaz, que faz às vezes de postilhão. § Entretanto, pouco a pouco, o carácter da cidade mudava. Os estabelecimentos rareavam, as ruas tornavam-se mais estreitas, mais tortuosas e mal calçadas. Ao mesmo tempo acentuava-se a subida. Chegavam aos bairros pobres [...] Os condutores das redes não desanimavam com a asperza do declive. Continuavam a marcha com passo igual, seguro e forte, trocando, ao perpassarem, os bons-dias. § Nestes certos já não havia carros de bois. Eram substituídos pelos carros do monte, espécie de trenós, admiravelmente adaptados a estes declives da montanha. A intervalos, os turistas viam-nos passar deslizando a toda a velocidade e dirigidos por dois homens robustos, por meio de duas cordas fixas à parte anterior do veículo. (Verne s.d.: 202)

Além do retrato da Cidade, o autor ensaia ainda algumas notas irónicas ou humorísticas sobre a Madeira e a sua capital:

É o paraíso dos doentes, que vêm em grupos compactos no começo do Inverno, sobretudo doentes ingleses, pedir saúde a este céu de um azul tão suave. Desta maneira fica anualmente

uma soma de três milhões de francos nas mãos dos Madeirenses, enquanto as covas abertas por aqueles que não tornam a partir fazem da Madeira, segundo uma expressão enérgica, “o maior cemitério de Londres”. (Verne s.d.: 188)

Acerca das ruas estreitas e sinuosas da Cidade, Jules Verne refere-se, com tom humorístico, “às ruas desumanas” a que nenhum “calçado [...] resist[e]”:

Tendo desembarcado mesmo em frente da torre dos sinais, os dois viajantes internaram-se logo nas ruas estreitas e tortuosas do Funchal. Mas não tinham ainda dado cem passos quando diminuiram o andamento. Pouco depois pararam, olhando com uma careta dolorosa para a desoladora calçada que lhes atormentava os pés. Em nenhum outro ponto do Globo há ruas mais desumanas. Feitas de fragmentos basálticos de arestas agudas, não há calçado que lhes resista. E a respeito de passeio, nem era bom pensar nisso: é um luxo desconhecido na Madeira. (Verne s.d.: 199)

O escritor aproxima-se, assim, de um espectador-comentador dos Outros, num jogo de identidade-alteridade que se abre à cumplicidade com o leitor:

* * *

Apesar de inexactidões esporádicas à referencialidade da Ilha, as narrativas convocadas ao longo desta segunda parte, por

se aproximarem de uma poética da literatura de viagens, escrita por estrangeiros, com referências ao Funchal, assentam na projecção de uma realidade.

Através dos textos citados ao longo desta abordagem pôde verificar-se vários tipos de sensibilidade do viajante-escritor, desde uma aproximação historicista até às várias dimensões culturais que esse discurso assume, dando a ver aspectos do espaço-tempo referentes, neste caso particular, ao Funchal. O retrato da Cidade, nessas diversas formas como a apreenderam os viajantes-escritores, parece radicar na idealização da ilha da Madeira, retratando uma espécie de paraíso, perdido para uns, inacessível para outros, tanto pela amenidade do seu clima e beleza das suas paisagens como pela gentileza dos seus habitantes. Todavia, não procuram esconder os aspectos que os chocam, nem poupar críticas aos membros do clero, à actividade intelectual e política local, bem como a certos comportamentos sociais.

Percorrendo momentos de uma temporalidade aparente e espaços de uma geografia tornada simbólica, contudo, decalcada do real, que pareceram marcar as formas e as estruturas da percepção dos viajantes que escreveram sobre o Funchal, a leitura das suas descrições ou narrativas levou ao encontro do espaço do texto como lugar do real e do possível, segundo um processo genético através do qual se informa a coerência da imagem do Funchal que se criou em Itália e em França e, embora com menos referências, pelo menos encontradas, em Espanha.

As estruturas espaciais não se reduzem a um simples inventário de lugares representados, com um estatuto puramente descritivo e ornamental, servindo de fundo à composição, mas antes colaboram com ela, de certo modo orientando-a, e abrindo ao leitor as vias da sua compreensão. Na visão exterior que da

Cidade atlântica dão os escritores-viajantes, neste caso particular, italianos e franceses, parece poder concluir-se, através dos textos, que o Funchal é retratado, com detalhe, não só de um ponto de vista geográfico dos lugares, como também da realidade histórico-cultural, onde se tecem juízos críticos acerca do quotidiano e dos hábitos do povo.

A DEMANDA DE UMA TOPOGRAFIA DOS AFFECTOS:

A PENTEADA OU O FIM DO CAMINHO

DE IRENE LUCÍLIA ANDRADE

Leonor Martins Coelho

Autora de uma apreciável obra literária, de ficção e de poesia,¹¹⁹ embora ainda pouco abordada pela crítica universitária, Irene Lucília Andrade, talvez movida por um desejo de comunicar mensagens mais claramente afirmadas, tem vindo a privilegiar, nos últimos tempos, a prosa. Por conjugar esta configuração discursiva com o tema da cidade do Funchal, a presente análise incidirá no livro publicado em 2004, *A Penteada ou o Fim do Caminho*, que se pode ler como uma crónica de memórias de um arredor da capital da Ilha. A obra divide-se em quarenta e uma narrativas e faz-se igualmente acompanhar por seis testemunhos de leitores – poetas e académicos pertencentes ao seu círculo de amizade – que respondem às memórias e às paisagens esboçadas pela autora.

As páginas que constituem o referido volume apresentam cenários múltiplos de singelas vivências, indo ao encontro do

¹¹⁹ Irene Lucília Andrade publicou o seu primeiro livro de poesia, *Hora Imóvel*, em 1968. Nesse género literário, deu ainda a lume: *O Pé Dentro de Água* (1980), *Ilha que é Gente* (1986), *A Mão que Amanasa os Frutos* (1991), *Estrada de um Dia Só* (1995), *Protesto e Canto de Atena* (2002) e *Água de Mel e Manacá* (2002). No que concerne à ficção narrativa, são de referir os romances: *Angélica e a sua Espérite* (1993) e *Porque Me Lembrei dos Cisnes* (2000); entre a crónica e a narrativa breve, lançou *A Penteada ou o Fim do Caminho* (2004), *Crónica da Cidade Anónima – À Hora do Tordo* (2008) e *Da Fábula... ao Mote* (2011). Para mais informação sobre a autora e a sua obra, o leitor poderá consultar o número especial da revista *Margem 2*, subordinada ao tema “Irene Lucília Andrade: uma voz na margem”, Leonor Martins Coelho (coord.), Funchal, Câmara Municipal – Departamento da Cultura, 2009, e o CD-ROM dedicado a Irene Lucília Andrade, produzido no âmbito da linha editorial “Biblioteca Digital de Autores Insulares” do Centro de Estudos de História do Atlântico, organizado por Ana Maria Kauplla e Graça Alves (Funchal, 2011).

caleidoscópico humano e paisagístico que o espaço insular de um tempo pretérito parece congregar, reabilitando, assim, a periferia da cidade insular litorânea. Esses cenários desenrolam-se por via de um discurso narrativo marcado pelo envolvimento emocional da voz do texto. Essa geografia sentimental firma-se em lugares como Água de Mel, Madalena, Achada, Caminho ou Ribeira,¹²⁰ topónimos circundantes da zona da Penteadada, os quais se oferecem ao leitor num itinerário de leitura livre ao sabor de breves evocações, mas com pontos de paragem densamente definidos.

Esta Penteadada literária apresentar-se-á, então, como espaço de celebração da memória pessoal da autora em confronto com os novos contornos que o lugar tomou, convidando assim o leitor a compreender essoutra paisagem como produto da mobilidade política, social e cultural da Ilha das últimas décadas. Irene Lucília – como é afectuosamente denominada na Madeira – vem desvendar o Funchal periférico de ontem e o de hoje numa confrontação constante entre as duas polaridades de modo a exaltar criticamente as paisagens de outrora e a contrariar algumas figurasções da actualidade.¹²¹ Veja-se, por exemplo, como a bipolarização paisagística se sobrepõe no texto intitulado “Fisionomia”:

Se eu te disser a “Rampa do Muro da Coelha” visualizo sem esforço o desenho traçado em linha concordante, a descer em curva e contra-curva até a um beco que havia a desembocar na Ribeira, espaço aberto à livre circulação entre o Caminho, as

¹²⁰ Veja-se a descrição da Ribeira e dos seus arredores: “A Ribeira corria no fim da fazenda révras com a terra. Mais acima a ravina vinha mais alta, mas reduzia-se ali sobre o leito e uma barra natural de penedos arrastados pela água faziam protecção às bermas defendidas pelas sebes de canas vieiras e dos respectivos rizomas a que o povo chama *seas*. As *seas* constituíam uma boa estrutura na construção de paredes e na armação da “Lapinha” pelo Natal” (“Um raro particular, 2004: 90”).

¹²¹ Sobre as cidades modernas, Irene Lucília Andrade observa: “As cidades tornam-se irrespiráveis, inabitáveis, insuportáveis. Nem florestas, nem jardins, nem protectores auditivos poderiam mais valer aos dramas do ruído e da contaminação.” (“Virtualidades”, in *Da Fábula... ao Maré*, V. N. de Gaia, 7 dias 6 noites, 2011, p. 47)

águas e a Rocha. O traçado seguia pela íngreme ladeira acima da Ponte da Água de Mel e perdia-se pelos Álamos na colina de Santo António. Ainda hoje o desenho se mantém mas a paisagem desfigurou-se. O beco foi absorvido pelas novas vias e outras construções, a Ribeira perdeu espaço, convulsivamente desviada e oculta... (“Fisionomia”, 2004: 17, sublinhado nosso).

Se considerarmos, como observa Jean-Louis Joubert, para quem “por muito que um escritor proclame habitar o único país da Literatura, dificilmente consegue afastar os vários laços que o constituem”,¹²² ou ainda, como recorda Dominique Mainqueneau,¹²³ ao sublinhar que “o texto é a devida gestão do seu contexto”, poder-se-á então estabelecer entre a escrita de Irene Lucília Andrade e o exterior um elo indiscutível de reflexo de paisagens (impresso) no papel. Compreender-se-ão as múltiplas visões do mundo, os diferentes estílos de época, as várias dominantes de uma geração que a autora projecta na trama das suas narrativas, redesenhando o seu imaginário, através de um diálogo fictício e peipatético com a avó paterna, que nunca chegou a conhecer, mas que representa, de algum modo, o Espírito do lugar:

É assim uma intenção de que a partir de agora, retrocedendo meio século, transgredindo a lógica do tempo e do espaço por nós conhecidos, possamos percorrer, as duas, a antiga calçada do empedrado em espiga, desde o Muro da Coelha à Ladeira da Água de Mel passando pela Achada e reter as casas e alguns que por aqui andaram, numa colagem exaustiva de retratos rasgados. (“Carta a Eulália Beatriz de Abreu minha avó paterna”, 2004: 10).

¹²² Tradução nossa: “un écrivain a beau proclamer qu’il habite le seul pays de la littérature, il ne peut si facilement repudier les appartenances diverses qui le constituent”. (Joubert 2004: 14).

¹²³ Tradução nossa: “le texte, c’est la gestion même de son contexte”. (Mainqueneau 1993: 24).

Nessa senda, sem nunca se afastar do seu mito pessoal nem das suas raízes históricas, Irene Lucília Andrade procurará problematizar as dinâmicas socioeconómicas e até culturais vigentes no quotidiano desse arrabalde do Funchal, ao dar a conhecer o que fora a zona da *Pentada* e no que esta se tornou.¹²⁴ Se, por um lado, esta periferia se abre ao encontro multicultural graças aos actuais eixos de congregação para as novas gerações, tais como o campus da Universidade da Madeira, o Tecnopólo e o Centro Internacional de Conferências, não é menos verdade que faz parte de um projecto urbanístico que transforma radicalmente o lugar, como refere o seguinte excerto:

Não encontrei em arquivos, o lugar de recurso quando a memória se extingue, qualquer referência ao sítio onde nasci. Vislumbrei, já não sei onde, a existência de um João Pentreado, sem prova acrescida de que a toponímia tivesse dele procedido por via feminina. No entanto o nome permaneceu, mantém-se ainda e torna-se, neste dealbar do século vinte e um, referência de elevado contexto. Ergueu-se aqui o Campus Universitário e o Pólo Tecnológico e projecta-se sobre ele uma zona de alto pendor urbano, nesta invasão indetível pelas leiras dentro. (“Carta a Eulália Beatriz de Abreu minha avó paterna”, 2004: 9).

A autora denota um conhecimento profundo da sua Ilha, da sua Cidade e das suas raízes, não reduzindo, porém, a sua obra a um metro inventário de lugares que a nostalgia reclama. É certo que as várias paisagens que permeiam os seus textos dão a ver uma

¹²⁴Nos últimos anos, os estudos sobre a Cidade têm sublinhado o crescimento de paisagens urbanas ameaçadas pela vertigem da modernização. É neste sentido que Michel Colloz virá também destacar que o interesse em *travelling* para com a paisagem – observado a partir dos anos oitenta – é fruto de múltiplas tentativas de “transfigurar” o real (Colloz 2005: 12).

topografia sentimental, de algum modo, idealizada, em confronto com a era da uniformização galopante. Porém, a sua escrita, de natureza íntima mas sempre integradora do meio envolvente evocado, vai mais longe. Dir-se-ia que a escritora surge como a “historiadora” de uma periferia de tempos idos, sedimentada, que deu lugar à modernidade e às suas incertezas, conformando-se à imagem dos grandes centros urbanos. Surge, de igual modo, como uma “geógrafa” que orienta o seu discurso narrativo e descritivo num espaço humanizado que ela conheceu bem por nele ter vivido anos a fio.

Neste contexto, as paisagens literárias de Irene Lucília, desenhadas para sugerir as variações do tempo, são espelho de dois mundos distintos: a paisagem de outrora, simples, natural e acolhedora, e essoutra, a dos nossos dias, submetida a novas ordens que a escritora entrevê ser labiríntica e impessoal. Assim sendo, da primeira paisagem dialogando com “o tempo [que] corria sem referências a quem vivia por dentro dos quintais” (“O compara”, 2004: 37), onde era possível no balcão¹²⁵ que dava para o Caminho desfrutar o “ar fresco, perfumado de trepadellas, temperado de fantasias e lazeres” (“O balcão do mundo, 2004: 53), passar-se-á a um cenário submetido “à ditadura do cimento e da verticalidade”, projectando-se na distopia¹²⁶. Veja-se, neste sentido, o *incancharístico* da nova paisagem delimitado em “A raiz e as frondes”:

¹²⁵ A importância do balcão na paisagem de outrora será, de igual modo, sublinhada no *inipiti* de “Coração das Índias”: “A cenas dos balcões eram várias e diferenciadas mas todas tinham no fundo uma característica comum: envolvidas por cenários de trepadellas, perfume de flores e sombra, à luz coada por farta verdura, eram intensos fragmentos de vida apesar de mal percebidos por quem passava.” (2004: 61). Ou ainda em “O balcão dos Santos”: “O mistério residia ali debaixo das lianas graciosas. O balcão era uma montanha fulgente de intensa luz dourada expondo ao sol uma beleza incomparável. Daquele maciço de begónias desprendia-se uma profusão de pequenas dedeiras dispostas em cachos, flores amáveis que continham música.” (2004: 67).

¹²⁶ Veja-se outra imagem da verticalidade distófica na escrita de Irene Lucília Andrade: “Era a única casa que sobrevivera à passagem da Era. Todas as outras tinham sido retiradas da paisagem e em vez delas se ergueram “módulos de metal e metacrílicos ligados uns aos outros por pesadas teias que passariam a ser eficazes substitutas das velhinhas rusas” (“Virtualidades”, *op. cit.*).

Nada era já reconhecível. Estendia-se no vasto logradouro um edifício enorme, uma megaconstrução a um tempo imponente e assustadora que amedrontava a sua estrutura de mulher letrada, ignorante, pela notícia de que ali se instalaria a Universidade, um reduto de saber, uma fábrica de ideias, um templo de cogitação e êxtase, uma nascente de civilização, coisas que se impunham à sua vida modesta de um modo inusitado e excedente, pois não lhe davam a certeza de poder alterar-se a sua noção de felicidade se viesse a ter conhecimento delas. Quem possuiria a medida padrão que avaliasse a amplitude dos sonhos? (“A raiz e as frondes”, 2004: 31).

Poder-se-á então sublinhar, à semelhança do que afirmou Venant Félicien Obam a propósito da função simbólica da paisagem na obra de António Lobo Antunes, que as paisagens lucilianas estão organizadas em torno de um “querer dizer do escritor” (Obam 2007: 79). Com efeito, perante esta forma cambiante da paisagem insular, em geral, e do Funchal e seus arredores, em particular, a escritora, ao retroceder no tempo para nesse acto de rememoração encontrar lugares que percorrita, virá, nessa espécie de “circuito da errância”, convocar ambientes, seres e objectos da Penteadada para enaltecer as práticas sociais da vizinhança atenta e prestável, da habitação simples, mas aconchegante, dos lugares exíguos, mas serenos. É o que parece mover a personagem principal da narrativa “A raiz e as frondes”, quando o texto sublinha que lhe veio à lembrança ir avistar os recentes prédios para se aperceber da mudança operada no perfil do Lugar, uma vez que a modernidade desemboca na devastação dos bananais, latifúndios outrora pluricultivados, com castanheiro(s), goiabeira(s) e outras árvores de fruto no meio de sacarinhas e vinhas (“A raiz e as frondes”, 2004: 30). Veja-se, ainda, como o narrador do texto “A almofada de cetim” opõe a paisagem ancestral do lugar às novas vestes da periferia do Funchal:

Ao correr as levadas e os poios, perante o nascer das flores, a formação dos frutos, a metamorfose das borboletas e o eclodir dos mosquitos sobre as águas estagnadas do tanque do quintal, observava que muitas formas novas de vida surgiam pelo aniquilamento, a destruição das matizes que lhes davam origem, o que a confrontava com um enigma preocupante que era o do fluir do tempo e o da inevitabilidade da morte. Apesar da lei da perdurabilidade da matéria, a evanescência das formas era um fenómeno que a perturbava. (“A almofada de cetim”, 2004: 45).

É também o aviso que será deixado em “O amor da terra”, ao ser desvendado o que parece ser do conhecimento geral, a saber, a substituição desses extensos terrenos agrícolas pelas mega-construções que destituíram a harmonia e o silêncio:

Todos sabiam que aqueles latifúndios estavam irreversivelmente condenados à instalação de um grande complexo arquitectónico, menos ela. Nada havia a fazer contra o avanço dos tempos modernos, só Glorinha não queria acreditar, presa demais ao seu próprio tempo, o da lavoura, do regadio, da vindima, da faina do lagar... (“O amor da terra”, 2004: 95).

Em “Os destinos” – apresentando-se esta narrativa como uma das “Variantes de O amor da terra” – a ameaça da actual degradação virá pôr termo à concordância dos tempos. As paisagens desenhadas na actualidade accentuam, efectivamente, um desassossego e uma inquietação, não deixando apreciar “o silêncio dos poios, limpos, arejados” (“Os Destinos”, 2004: 102), nem escutar o coaxar das rãs, subindo da Ribeira¹²⁷. Além disso,

¹²⁷ Num outro texto, Irene Lucília Andrade refere que a mão humana pode destruir a Natureza: “Aceitou que lhe estreitassem o leito e sobre as margens se

estas novas configurações vêm impedir a sonância do vento e a possibilidade de apreciar os motivos de enlevo pelo lugar materno (*Ibid.*). Acresce que tudo aponta para que os proprietários dessas terras agrícolas venham a ser expropriados e que a paisagem sofra um destino irreversível. Neste sentido, a tônica é colocada na metamorfose do momento presente: tudo muda na voragem dos tempos que se afiguram, agora mais do que nunca, incertos.

Neste processo de descentramento, quer no tempo, quer no espaço, Irene Lucília torna visualizável o legível dos cenários que se vão perdendo num tempo e numa cultura que acompanham a acelerada modernização da urbe. Assim, e retomando a formulação de Michel Collot, a paisagem aparece como “construção da realidade, unindo indissociavelmente dados objetivos e o ponto de vista de um sujeito”.¹²⁸ Rememoram-se, de acordo com esse princípio, cenários que desapareceram no tempo, substituídos por essoutros que emergem agora, fruto de uma temporalidade e espacialidade da era uniformizadora. Como observa Françoise Chenet, as paisagens literárias evocam e sugerem épocas resguardadas na memória autoral, permitindo perceber a estreita relação entre o escritor e o mundo, captando, nesses cenários, a “sua” visão do mundo (Chenet 1995: 111). Ora, a paisagem dos volumes em betão parece confundir-se não só no “anonimato gerado pelas grandes massas de pessoas”, como também na perda de todo um património cultural e identitário, acentuando o estado de “semi-amnésia na população” que será necessário contrariar (Canton 2002: 50).

erguessem estâncias gigantes, altos miradouros e plataformas de ócio e lazeres profânos que lhe deformaram o perfil e atrofiaram a alma” (“O Rio”, in *Da Fábula... ao Mito*, *op. cit.*, p. 99).

¹²⁸ Tradução nossa: “construction de la réalité, unissant indissociablement des données objectives et le point de vue d’un sujet”. (in *Paysage et poésie du romantisme à nos jours*, Collot 2005: 12).

Irene Lucília Andrade dar-nos-á, então, a conhecer quer espaços míticos de um Funchal que desejaria eternizar, quer espaços desordenados ao sabor dos tempos da modernização, por vezes ostensiva e bravía.¹²⁹ Veja-se, neste sentido, a imagem da Cidade e seus arredores, numa clara luta entre Natureza e Técnica, contida no *incipit* da narrativa intitulada, de modo significativo, “O poder de Deus”. Esta expressão de cunho regional traduz o espanto perante a desmesura e, por conseguinte, a disforia da descrição:

Um ruído contínuo e áspero pelas vias da cidade, um troar longínquo a investir pelas estradas, um tremor anunciado pelo coração da terra, a lembrança pavorosa de qualquer terramoto arrepiando as pedras e o sangue. Evola-se em ondas de amplitude variável conforme a força e a velocidade das máquinas do mundo. Estas estradas ruidosas seguem pelas margens das ribeiras que se afundam imperceptíveis, cada vez mais invisíveis como se deixassem de existir. Ninguém dá por elas, as ribeiras, se não forem as pontes. Mesmo assim as pontes são vias como as outras impondo-se quais ruas transversais e o espaço da água reduz-se lá no fundo a uma profundidade geológica que já não nos toca, nem abala o espanto. (“O poder de Deus”, 2004: 125).

Aliás, se considerarmos que o título *A Pentecada ou o Fim do Caminho* estabelece, desde logo, um protocolo de leitura (Hoeck 1981), poder-se-á referir que ele reenvia para o termo de um nostálgico percurso, não somente enquanto caminho palmilhado,

¹²⁹ Num outro texto, Irene Lucília Andrade dirá: “As cidades são locais de formação determinada, dependente de interesses e situações específicas, relacionados com a proliferação de agentes humanos que se fixam à volta dum polo e dele usufruem dos respectivos benefícios” (“A barreira”, in *Da Fábula... ao Mito*, *op. cit.*, p.103)

mas, ainda, como um manancial humano que se perde — ou perde — na era da massificação, submetido a outros valores e normas da cultura da ostentação, como enuncia a seguinte citação:

Vês? Uma casa cresceu a seguir à fonte e ao poço, ganhou o estruço de vivenda, de traça incerta e gosto estranho, e outras duas ou três se avistam no Caminho por detrás de paredes baixas e portas gradeadas no lugar dos longos muros de pedra caiados de amarelo e dos balcões vestidos de madressilvas e lianas douradas. (“Gente pequena”, 2004: 13).

Assim, este livro de memórias virá problematizar a paisagem periférica alicerçada nos moldes de um urbanismo *descharacterizador* para propor, através da crítica ao presente ameaçador, uma paisagem humana, social, económica e arquitectural menos globalizante e, talvez sobretudo, mais singelamente comunitária.

Ao desenhar as múltiplas imagens do passado, a autora¹³⁰ rece uma sentida crítica à construção desenfreada que vem transformar de forma radical a paisagem funchalense: uma cultura da Técnica, do Progresso e do Lucro, alterando o modo de convívio entre as pessoas, enclausuradas, agora, nas suas torres modernizadas e padronizadas. Com efeito, a pacatez de outrora deu lugar a uma paisagem urbana opressora, a vidas agitadas, ou seja, a “uma marcha do tempo criadora de mudança, lavrando a civilização,

brutal, implacável, erguendo o orgulho da modernidade...” (“Gente pequena”, 2004: 13).

Se recorrermos a Jean-Marc Moura, para quem “a literatura não só desenvolve um discurso sobre o mundo, como também gere a própria presença nesse mundo”,¹³¹ é então lícito pensar-se que, do livro *A Penteada ou o Fim do Caminho*, sobressai o desejo de trazer à liça um mundo de seres, lugares e objectos que o tempo levou, resguardados não só na memória particular da autora, como também numa memória colectiva que defende valores humanos emoldurados, quer por um singular traçado urbanístico, quer por singelos projectos de vida e de experiências de convivência.

Se a literatura pode constituir um testemunho e uma reflexão sobre os processos em curso que transformam uma cidade plácida numa cidade anónima,¹³² então a evocação ao modo de ser de algumas figuras representativas da Penteada que a autora conheceu não deixará de corroborar uma proposta de sociedade urbana “organizada” segundo a cultura do afecto, da entreajuda e da idealização.

As transformações que a ilha da Madeira da actualidade experimenta, com vista a novas infra-estruturas, necessárias na sua maioria, não evitam, ao que parece, um excessivo uso do betão. A escrita das paisagens apagadas pelo processo gerador de cenários configurados na verticalidade do betão, do aço e do vidro apresenta-se como um modo de contrariar o desencanto perante o momento presente, bem como um modo de dizer o desapareço

¹³⁰ Referindo-se ao livro *A Penteada ou o Fim do Caminho* na entrevista concedida à “Kompleta”, do *Notícias da Madeira*, de 28 de Julho de 2005, Irene Lucília Andrade afirma: “Isto é a minha adolescência... Está incitinha aqui.” (Andrade 2005: 4). Note-se que a escrita de Irene Lucília não se apresenta como uma retrospectiva cronologicamente linear, mas sim como um leque de recordações ziguezagueantes de múltiplas vivências, episódios vários da sua vida que lhe permite alcançar o essencial: o (re)conhecimento de si própria e a revelação de si mesma.

¹³¹ Tradução nossa: “la littérature non seulement tient un discours sur le monde mais gère sa propre présence dans ce monde.” (Moura 1999: 38).

¹³² Note-se que o título do livro publicado posteriormente à obra em análise parece confirmar a nossa observação: *Crónica Breve da Cidade Anónima — À Hora do Torão* (Funchal, Funchal 500 Anos, 2008).

relativamente a essoutros desenhos que se têm materializado nessa mesma actualidade:

Um viaduto rasga transversalmente a perspectiva do Caminho, alargado agora, e investe pelo alto da Madalena vindo de São Roque. Visto cá de baixo afoga a ladeira como uma rajada de betão que surgisse, impiedosa, sob as entranhas da colina e cujo destino não é ainda possível prever. Transporta em si o timbre da vertigem que agride sem mais remédio a lentidão das terras ainda há pouco despojadas de suas ervas e frutos. (“Fisionomia”, 2004: 17-18)

Poder-se-á afirmar que a escrita de Irene Lucília se situa na perspectiva do tempo que procura exumar e reconstruir para dar a conhecer um espaço íntimo que permite conservar o conforto dos afectos. Aliás, a voz da escritora já revelara, no seu livro de poesia *Água de Mel e Manacá*, não se rever numa sociedade onde o “asfalto [que se alonga na ilha] é a nova veste das pedras da calçada” (Andrade 2002: 18). As paisagens rememoradas que compõem *A Penteadá ou o Fim do Caminho* são, pois, uma forma de contrariar o desassossego da vida dos tempos modernos, numa sociedade em constante mudança.

Se entendermos, tal como propõe Anne Cauquelin em *Essai de philosophie urbaine*, que a cidade, em geral, e a rua, em particular, se reconfiguram no encontro com o Outro, numa procura de diálogo e de *philia* (Cauquelin 1982: 8), parece-nos então ver na obra em análise a tentativa de resgatar, na sua função essencial da urbe e da sua periferia, a paisagem desejada, numa espécie de resistência à

descontinuidade que já alimenta um hoje disfórico e que tende a anunciar a cidade de um amanhã, ainda mais, distópico.¹³³

Nesta perspectiva, os quadros traçados permitem estabelecer redes de significados na economia do livro e relacionar os sentimentos de quem narra com imagens de lugares e de seres que conheceu *de facto*. Estas inter-relações permitem reunir os objectos representados, transformando-os num conjunto argumentado e coerente, apto a fornecer uma visão moral da comunidade e do seu meio.

Para combater a distopia do presente, as mudanças, que se dão e que “despojam de suas formas e rosto” os lugares de outros tempos, são com frequência problematizadas numa certa literatura preocupada com Ecologia e Humanismo. Tratar-se-á de uma forma de alertar para os possíveis desmandos da “máquina utilitária”, usada, não em prol da “coexistência pacífica com os homens” (“A medida certa”, 2004: 113), mas no exercício do fomento mercantil, acentuando uma mega-construção, onde complexos hoteleiros e palacetes ditam a economia de mercado. Partindo da “coincidência necessária” entre os conceitos de Lugar e de Paisagem (Buescu 2001: 101), a rememoração desses múltiplos cenários expressos pela voz do texto são marcadores significativos que permitem traçar a trajetória de uma comunidade, nomeadamente, a da sociedade insular. O desfiar desses quadros evocativos funda o processo de construção da memória colectiva e identitária da Ilha, recuperando-se, assim, os tempos da solidariedade, do reconhecimento e da entreajuda, em permanente busca do “espírito do lugar”.

Ter em consideração a paisagem literária de Irene Lucília permite revelar que a autora se vincula a uma geografia dos

¹³³ V. a este respeito o nosso artigo “Irene Lucília Andrade: resgate(s) do passado para um questionamento do presente” em *Veredas*, n.º 12, Santiago de Compostela, Associação Internacional dos Lusitanistas, pp. 9-27.

afectos e, nessa apropriação sentimental dos lugares, manifesta não somente o seu apreço por uma zona específica do Funchal, como também por uma época que se desvaneceu. É como se, nessa paisagem referencial e autobiográfica, a escritora quisesse homenagear o meio que a viu nascer e crescer, exaltando o lugar que escolheu como repertório de sonhos, de identidade(s) que não quer ver anuladas.

A esse “fim do caminho”, quer em sentido figurado, quer em sentido próprio, que o título anuncia, Irene Lucília irá opor a experiência de ordem ética e estética que a escrita proporciona de modo a que o seu discurso se abra aos “caminhos da memória activa”, entendidos pela própria como “imanências de uma permanente actividade construtora, produtos e factores naturais da experiência cinética que é a própria vida” (Andrade 2009: 237).

A lição que se pode tirar desta experiência de leitura é a de que a soma harmoniosa entre o enraizamento no singular do tempo pretérito e a abertura ao universal do tempo presente garante a história e o devir da humanidade.¹³⁴ Em *A Pentada ou o Fim do Caminho*, Irene Lucília Andrade projecta uma consciência crítica que intervém na sociedade a que pertence, na defesa de uma paisagem que realça e na crítica de uma paisagem que condena, conjugando memórias e indagações, mas, também, toda uma tradição espiritual e filosófica.

LEITURAS DE UMA CIDADE INSULAR:

CRÓNICAS DE RICARDO FRANÇA JARDIM

E CONTOS DE JOSÉ VIALE MOUTINHO

Leonor Martins Coelho

O diálogo entre Literatura e Cidade não tem cessado de se intensificar nas últimas décadas. Se ficou assente, a partir da asserção de Burton Pike, que “desde que a literatura existe, houve sempre cidades na literatura”,¹³⁵ vários ensaios vieram corroborar as metamorfoses da urbe contemporânea, ora vista como espaço de tradições ou de encruzilhadas, ora percebida como zona de dinâmicas sociais ou de desenraizamento, ora descrita como *ghetto* de resistência ou de solidão, ora considerada área de pluralidade, de negociações, mas também de tensões quotidianas. Enquanto lugar continuamente alterado pela acção do Homem, a Cidade configura esse espaço susceptível de gerar significados diversos e vários discursos. Com efeito, a partir desses estudos,¹³⁶ que têm revelado o sentido da urbe, pode aferir-se a dinâmica que se foi estabelecendo entre a Escrita e o Social.

¹³⁵ Burton Pike, *The image of the City in Modern Literature*, Princeton, Princeton University Press, 1981, p. 3: “since has been literature, there have been cities in literature”. Tradução nossa.

¹³⁶ Indicamos, a título de exemplo, alguns desses estudos: Lewis Mumford, *The city in history: its origins, its transformations and its prospects*, New York, Harcourt, Brace & World, 1961; Pierre Sansot, *Poétique de la ville*, Paris, Méridiens Klincksieck, 1984; Yvette K. Centeno *et al.*, *O Imaginário da Cidade*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian / ACARTE, 1989; Yvette K. Centeno e Lima de Freitas (eds), *A Simbólica do Espaço: Cidades, Ilhas, Jantins*, Lisboa, Editorial Estampa, 1991, e Berman Marshall, *Todo lo Sólido Se Desvanece en el Aire - La Experiencia de la Modernidad*, México, Siglo Veintiuno Editores, 1997.

¹³⁴ Em *L'Intention poétique*, Édouard Glissant dir-nos-á: “La défense du paysage est le premier acte du poète [...] La solidarité avec le paysage est d'office militante”. (Glissant 1969: 87).

Os textos que nos propomos analisar, quer as crónicas de Ricardo França Jardim,¹³⁷ quer os contos de José Viale Moutinho,¹³⁸ sendo todavia representações – enquanto produção subjectiva de significados através da linguagem – pressupõem uma leitura do ‘mundo real’, vivido e percebido, mesmo que reconfigurado pelo imaginário dos autores (Hall 2003).

Essas representações são moldadas por formas textuais que dão a ver a cultura citadina, legitimando, desse modo, o discurso como proposta de fruição e de reflexão. Crónica e conto enformam uma linguagem moderna, simplificada e dramaticamente persuasiva, apta a esclarecer determinados aspectos da sociedade. Ambos os formatos textuais participam de um processo de racionalização da vida urbana, porque nascem desse desejo de interpretação de um ambiente cada vez mais caótico, cada vez mais pautado pela desmedida, pelo vazio e pela sofreguidão.

Ao “lerem” e ao darem a ler o Funchal respectivo, sem esquecerem os aspectos físico-geográficos, históricos e sociológicos da Cidade insular, o cronista e o contista irão revelar uma cartografia simbólica. Cruzar os textos de Ricardo França Jardim e os de José Viale Moutinho à luz das correspondências entre o Funchal e o discurso literário permitir-nos-á verificar como

¹³⁷ A nossa atenção centrou-se em *Tristes Ilhas e Outras Conversas...*, na secção “a ilha (ou o meu mundo)” de *Inventário dos Mundos* e, ainda, nas quatro primeiras secções de *Arcoíris e Bandas Velhas*: “Abertura”, “No antigamente na ilha”, “O céu pode esperar” e “Parade”.

¹³⁸ Para o nosso estudo foram seleccionados os seguintes textos: “Pavana para Isabella de França”, “Rua da Carreira, Ocaso” e “Um último olhar pelos vinháticos”, incorporados em *Pavana para Isabella de França* (1992); “A princesa encantada” inserido em *Cenas da Vida de um Minotouro* (2002), “Teléforo” incluído em *Já os Galos Pretos Cantam* (2003), “Santos, Mortos e Outros Vivos” contido em *Destruição de um Jardim Romântico* (2008), “Do quotidiano aonde podemos ir”, “As ilhas desertas”, “Uma criança morta no parque”, “I want your sax”, “O vendilhão dentro do templo”, “Salvador”, “As lições de canto da cagarra” e “O assassino furtivo do largo do cháfariz”, coligidos em *Velhos Dentes Empalhados* (2010).

as interrelações entre as figuras, aludidas ou criadas, e os espaços urbanos testemunham, para estes autores, uma mútua influência que revela toda uma paisagem cultural São, na verdade, discursos de uma cidade perspectivada na sua complexidade, ao serem desvendados elementos culturais, costumes, multiplicidades de existências humanas, numa entrelaçar de vozes ou de visões, em que se funde a História, a Literatura e a própria Memória da Cidade.

Refira-se, desde já, que não pretendemos defender uma leitura de sentido único destes escritos. Porém, é lícito pensar-se que, embora aberto a diversas significações, cada autor expressa a sua visão íntima do mundo. Com efeito, não será de descuar a consciencialização destes autores que descobrem na Ilha, em geral, e na sua capital, em particular, espaços de distorção e de uniformidade, fruto da padronização da actualidade e do progresso, anuladores da convivência e da harmonia.

Toda a paisagem literária apresentada ao leitor traduz uma certa forma de sentir o lugar, pois, como afirma Michel Collot, “a paisagem não é o território, mas uma certa maneira de o ver”.¹³⁹ Colocando a tónica entre o sujeito e o objecto, a paisagem representa a construção de uma nova realidade, uma construção que se afirma como “uma interacção de dois sentidos entre o espírito humano e o mundo”.¹⁴⁰ Poder-se-á, então, dizer que o Funchal de Ricardo França Jardim e o de José Viale Moutinho constituem dois cenários simétricos, que, em nome da liberdade de expressão, reconfiguram a identidade do local, problematizando a conduta dos seus habitantes.

No espaço insular e, em particular, no Funchal, quer na leitura irónica de Ricardo França Jardim, quer na apreciação mais

¹³⁹ Tradução nossa: “Le paysage n’est pas le pays, mais une certaine façon de le voir”. (in *Paysage et poésie du romantisme à nos jours*, Collot 2005: 12).

¹⁴⁰ Tradução nossa: “une interaction à double sens entre l’esprit humain et le monde”. (in “Paysage et architecture dans *Les Travailleurs de la mer*”, Collot 2005: 187).

cásutica de José Viale Moutinho, surgem indícios de ameaça à identidade do lugar. Ricardo França Jardim mergulhará nas memórias de infância para nelas procurar o sentido pleno da existência humana; José Viale Moutinho, talvez por ter feito a sua vida longe da Ilha, apesar de ter nascido no Funchal, percorre a História e a Cultura da Madeira, imprimindo aos seus textos uma releitura significativamente alegorizada das situações encenadas. Porém, em ambos os autores, a *nrbs* (a forma espacial e arquitectónica da cidade) de dimensão humana parece agora conformar-se na contra-utopia da Pós-Modernidade. A partir das crónicas e dos contos seleccionados procurar-se-á revelar traços interpretativos da cidade do Funchal, configurada num hodierno distópico, contrapondo-se, assim, à *crónicas* (as relações humanas e políticas que nelas se geram), espaço social mais acolhedor e algo idealizado, porventura, um paraíso perdido ou por inventar.

Ricardo França Jardim: do mundo à ilha – entre o Funchal lembrado e o Funchal estranhado

Diga-se, desde já, que as crónicas de Ricardo França Jardim não se circunscrevem ao espaço insular que o viu nascer. As crónicas publicadas na revista do jornal *Pública*, no período que medeia 1990 e 2000, e reunidas posteriormente nos livros intitulados *Inventário dos Mundos*, de 1995, *Arsénico e Rendas Velhas*, de 1996 e *Tristes Ilhas e Outras Conversas...*, de 2002, encenam o país e o mundo na dita era da globalização. À crónica avulsa, surgida em contexto marcado por acontecimentos diversos, circunscrita ao reservado espaço do periódico e sujeita a uma leitura realizada no efémero dos *mass*

media, Ricardo F. Jardim, ao compilar em livros as suas crónicas, confere-lhes uma organização temática, bem como uma dimensão permanente, imune à passagem do tempo.

Tal como os contos de Viale Moutinho, também as crónicas de França Jardim se urdem como uma trama de existência em que os fios da tradição e da modernidade se entrelaçam, constituindo um discurso híbrido,¹⁴¹ muito actual e aliciente para o (potencial) leitor, assente em jogos de citação e inspirado em outras linguagens de ficção como, por exemplo, o cinema. Não será por acaso que os títulos *Amarcord*, de Federico Fellini, *Arsenic and Old Lace*, de Frank Kapra, e *Playtime*, de Jacques Tati, surgem na epígrafe de livros – ou citados em textos – seus.

À luz das crónicas insertas nos referidos três livros que incidem numa experiência ou num conhecimento do meio funchalense, pretender-se-á reflectir sobre as múltiplas imagens que alimentam a dicotomia passado / presente na sociedade, em geral, e na cidade do Funchal, em particular. Situando-se muitas vezes no registo da informalidade, a crónica emoldura um discurso apto para versar com agilidade e precisão sobre um acontecimento da vida quotidiana. Compreender-se-á, assim, que Ricardo F. Jardim equacione, com ironia e sarcasmo, as problemáticas da actual sociedade ocidental.

Sob uma aparente simplicidade, não descurando o papel de testemunha do seu tempo, o autor utiliza o pragmatismo da

¹⁴¹ Nem todos os estudiosos concordam com esta designação, nomeadamente aqueles que se debruçaram sobre a crónica brasileira. De facto, Roncari e Dimas recusam a inclusão da crónica no género híbrido. Dimas explica que a função da linguagem na literatura é poética e que a função no jornalismo é referencial. Assim sendo, a crónica não poderia assumir duas entidades distintas (Dimas 1974). Por sua vez, Luiz Roncari afirma ser antes uma zona de contacto entre duas esferas de alta e baixa cultura; a literatura pertence à alta cultura e o jornalismo à baixa cultura (Roncari 1985).

sátira na retratação dos caracteres e dos cenários em que aqueles evoluem. Nada parece escapar ao seu olhar clínico que inventaria e interpreta os novos comportamentos sociais, como se pode ler em *Tristes Ilhas e Outras Conversas*...¹⁴² a técnica dos vendedores de aspiradores (“Playtime”); os telefonemas que premeiam com viagens de sonho as donas de casa (“Benalmadena”); o matrimónio insípido (“A condição masculina”); o uso e abuso dos telemóveis (“Identificação de uma Dona”); os diagnósticos feitos à velocidade--luz por médicos especialistas que prescrevem em modo quase automático anti-depressivos (“Um sopro no coração”); o capricho das marcas, a “doutorite” aguda, a pesada burocracia portuguesa e europeia (“Estória da minha clandestinidade”), o tradicional (des)embarço lusitano (“As aventuras de um Pateta nos entrefolhos da Internet”); as promessas feitas no *Réveillon* e as indispensáveis previsões dos astrólogos (“Memorial de fim de ano”). O cronista denuncia, deste modo, uma sociedade falsamente formalista e caprichosa, movizada por manobras encobertas e por interesses pessoais. Sempre nesse seu registo que alia sarcasmo e humor, Ricardo França Jardim encerra figurações do mundo actual, enfatizando o sofrimento e o vazio de personagens-tipo, representativas da contemporaneidade, bem como do artificialismo de uma sociedade massificada e desumanizada.

Interpretam-se, assim, sinais dos tempos transversais a qualquer meio urbano português. Ainda assim, a crítica mais incisiva está reservada ao sistema político e social, a saber, o exercício do poder, o novo-rigismo, os licenciamentos abusivos de projectos de urbanização (“Da existência das fadas”) e os falsos concursos públicos (“Defesa e Ilustração do compadrio”). Na verdade, a sociedade “radiografada” por Ricardo França Jardim é fruto de

¹⁴²Obra dividida em três secções: “Playtime”, de quinze crónicas, “Tristes Ilhas”, de dezasseis crónicas e, finalmente, “Até ao fim”, de onze crónicas.

uma reflexão amadurecida, preocupada com posições éticas, sobre os mais variados campos da actualidade.

Dessa leitura-mundo a uma leitura-ilha, o autor irá perscrutar a Madeira, em geral, e o Funchal, em particular, sendo a crítica à sociedade madeirense um tópico recorrente na sua escrita. Entre a memória insular, a crónica de costumes e as observações de intenção satírica, França Jardim projecta nos textos o seu passado na Madeira para melhor dialogar com o presente. Os vários episódios, factos e pessoas que animam a sua crónica de ambientação funchalense, misto de recordações pessoais entrelaçadas com as memórias da Cidade, têm ressonâncias na actualidade com o intuito de perspetivar o evoluir da sociedade.

Por se tratar de um meio insular, este microcosmo apresenta-se como ideal para uma indagação mais profunda. Em “Notícias da prisão ao lado”, inserto em *Inventário dos Mundos*, diz-nos o autor: “No final de contas, uma ilha é um mundo em miniatura. Ou o paradigma do Mundo” (1995: 106). Na secção intitulada “a ilha (ou o meu mundo)”,¹⁴³ o autor revisita com nostalgia o Funchal da sua infância e juventude. Assim, em “Uma janela sobre o mar”, a voz do texto recorda o cais da Cidade “lugar mítico de encontro com o Mundo” (1995: 94), a chegada dos estrangeiros no Vapor do Cabo, quando antes do meio-dia:

[s]ubiam bandeiras no mastro da Casa Blandy, apareciam os carros de bois na Avenida do Mar e os senhores das lojas de artefactos expunham a quinquilharia à porta da rua. Do calhau, mal se avistava o navio, largavam dezenas de canoas com bomboteiros

¹⁴³Integra o livro *Inventário dos Mundos*, obra constituída por crónicas publicadas no jornal *Público* entre 1991 a 1994. O livro está dividido em várias secções: “da pátria”, “da escola”, “dos céus”, “das instituições”, “dos objectos”, “dos animais”, “do corpo”, “dos costumes”, “a ilha (ou o meu mundo)” e “e agora?”.

e mergulhanças. Era o mundo ao encontro da ilha. (“Uma Janela sobre o mar”, 1995: 93).

Nessa época, o Funchal estava ligado ao Mundo apenas pelo mar. O *Diário de Notícias* da Madeira costumava listar, seguindo a então hierarquia social, os nomes dos passageiros que viajavam – primeiro, os doutores da terra, em seguida, os sargentos e estudantes universitários, ‘omitindo o nome dos passageiros “desgraduados” da 3ª classe’ (1995: 94). O embarque do viajante, vestido a rigor, despedindo-se de toda a família num adeus provinciano, mas afectuoso, é referenciado em “História trágico-aérea” para salientar a introdução dos aviões no horizonte insular, numa época mais recente: “os primitivos aparelhos poisavam no mar, como os barcos. Os madeirenses olhavam de esguelha, coisas de malucos. E discutiam “performances” dos aviadores.” (1995: 95). Dada a forte impressão que estas actividades deixavam nas mentes da época, abriam no Funchal algumas tascas com evocações areonavais: “Era “o Porta-aviões”, “O Bombardeiro”, “O Contra-torpedeira” e “O Avião Novo”, todos especializados no grogue, vinho seco e meio-pão-com-molho” (1995: 95-96). A entrada em funcionamento do aeroporto de Santa Catarina acabou por atenuar todo esse imaginário.

Ricardo França Jardim evocará várias facetas do Funchal, tanto nos seus lugares públicos como privados, numa perspectiva caleidoscópica: o casarão materno num tempo de solenidade (“A idade do piano”, 1996), os colégios para rapazes (“Colégio Lisbonense”, 1995), a casinha dos prazeres destinada “à arte de bisbilhotar, ao prazer de ver e ser visto” (“Casinha dos prazeres”, 1996: 18), o jogo do balamento na quaresma (“Balamento!”, 1996), as sessões de cinema nas então duas salas existentes (“Cine-

Parque”, 1995), as rivalidades clubísticas – Marítimo, Nacional e União da Madeira – (“O Marítimo tem à cabeceira...”, 2002), as memórias da família (“Os primos da América”, “O quê? A eternidade”, 1995, “Viagem ao meu tempo de bichano”, “A idade do piano”, 1996), o ritual dos leilões do Sr. Chagas aos domingos (“Antepassados “prêt-à-porter””, 1996), a flantropia de bom-tom (“Tanto pão...”, 1995), as marcas da emigração (“Os primos da América” e “Notícias da prisão ao lado”, 1995), os inconformados com fama de reviraltos (“Mestre José da Ford”, 1995) e o ambiente sonoro que as telefonias criavam (“Histórias da telefonia”, 1996). A esse respeito, atente-se nas primeiras emissões da rádio, sobretudo dos discos pedidos, a “cinco patacas o disco”, cantarolando letras singelas com refrãos inesquecíveis “Ó Zé aberta o laço, ó Rosa arredonda a saia, ó careca tira a boina, olha o cochicho da menina” (1995: 101).

Para além dessa cultura popular, o cronista faz reviver, ainda, a cidade antiga, com laivos britânicos:

Aquele Funchal antigo, calmo, delicado, um pouco “kitsch”, [que] tem como último oásis a piscina do Savoy, num magnífico terraço à beira-mar. No Verão, a pacatez do meio-dia é quebrada por uma discreta senhora, em convite megafónico, num português inglesado, desafiando-nos para o campeonato de dardos ou um mergulho de “scuba”. (“A filha de Sandokan”, 1996: 47).

Não raro, é invocado o Funchal com alma ou essoutro da diversão genuína, espontânea, moldado por um provincianismo risonho:

Pois no mundo dos crescidos, os carnavais funchalenses organizavam-

se dentro dos mesmos esquemas: uma batalha campal na confluência de quatro ruas, ao Largo da Igreja, com arremesso de frutas, hortaliça, farinha, ovos, bombas de cheiro e o que mais se imaginava; e os bailes e os assaltos, mais ou menos sérios, mais ou menos trapalhões, mudando de local consoante o estatuto dos foliões. E nos entrefolhos dessas gerações anteriores à invenção da pílula, lá se aproveitavam estes folguedos para beijos e apalpadelas, marmeladas e linguados, crimes e escapadelas, enfim, a lubricidade consentida nos amores adolescentes e nas secretas transgressões ao puritanismo dos adultos. Daí, enquanto a cidade se divertia, o senhor Cónego Pombo organizava retiros de desagravo na Igreja do Colégio, conclamando os infernos e transformando em Quarta-feira de Cinzas toda a semana carnavalesca. (“A idade do piano”, 1996: 16)

E, ainda, o Funchal religioso, na quadra da “Festa” (isto é, no ‘Natal’), vivido plenamente em sintonia com a tradição:

Era prenúncio de um tempo mágico, com imagens, sons e odores simpáticos. Vinham aí as broas, rosquilhas, bolos de mel, licor *tim-tam-tum*, cuscuz, carne de vinho-e-alhos, torresmos e gaiado seco no ritual da matança do porco. Seguiam-se os presépios em lapinha, com todo aquele estendal de bonecada, searas e cabrinhas. Depois era a Festa propriamente dita, o Natal e as oitavas, até à Noite de São Silvestre, com folguedos e peitiscadas que, bem esticadas, chegavam ao Dia de Santo Amaro, em finais de Janeiro” (“O céu pode esperar”, 1996: 25)

A cidade festiva e religiosa dos anos cinquenta será também evocada em “Outros meios”. Nesta crónica, depois de aludir ao livro de Gaspar Frutuoso que enquadrava as circunstâncias que

ditaram a escolha de São Tiago Menor para patrono do Funchal, o escritor descreve a festa em sua honra. Assim desfilavam, com potestade, as corporações e as figuras mais consideradas da Cidade, na Barreirinha:

No adro da Igreja do Socorro vendiam-se grinaldas de Maíos, modestas flores amarelas enfiadas em colares de cordel. Que usávamos, contentes, enquanto se roíam bonecos de pão com olhos de carvão e cabelos em papel colorido. Depois chegava a procissão. À frente, contínuos e bombeiros municipais, sindicatos e ofícios correlativos. A seguir o Sr. bispo. E logo atrás, o presidente da Câmara, com a respectiva vereação, em calças de fantasia e casacos de grilo, com grinaldas e colares ao pescoço, quais turistas ocidentais em trânsito para um baile de gala, desembarcado por engano no Havai.” (“Outros meios”, 1996: 31)

As crónicas de Ricardo França Jardim materializam falas que manifestam a polifonia da Cidade e da Ilha, evidenciando a aceleração do tempo e a ruptura social com o transacto, lançando, naturalmente, uma ponte entre o passado e o presente.

Sendo ponto assente por vários estudiosos que a crónica investe na memória colectiva,¹⁴ essa memória deverá ser entendida como reconstrução subjectiva de um passado feito de imagens, de

¹⁴ V. Pierre Nora, “Entre Mémoire et Histoire. La problématique des lieux” em Pierre Nora (dir.), *Les lieux de mémoire*, t. 1, *La République*, Paris, Gallimard, 1984. V., igualmente, Margarida de Souza Neves, “Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crónicas cariocas” em *A Crónica, o Género, sua Fixação e suas Transformações no Brasil*, Campinas / Rio de Janeiro, UNICAMP / Fundação Casa Rui de Barbosa, 1992. A ensaísta repara que a Crónica e a História são, cada qual a sua maneira, formas de escrita que elaboram a passagem do tempo e a memória de um grupo ou sociedade por meio de uma selecção proposta pelo filtro do tempo presente e que os cronistas e historiadores desempenham o papel social de intérpretes da memória colectiva (Neves 1992: 77-78).

impressões e de factos registados. Os textos vão assim sublinhar, com alguma nostalgia, “um tempo mágico, com imagens, sons e odores simpáticos” (“O céu pode esperar”, 1996: 25), bem como valorizar a generosidade, num tempo em que a vivência pacífica e apaziguadora permitia “ouvir, partilhar, compreender, ajudar a vencer os medos e a derrotar o mal” (“No antigamente na ilha”, 1996: 8).

A imagem que Ricardo França Jardim constrói da Cidade Insular dos tempos idos não deixará de revelar aspectos mais escondidos da vida funchalense, tais como a bisbilhote (“murmurava-se como se as palavras queimassem” – “Um amor feliz”, 2002: 89), a indigência (“Parade”, 1996), o compadrio (“Defesa e Ilustração do Compadrio”, 2002), o alcoolismo (“Dona Quitéria e seu Filho Juvenal”, 2002), a homossexualidade (“Um pesadelo a quatro patas”, 1996, e “Um amor feliz”, 2002) e as suspeitas de pedofilia (“O suspeito”, 1996). Desse meio social emerge uma galeria de figuras que existiram e cujos apodos ou títulos são reveladores das representações mentais de uma época. Assim, surgem, por exemplo, o “Abóbora”, o “Vaselina”, o “Cambado”, a “Madame Foca”, o “Guiné”, o (mal-amado) guarda Francisquinho, o Pepe, o Sandokan, o Mestre José da Ford, o “Dr. Não É”, consules honorários e outros cónegos presunçosos. Visto desta forma, o Funchal também se perfilava como uma sociedade puritana, maldizente e machista. No entanto, como ensaia o cronista num efeito parodístico, não faltava um roteiro das práticas amorosas:

Nesse tempo a cidade era pequenina. Sabia-se tudo: nascimentos, mortes, casamentos, amores proibidos, traições, ou quem andava com quem. Às vezes antes dos próprios. Os territórios dos

namoros: a Avenida do Mar para os primeiros amores, o parque de Santa Catarina e o Jardim das Cruzes nos beijos roubados e, havendo carro, ia-se mais longe, ao Terreiro da Luta e Chão da Lagoa. Alto, terreno proibido. Porque a pilula ainda estava por inventar e as “Camisas-de-vénus” – assim se chamavam, poeticamente, aos preservativos – eram objectos raros, de complexa aquisição, cochichos envergonhados a algum ajudante de farmácia mais disponível, nas horas de menor movimento. Para os ritos de iniciação e práticas continuadas, existiam as casas de meninas na Rua Direita e na Travessa da Figueira Preta. Seguiam-se, noutros engates, o Clube Royal, o Swing e, já com entrada a algumas filhas-família mais prófréntex, o Flamingo. Naturalmente os códigos variavam. Não ficava mal a um honesto pai de família ter uma menina por conta. Exigia-se apenas discrição. Porém uma senhora? Casada? Olhar para um cavalheiro? Lembro-me bem, o romance de uma esposa da nossa rua com o marido da melhor amiga. Abalaram para a Venezuela. (“Um Amor Feliz”, 2002: 89)

Por se afirmar como “pobre espectador da vida, certinho, arrumado, ponderado” (“Um Santo na panela”, 1996: 34), o cronista indaga com uma não disfarçada intenção humorística as inovações da actualidade. Talvez por ser a crónica um discurso proteiforme, o autor não descarta os registos crítico-lúdicos que abrem espaço para a caricatura,¹⁴⁵ ou mesmo para a *charge*, entendida, aqui, como representação derrisória de um assunto actual. Defendendo a sua

¹⁴⁵ V. Margarida de Souza Neves, *op. cit.*, pp. 79-92. A autora observa que a crónica e a caricatura têm pontos em comum por estarem ligados ao espaço e à experiência urbanos, por terem a mesma percepção da temporalidade, por se relacionarem com o desenvolvimento técnico e empresarial da imprensa e, finalmente, por desempenharem uma mesma função, sendo, deste modo, “agências de formação de consenso” na cidade.

visão do mundo, França Jardim pode, assim, dar largas a apreciações mais virulentas sobre políticas implementadas na Madeira e seus principais artífices. Neste sentido, o autor não ficou indiferente à transformação a que a Estrada Monumental foi sujeita, um lugar, a seu ver, “actualmente arrasado pela indústria hoteleira” (“Viagem ao meu tempo de Bichano”, 1996: 14), nem silenciar os casos onde a ganância e o lucro ditam as leis. Verbera contra um “Valere do novo poder” que terá comprado, num leilão, “velhos retratos de família, bem emoldurados”, para poder exibir na sua casa um passado fabricado com “antepassados novos!” (“Antepassados ‘prêt-à-porter’”, 1996: 20). Não aprecia a nova configuração do Carnaval, tornado cartaz turístico: “cortejos industrializados com raquíticas donzelas a rapar chuva e frio, num fãz-de-conta que Portugal fica no Brasil e a Ilha da Madeira na foz do Amazonas.” (“A idade do piano”, 1996: 16). Ainda no âmbito das práticas culturais, o autor não reprime o comentário irónico visando certas elites do Funchal, dadas a actos de beneficência: “Felizmente ainda restam simpáticos clubes altruísticos, filantrópico-mandibulares, como os ‘Lyons’ e os ‘Rotários’: enquanto dão ao dente, digerem cultura e segregam caridade” (“Tanto pão...”, 1995: 112).

Se tirermos em conta que a “sátira”, como a entende Linda Hutcheon, é “a forma literária que tem por finalidade corrigir certos vícios e inépcias do comportamento humano, ridicularizando-os” (Hutcheon 1981: 144) e que um cronista se reveste do papel de agitado de consciências e, assim, de construído do futuro, talvez possamos conceber que França Jardim, ao intervir no seu tempo, convocando um passado de configuração mais humana, pretende tão-somente apelar para a necessidade de um mundo melhor, onde um elitismo bem-pensante e outras modas — culturais, sociais e políticas — não deveriam substituir-se ao bom senso nem aos afectos de outrora.

Com efeito, a sua escrita encena as relações difíceis entre indivíduos que vivem num mundo apressado para melhor revelar o *pathos* do cenário homogeneizante da era global, caracterizado pelo dependentismo e pelo consumismo. Analisando a condição insular, o cronista chama a atenção dos seus conterrâneos para que não se escudem por detrás de uma “insularidade [que os organiza] de modo diferente” (“Uma janela sobre o mar”, 1995: 93), o que pode conduzi-los ao conformismo e à indiferença. Não se deixando intimidar por qualquer jogo de poder e de submissão, Ricardo França Jardim concilia a expressão da sua própria subjectividade com o inegável empenho em apontar todas as formas da indiferença e da ataraxia que marcam ou marcam, ainda, a “sua *civitas*”, ousando assumir o sentido do mundo.

José Viale Moutinho ou a arte de ficcionar um Funchal desencantado

Ao longo de mais de quarenta anos de intensa actividade literária, José Viale Moutinho foi várias vezes galardoado pela qualidade da sua obra multifacetada. A sua escrita oscila, não raras vezes, entre o onírico e o fantástico, o lírico e o expressionismo, o surrealizante e o neobarroco,¹⁴⁶ “sem que por isso se desprenda a observação mordaz da realidade social, cultural e política que o rodeia” (Coelho 2010: 96).

A crítica literária tende a reconhecer-lhe os seguintes qualificativos: lúcido, irónico, irreverente, informado, provocador,

¹⁴⁶ Entendemos aqui o conceito de “neobarroco”, como proposto por Sant’Anna, ou seja, uma reapropriação meta-histórica de uma estética barroca como linguagem apta para expressar a contestação e a crítica da realidade do Presente (Sant’Anna 2000). Poder-se-á, ainda, ter em consideração a leitura de Severo Sarduy, para quem o Barroco “metamorfoza a impugnação da entidade logocêntrica” (Sarduy 1979: 178).

com notável capacidade de efabulação. Viale Moutinho afirmou-se, efectivamente, como um virtuoso do conto, da não-ficção e da micronarrativa, interpretando imagens, sons, tipos, situações e pensamentos com um sempre renovado dispositivo de processos de “escritura”¹⁴⁷ e uma contínua intenção de revelar o reverso da sociedade. No âmbito desta nossa abordagem, ocupar-nos-emos apenas dos seus contos de ambientação madeirense.

No livro de contos *Panana para Isabella de França*,¹⁴⁸ vindo a lume em 1992, três narrativas refractam imagens da Ilha da Madeira e da sua capital: “Pavana para Isabella de França”, “Rua da Carreira, acaso” e “Um último olhar pelos vinháticos”. Nestas ficções, o dramático sentimento do fluir do tempo, activado pela memória e pela consciência da identidade, adensa-se ao longo do espaço histórico percorrido em busca de tudo o que o tempo extinguiu ou transformou, como se as criaturas encenadas não pudessem fugir à Ilha nem à própria circunstância existencial. Ao revisitar períodos e episódios significativos da história e da cultura local, encenando personagens que por lá vagueiam quase como sonâmbulos, o autor ensaia um Funchal crepuscular, assemelhado a um limbo, a um lugar de exílio, a uma passagem para a morte. Atentemo-nos em “Pavana para Isabella de França”. Trata-se de um conto complexo que incorpora um assinalável jogo de efeitos intertextuais — com o romance *A Mão de Sangue* (1874) de João Augusto de Ornelas e com o registo *Visita à Madeira e a Portugal: 1853-1854* (1970) da inglesa Isabella de França — e uma imbricada

¹⁴⁷ A distinção entre ‘escrita’ e ‘escritura’ é mencionada pelo narrador em “Apontamento preliminar”: “tudo vale pela escritura, que não pela escrita” (Moutinho 2010: 7). Na sua perspectiva, a escrita remete para o acto de escrever propriamente dito e a escritura para a originalidade expressiva do discurso autoral.

¹⁴⁸ Trata-se, no dizer de Diana Pimental, que prefacia a segunda edição, de um livro escrito “sob os sinais do tempo, seus andamentos, espectros e cinzas. Trata-se de ficção com passado, não apenas no espaço da ficção que conta, mas sobretudo no círculo da história literária, que revista e actualiza.” (Pimental 2007: 5)

teia de temporalidades e de personagens, umas históricas, outras ficcionadas. Quadros urbanos desta Cidade insular, com especial incidência na Rua da Carreira, serão descortinados, tendo como fundo uma dança lenta e binária — como indicia o título da novela histórica — entre o passado (o de João Augusto Ornelas e de Isabella de França) e o presente (o de Adão Aires e de Ricardo). Descomprometido com a escrita realista (ou do registo descritivo próprio dos apontamentos de viagem tomados pela senhora inglesa), preferindo captar de forma fragmentada gentes e lugares do Funchal, Viale Moutinho sobrepõe a História e as estórias para facultar o retrato dos inconformados — Ornelas, Aires, Ricardo (confundindo-se estes com a voz autoral) — que procuram recuperar “a alma da Cidade” (Silva 2001: 17). Veja-se que Ornelas, “perdido na distância dos mares” (2007: 19), preso a uma paralisia que lhe vai tolhendo as pernas, terá pretendido com o romance *A Mão de Sangue*, “dizer adeus à ilha, remexendo-lhes os podres, incomodar os seus contemporâneos, principalmente os parentes dos protagonistas” (2007: 18). Por sua vez, o corcunda Adão Aires não deixará de observar a baixa funchalense e de inquirir detalhes sobre a existência dos cidadãos:

Nas esplanadas, as pessoas passeavam de um lado para o outro, gesticulando, falavam em voz alta, ali se sabiam as suas vidas, os seus cargos, as suas poses, mesmo o que pensavam da situação política, articulando-se um mundo de informações que ele registava, acumulando nos cadernos dados respeitantes àquela sociedade. Não podendo ter o seu próprio jornal, como João Augusto de Ornelas, de cujo ensaio biográfico, lentamente, ia desistindo, elaborava o diário da cidade do Funchal, observando como as histórias de todos se entrelaçavam ou, pelo menos,

tinham tantos e tantos pontos em comum. (“Pavana para Isabella de França”, 2007: 22)

Aparência, ócio e vaidade vão desfilando na baixa cidadina. Adão Aires não se contenta com o tema da sua pesquisa biográfica: “João Augusto de Ornelas, 1833-1886”. Neste lugar privilegiado para uma observação aturada, inventaria, igualmente, as afinidades e as pertenças, os sonhos e as privações dos funchalenses mais conhecidos. Os seus cadernos são testemunhos de um Funchal contemporâneo, cidade presa ao mar, confinada ao isolamento, tal como confessa a personagem Hermenegildo Portas. O fornicar diurno da urbe vai contrastar com o serenar da noite, à semelhança da pacatez que se vai apoderando da Rua da Carreira, uma das artérias neurálgicas da Cidade. Num tríptico significativo, o último painel colocará em cena Ricardo, nascido na Ilha e dela tendo saído, à semelhança do que aconteceu com o autor (que também nasceu na Rua da Carreira). Regressa, agora, de avião para descobrir um Funchal actual, ancorado na cultura do entretenimento:

Adão Aires e Ricardo assistiram à chegada da camioneta com os vilões típicos, magros, tristes, estourados, a saltarem a terra, prepararem os carros, ensebaram os paus e aguardarem os turistas. Antigamente os vapores chegavam ao porto e logo apareciam arreios com cavalos para que os passageiros subissem até aqui. Depois, desgraçados como esses levavam-nos calçada abaixo, amparados a pulso, deslizando nas pedras. (“Pavana para Isabella de França”, 2007: 29-30)

Compreender-se-á que Ricardo pretenda afastar-se deste Funchal turístico, o da descida dos carros do Monte e das arruadas

folcloristas, para poder chegar às origens, conhecer o genuíno, desfrutar do autêntico. Não se trata propriamente da demanda das raízes familiares, mas dessortra que permite à personagem redescobrir-se, reencontrar-se consigo na plenitude de si mesmo, acalmar inquietações, desvendar as asfíxias da Ilha moderna e afastar fantasmas do passado.

Constando do livro *Cenas da Vida de um Minotauro*,¹⁴⁹ de 2002, o conto “A princesa encantada” recupera a moldura histórica que enquadra o episódio da Revolta da Farinha, ocorrida em 1931. Esta narrativa vai ironizar sobre o instinto revoltoso que a personagem Lúcio da Câmara foi fantasiando. Sem nunca se decidir pela acção – contrariamente ao Juvenal, o protagonista do romance *Eternidade*, de Ferreira de Castro, que tomou parte numa acção popular inspirada nesse episódio histórico – Lúcio entrega-se ao doce e breve devaneio que o tornaria capaz de gestos heróicos e merecedor de reconhecimento público, enquanto a contrarrevolta se organizava e repunha a antiga ordem estabelecida. Desfeita a resistência dos insurrectos, o anti-herói, qual “princesa encantada”, refugia-se na segurança do lar, na Rua do Phelps, redescobrimdo-se na qualidade de um cidadão indeciso e amorfo, à imagem da “burguesia madeirense a brincar às revoluções” (2002: 89). Através da sua criação de papel, Viale Moutinho vai satirizar a falta de empenho dos agentes da mudança política, porque o medo lhes refreia o espírito de iniciativa e a vontade de agir e porque, provavelmente, preferem entregar-se à ociosidade de uma esplanada, como sugere a cena inicial da narrativa: “O sol batelhe no rosto, tem os olhos fechados, as mãos enclavinadas nos braços do cadeirão de verga na esplanada do Golden Gate, esboça um sorriso” (2002: 85).

¹⁴⁹ Esta obra foi distinguida com o Grande Prémio de Conto ‘Camilo Castelo Branco’ 2000 da Associação Portuguesa de Escritores e com o Prémio Orlando Gonçalves.

Ao perspetivar este período da História insular, o autor parece interrogar-se sobre o papel do funchalense na sua urbe: até que ponto o cidadão pode cobrir-se de intervir, criticar e sugerir uma renovada conformação social e urbana? Parece, ainda, querer estabelecer um paralelismo entre essa oportunidade perdida, que terão sido esses dias que abalararam os alicerces da ditadura, e o modo como o poder é actualmente exercido por aqueles “que comandam os destinos da ilha” (Silva 2004: 176).

No livro *Já os Galos Pretos Cantam*,¹⁵⁰ publicado em 2003, o conto intitulado “Telésforo” reenvia-nos para a megalomania de um torna-viagem, oriundo do Funchal. Emigrado na Venezuela, a personagem Telésforo Gouveia regressa e adquire a Quinta do Penedo Branco a um indivíduo “aparentado com os Blandy”, “inglês de ar carrancudo, que se fizera pagar em dinheiro vivo” (2003: 51). O *incipi* apresenta de forma sumária a ida do protagonista para a Venezuela a bordo do cargueiro *Maria Cristina*, a fortuna adquirida por ele nesse *Elorado* e os projectos excêntricos de emigrante, uma vez tornado à ilha. Para ajustar contas com os meninos ricos que se divertiam “nas tropelias das Esquadras de Navegação Terrestre” (2003: 52), Telésforo deseja alimentar um mundo do tamanho do seu egoísmo. Determina, pois, a construção de uma cidadela extravagante no interior da quinta recentemente adquirida, uma “cidade à parte” na periferia do Funchal, um mundo farto, luxuriante, soando, contudo, a falso:

O velho Saldanha iria no dia seguinte ao Funchal encomendar os sacos de cimento, ferros, os tijolos, contratar pessoal para os ter

¹⁵⁰ Esta obra foi distinguida com o “Prémio Edmundo Bettencourt / Câmara Municipal do Funchal”, em 2003. Além da narrativa “Telésforo”, contém ainda quatro contos que revelam histórias dramáticas da Guerra Civil de Espanha e dois textos memorialistas.

disponíveis daí a quatro meses, quando ele regressasse da viagem. Entretanto os rapazes iriam arrasas a parte da quinta que ele destinara ao seu mundo. Queria um lago superficial, com águas douradas e elegantes cisnes de plástico, com um dispositivo que os fazia grasnar e gritar como se vivos fossem. Apenas o velho Saldanha sabia daqueles seus planos mais próximos. Um seu primo, que era empregado num restaurante em Lisboa, contactara um escultor para que realizasse um leão gigantesco, a executar em cimento armado, para colocar à entrada do mundo de Telésforo Gouveia... (“Telésforo”, 2003: 53)

A cultura da exuberância e da metamorfose disfórica transforma a quinta dos arredores do Funchal numa cidade enredada e ilusória. Das múltiplas viagens através do mundo vai trazendo mercadorias e ideias bizarras e imoderadas. Na sua nova urbe para uso privado, o protagonista manda edificar uma pirâmide como a de Keops para o acolher no seu derradeiro sono. Manda igualmente construir uma escola feita de bonecos de estrovoite onde deverá pontificar um professor em pasta de papel. Nesta cidade em miniatura conformada num hibridismo cultural — de épocas e de civilizações — desajustado ao presente, Telésforo imagina-se a exercer o poder “envergando um manto de pele de leopardo e uma coroa de louros” (2003: 56).

A Quinta do Penedo Branco, vista do exterior, assemelha-se a muitas outras situadas nas encostas que cingem o Funchal. Porém, no interior da quinta, emigrantes de leste e trabalhadores negros cumprem os caprichos do protagonista e a sua avidez doentia:

Hoje, a Quinta do Penedo Branco mudou de nome, é a Quinta dos Crepões, ninguém lá entra, aliás como sempre. Há um

grupo de ucranianos que zela pela sua transformação constrante ao sabor da vontade do velho Telésforo Gouveia, que cada vez viaja menos e se dispôs a imaginar o fim do mundo. Quando ele fechar os olhos, os ucranianos deverão destruir a camarelo tudo o que foi construído sob as ordens do patrão, deixando apenas o que existia antes da compra da Quinta do Penedo Branco. (“Telésforo”, 2003: 58)

O quadro disfónico que este texto desenha tangencia as contra-utopias que marcam o século XX. Embora trate igualmente de um lugar labiríntico e ameaçador, o conto não se enforma numa literatura futurista e distópica, tendo como horizonte o imaginário de um Huxley ou o de um Orwell. Antes entrizado num presente possível, mostra uma forja infernal que vai destruindo o património identitário da urbe tradicional, fazendo assim eco à afirmação de Raffaele Milani: “cada paisagem reenvia para uma memória mitológica, histórica e cultural. Destruir uma paisagem significa destruir tudo o que a poesia dela disse, tudo o que a cultura e a civilização artística dos homens fizeram dela.”¹⁵¹

Essa visão apocalíptica associada à actualidade reaparece na narrativa “Santos, mortos e outros vivos”, inserta no livro *Destruição de um Jardim Romântico*, de 2008,¹⁵² e significativamente dedicada ‘Aos incomodados’. Veja-se o que o *incipit* deixa, desde logo, adivinhar:

Quando eu regresssei à cidade do Funchal, não consegui reconhecer-lo, mas efectivamente não me enganara no caminho. Muitos dias

¹⁵¹ Tradução nossa: “chaque paysage renvoie à une mémoire mythologique, historique et culturelle [...] Détruire un paysage signifie détruire tout ce que la poésie en a dit, tout ce que la culture et la civilisation artistique des hommes en ont fait.” (Milani 2005: 55).

¹⁵² Dos dezannove contos que compõem o livro, apenas este se refere ao Funchal.

caminhara sobre as duras águas e todos os viajantes e mendigos, nas tabernas e pousadas, que encontrara pela ronda dos mares, me haviam dito que seguisse em frente, sempre em frente. E, então, houve uma altura em que as aves da Europa se sumiram e no céu apenas se viam farrapos de nuvens e um que outro desses homens estranhos com as suas, aliás não menos estranhas, máquinas voadoras. (“Santos, mortos e outros vivos”, 2008: 193)

A caracterização da Cidade e respectivos ambientes surge em traços leves e rápidos em fundo de uma hábil fabulação. A viagem do narrador Bartolomeu João permitir-lhe-á constatar que a urbe sofreu grandes metamorfoses. Reconfigurada na viglância apertada dos esbirros do Ogré, a Cidade está agora alicerçada na cultura da aparência, do mecanismo e da indefinição. Não será de estranhar que os primeiros habitantes que o narrador encontra sejam o guarda do palácio do novo ‘governador’ e os funchalenses de rosto triste, apesar da indumentária vistosa que envergam: “segui caminho, entre os transeuntes que trajavam roupas coloridas, ainda que seus rostos patentearassem infinita tristeza” (2008: 193-194). Veja-se como este agrupamento de indivíduos reenvia para a homogeneidade dos funchalenses, como se através desta uniformização dependessem de “algum paternalismo controlador” (Rodríguez Fernandez 2005: 5).

Face a estas marionetas de encenação neo-barroca, os “incomodados do sistema” reúnem-se clandestinamente numa luta contra o autoritarismo do poder instituído. Com efeito, no número 7 da Rua do Portão, Bartolomeu João reunir-se-á com Pedro Gonçalves, na tentativa de encontrarem o substituto para o Oliveiras, “o rosto legal [da] organização” (2008: 194). Os

insubmissos deverão encontrar as instruções “na arca guardada da sacristia ali da Capela do Corpo Santo” (2008: 195). Na busca inglória do Santo Graal, muitos, porém, afastar-se-ão da resistência que a organização secreta congemma.

Este Funchal apresenta-se como um lugar de encontros para personagens insólitas e algo anacrônicas: além de Bartolomeu João e do padre Fernando, “pároco da Igreja de Santa Maria do Calhau” (2008: 197), surge, ainda, o capitão Hardy, “um inglês octogenário que andava a escrever um livro sobre as suas aventuras contra os piratas franceses e marroquinos que se haviam atrevido a assaltar o Funchal” (2008: 197). Juntos constituem uma galeria fantasista de intervenientes cívicos. Compreender-se-á que numa cidade amordaçada, o narrador seja preso. Uma vez libertado, antes de enfrentar o caminho do exílio, resta-lhe lastimar não ter encontrado as suas raízes:

A grande decepção que tive nesta viagem ao Funchal, quero registá-lo, foi não ter conseguido localizar na Rua dos Ilhéus a casa onde nasci e viveram meus pais, de que havia constância numa aguarela de Max Römer, que sempre se encontrava exposta no local mais visível das casas em que íamos vivendo na Europa, em Portugal e em França. (“Santos, mortos e outros vivos”, 2008: 199)

Na confusão de temporalidades, personagens e encenações sobressai a voz cáustica e inconformada do texto que, na figuração problemática do autor, critica os modernos dissabores da nova Cidade. Esse Funchal tornou-se o rosto do conformismo e da abnegação. Poucos, à excepção de Bartolomeu João ou de Pedro

Gonçalves, continuam a planear a luta em prol de uma auto-determinação da Ilha.

Sublinhe-se que os lugares e os seres retratados por Viale Moutinho parecem subordinados à metáfora da máquina que os torna passivos, uniformes, destituídos quer de uma identidade própria, quer de um espírito crítico. A sua ficção parece obedecer a uma estratégia discursiva consciente: a relação existente entre a onnipotente figura do Ogre (numa possível alusão ao actual modelo político na Madeira) e a desconstrução da sociedade insular, em particular da sua Capital, apresenta-se como significativa. Sinédoque do mundo pós-moderno, a nova reconfiguração insular deriva da fragmentação e da dissolução. Visão de um espaço caótico, submetido à irrupção do irregular, do disforme e da verticalidade ameaçadora, a paisagem urbana será, pois, textualizada para reflectir o espectro da desolação.

Em *Velhos Deuses Embalhados*, de 2010, o narrador organiza um universo de ficção assente num movimento circular, que abre com um “apontamento preliminar” e fecha com um “apontamento final” e que gira em torno de dois eixos espaciais, o *Majestic* do Porto e o *Golden Gate* do Funchal. Esse universo integra um conjunto de textos breves, densamente alegóricos, capaz de deixar ao leitor a possibilidade de avaliar a justa medida de um querer dizer contundente, imaginativo e arguto. Que imagens do Funchal tiramos das ficções que enformam este livro singular?

Em “Do quotidiano aonde podemos ir” descreve-se a vida actual funchalense. Logo à partida, a Cidade equipara-se a um “Grande Teatro do Mundo”, no palco que vai da Catedral ao Teatro Baltasar Dias: múltiplas personagens atravessam o lugar para serem captadas pelo olhar sarcástico de quem, sentado na

esplanada do *Golden Gate*, vai retratando os frequentadores da baixa funchalense:

Estes não são os meus amigos, nem os meus companheiros de mesa, sequer os meus ouvintes, no entanto seleccionei-os, um a um, com o rigor possível ao meu estado de ansiedade de estar com alguém, mesmo a certa distância. Observei-lhes os gestos, os olhares, as roupas, os horários, as companhias, a maneira como se entendiam, certifiquei-me que não se conheciam muito bem, pois assim não se distrairiam quando eu tivesse no uso da palavra, e não trocariam olhares cúmplices nem chamariam as empregadas para mais um chá, para uma *chinesa* ou uma torrada mal passada, uma nata de rosto escurecido ou a receita de um bolo de frutas cristalizadas, no momento mais inoportuno. (“Do quotidiano zonde podemos ir?”, 2010: 9)

Desta composição literária, a que não falta um inventário de objectos e usos identitários que compõem a totalidade heteróclita do Funchal, apontamentos autobiográficos, registos de actos banais e certo pensamento alegórico, desprende-se um sentimento de estranheza e, no fim, apenas uma certeza: “Deveremos sempre regressar ao mesmo sítio e, sobretudo, sentarmo-nos a observar a partir desta inconcebível esquina do mundo” (2010: 13).

Atento ao pormenor, Moutinho transmite ao narrador de “As ilhas desertas” esse seu gosto pelo reparo breve, vagamente nihilista mas sempre contundente. Não é tanto o recorte da Cidade ou o perfil dos seus transeuntes que retêm a sua atenção mas o que o seu olhar consegue alcançar, a partir de um determinado ponto de observação:

Da janela do meu quarto vejo que os nevoeiros cobrem os cimos das montanhas, vejo desaparecer o mar, a terra, os bordos da ilha, se isto em que vivemos é uma ilha e não um deserto inseguro. Ouço os pássaros, irritados com a instabilidade do tempo, fingirem os gritos das gaióvotas, o canto das cagarrias, as palavras das pessoas, a voarem rapidamente para as ilhas e ilhéus onde os silêncios se misturam com o ruído sombrio da queda das folhas das árvores e o som de alguém que as pisa enquanto se esconde atrás deste e daquele tronco, com medo, evadindo-se, fingindo das explosões. (“As ilhas desertas”, 2010: 16)

Deste breve excerto depreende-se a carga disfórica que encena o medo, o fingimento e a dissonância da sociedade actual. Encenação de uma contra-utopia que o texto “O homem que se queria ir embora” irá exaltar. Nele, quer a prostituição, quer a vingança, quer o crime serão mencionados. Porém, a narrativa virá sobretudo salientar um acidente ocorrido ao histórico comboio do Monte, para encenar o caos do momento e, ao mesmo tempo, recordar agitadas águas passadas:

Quando se ouviu no Funchal a explosão da caldeira do comboio do Monte, houve quem dissesse que era o regresso dos piratas franceses a invadir a Madeira e muitos correram a tirar as armas onde se tinham escondidas e assomaram às janelas, mas alguém se pôs a gritar que tinha explodido o comboio, mas os betros desapareceram com a fuzilaria. Apareceram os polícias aos magotes, soldados com as espingardas nas mãos, capacetes de aço, inspecionando as janelas e os telhados, cumprimentando os conhecidos com sons guturais. O que eles tinham aprendido com

a revolução nunca mais o esqueceriam. (“O homem que se queria ir embora”, 2010: 62)

Numa (con) fusão de épocas, discursos e assuntos, a escrita polifónica de Moutinho dialoga com o insólito, mistura “estórias” e acontecimentos, desconstrói lendas para melhor interrogar a História da Cidade.

Com efeito, se na sua ficção a “cultura” do desprendimento (“Uma criança morta no parque”), o ridículo cerimonial das condecorações excessivas (“I want your sax”), o culto do dependentismo (“O vendilhão dentro do templo”) e a miragem do messianismo (“Salvador”) têm particular destaque, narrativas há que enfatizam a disforia e a dissonância, como exemplifica a ficção “As lições de canto da cagarra”. Num “conservatório de música” (2010: 91), Madame Besançon-Trigo rodeia-se de uma peculiar galeria de alunos: a cagarra, o galgo e as cadelas fraldiqueiras, que a acompanham no Outono da sua vida, indiciam uma certa animalização da sociedade hodierna.

Nesta urbe desajustada e surrealizante, compreender-se-á o recurso, quer a cenas que insinuam comportamentos irracionais, quase primitivos por parte de cidadãos, quer a figuras assombradas, errando pela cidade, como ilustra o texto “O assassino fortuito do Largo do Chafariz”. Nesta ficção, encena-se um *serial killer* chamado Bruto Camacho com desejo de vingança, evoca-se a aluvião de 1803, ambienta-se a acção no cenário desolador que o temporal de 20 de Fevereiro de 2010 provocou, entrelaçam-se as sempre possíveis ameaças de novos cataclismos com lendas improváveis que passam a circular na memória da Cidade:

Dizia a lenda que um homem de elegante figura, trajando boas roupas, aparece pelas imediações do Largo do Chafariz

Lamentando-se que enquanto não fosse reconstruída a capela de S. Sebastião o mar subiria as ruas da cidade do Funchal e chegaria até ali o caos dos barcos. Mas quem seria o homem? (“O assassino fortuito do Largo do Chafariz”, 2010: 153)

Na obra de José Viale Moutinho não há portmenorizadas ou extensas descrições do Funchal. No entanto, o enfoque é posto no imaginário local e nos seus habitantes, no modo como gerem as suas vidas e se relacionam uns com os outros. Embora o autor revise o imaginário fundacional da identidade da Cidade, a paisagem urbana apresenta-se como um lugar assombrado, de atraentes árvores e flores maléficas, abolindo toda a força da vontade humana e negando a possibilidade de criação de um espaço social, onde o indivíduo, mau grado as suas limitações face aos outros, possa expressar-se e realizar-se: esse Funchal, apesar dos seus atributos vistosos — coloridas fachadas, ruas atemporais e cafés emblemáticos —, apresenta-se como a cidade do vazio existencial, do conformismo e da superficialidade. Esta imagem permitirá ao autor confrontar o Funchalense com as suas próprias identidades e atitudes sociais.

Espaço complexo, lugar privilegiado para a deambulação, a divagação, os encontros e as desventuras, a Cidade afirma-se como lugar de memória, de percursos e de errâncias, objecto de reflexão para as consciências sensíveis, curiosas ou analíticas. O fenómeno urbano com as suas incessantes mutações não passou ao lado dos escritores que na Ilha nasceram ou a ela regressaram.

O Funchal adquire, nas crónicas de França Jardim e nos contos de Viale Moutinho, uma inquietação que se inscreve em *crescendo*, revelando, em relação à Cidade, a desilusão dos seus observadores. Com efeito, no espaço actual, é possível encontrar apontamentos negativos marcados pela ‘cultura da escassez’, quer dos afectos e dos relacionamentos pessoais e da cidadania plena, quer da harmonia arquitectónica e paisagística. O Funchal de antigamente afigurava-se uma pequena cidade provinciana e pacata, vivendo ao ritmo das periódicas azáfamas que navios que cruzavam o Atlântico emprestavam à sua baía e ao seu porto. A nova urbe, tal como a Ilha, reconfigura-se num *locus* influenciado pela cultura da aparência, da instabilidade e da ostentação. Pautada pela modernidade despersonalizada, a Cidade, na sua vertiginosa dissonância, inscreve-se no caos, no desassossego e no artifício, como se o tempo fosse fatalmente entropia, cujo curso fosse sinónimo de inelutável degradação.¹⁵³

Nestes escritos, o Funchal actual revela-se alicerçado no paradigma da saturação, na cultura do individual e no gosto da desmedida. É que a urbe dos tempos modernos – os de hoje em particular – atrofia a experiência dos valores humanos de uma comunidade, como salienta, aliás, Robert E. Park, quando aponta a instabilidade, a agitação e a permanente perturbação de hábitos regulares nas cidades hodiernas (Park 1984: 22). Importa referir, pois, o contributo da literatura por esta revelar os meandros desta era pós-utópica. Ao exporem as mutações disfóricas que ocorrem nesta Cidade, Ricardo França Jardim e José Viale Moutinho alertam para a dissonância da contemporaneidade. Na verdade,

¹⁵³ V. Georges Balandier, *Contorno: Poder e Modernidade*, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1997 (Trad. Suzana Martins). A cidade do final do século XX representa uma instância de passagem, sendo que esse período aparenta “um tempo-necrológico”, marcado pela perda dos valores e das crenças e pela nostalgia de códigos que eram transmissidos de geração em geração.

às visões desencantadas de que dão conta, ambos transmitem um humor revigorante, convidando, deste modo, o leitor a lançar por si mesmo um olhar crítico sobre o espaço urbano que o rodeia.

Bibliografia primária:

ABREU, João Carlos, *Dona Joana-Rabo-de-Peixe*, Ponta Delgada, Éter, 1996.

— *Da Ilha e^s de Mim*, com prólogo de Margarida Silva, Funchal, Câmara Municipal do Funchal, 1980.

AGUIAR, João Luís, *Contos de Maré Cheia*, Funchal, Editorial Correio da Madeira, 1995.

ALBIZZI, Marquis Degli, “Six Mois à Madère”, in Édouard Charton (éd.), *Le Tour du Monde - Nouveau Journal des Voyages*, (1860-1914, 68 vols.), Paris, Librairie Hachette et Cie, 1888, pp. 65-96.

ALMEIDA, Onésimo Teotónio, *Onze Provenas (e um final merencório)*, V. N. Gaia, Editora Ausência, 2004.

ANDRADE, Irene Lucília, *Da Fábula... ao Mote*, com pref. de Leonor Martins Coelho, Vila Nova de Gaia, 7 Dias 6 Noites, 2011.

— *Crónica Breve da Cidade Anónima—À Hora do Tordo*, Funchal, Empresa Municipal “Funchal 500 Anos”, 2008.

— *A Pentada ou o Fim do Caminho*, Leiria, Editorial Diferença,

- *Água de Mel e Manacá*, Porto, Campo das Letras, 2002.
- *Porque Me Lembrei dos Cismes*, Leiria, Editorial Diferença, 2000.
- *Angélica e a Sua Espécie*, Ponta Delgada, Publicações Eurosigno, 1993.
- “A fonte”, *Islenha*, n.º 13, Funchal, Secretaria Regional do Turismo e Cultura / Direcção Regional dos Assuntos Culturais, Julho-Dezembro 1993, pp. 156-157.
- *Ilha que É Gente*, Funchal, Secretaria Regional do Turismo e Cultura / Direcção Regional dos Assuntos Culturais, 1986.
- ARAGÃO, António, *Um Barão na Boca*, 2.ª ed., Lisboa, Vala Comm, 1993. [1.ª ed. 1971].
- *A Madeira Vista por Estrangeiros (1455-1700)*, Funchal, Secretaria Regional da Educação e da Cultura / Direcção Regional dos Assuntos Culturais, 1981.
- ARAUJO, Lídio, *A Festa*, Madeira, edição do autor, 2002.
- BAPTISTA, José Agostinho, “o adeus às ilhas”, *Biografia*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2000, pp. 561-564.
- *Cancões da Terra Distante*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1994.
- BESSA-LUÍS, Agustina, *A Corte do Norte*, Lisboa, Guimarães Editores, 1996. [1.ª ed. 1987].
- BRANDÃO, Raul, *As Ilhas Desconhecidas*, com pref. de António M. B. Machado Pires, Lisboa, Editorial Comunicação, 1988. [1.ª ed. 1926]
- CABRAL, Guilherme Read, *Ángela de Santa Clara*, Funchal, s.n., 1895.
- CAIRES, Ângela, “O Capião Tormenta [excerto]”, in Nelson Vertissimo (org), *Narrativa Literária de Autores Madeirenses da Madeira – Século XX: Antologia*, Funchal, Secretaria Regional do Turismo, Cultura e Emigração / Direcção Regional dos Assuntos Culturais, 1990.
- CAIRES, Victor, *Crónicas da Beira-Mar*, Funchal, Empresa Municipal “Funchal 500 Anos”, 2008.
- CAIDEIRA, Maria da Conceição de Oliveira, *Miscelânea de Memórias (As crónicas da Maria da Conceição publicadas no Jornal da Madeira entre 1989-1993)*, Funchal, Editorial Calcamar, 1999.
- CÂMARA, Jaime, “Funchal: a fisionomia das ruas”, in Fernando Figueiredo, Leonor Martins Coelho e Thierry Proença dos Santos (orgs.), *Crónica Madeirense (1900-2006)*, Porto, Campo das Letras, 2007, pp. 40-45.
- *De São Lourenço – Provas do Estio e do Outono*, Funchal, Oficina Tipográfica do Bazar do Povo, 1932.
- CASTRO, Ferreira de, *Eternidade*, Lisboa, Guimarães Editores, 1960. [1.ª ed. 1933]
- CHARDONNE, Jacques, *Vivre à Madère*, Paris, Bernard Grasset, 1988. [1.ª ed. 1953]
- CORREIA, Natália, *A Ilha de Cirre*, Lisboa, Notícias Editorial, 1983.
- CRISTÓVÃO, Carlos, *No Vale de Machina*, Madeira, edição do autor, 1990. [1.ª ed. 1966].

- DINIS, Júlio, *Cartas e Esboços Literários*, Porto, Civilização, 1972.
- DIONÍSIO, João, *Os Construtores da Memória*, Madeira, Câmara Municipal do Funchal, 2000.
- ESPERANÇA, Assis, *Trinta Dinheiros*, Lisboa, Guimarães Editores, 1958.
- FALCÃO, Ana Margarida, “A cidade com ruas que davam para o mar”, in Nelson Veríssimo (org.), *Contos Madeirenses*, Porto, Campo das Letras, 2005, pp. 247-253.
- FERNANDES, Francisco, *Memórias com Mar - Narrativa*, Madeira, Arguim Editora Regionalista, 2002.
- *Cartas de Dinagação*, Funchal, edição do autor, 2002.
- FERREIRA, António, *Maria Luísa – Memórias de Uma Mulher Sem Estado*, Porto, Companhia Portuguesa Editora, 1921.
- FINO, Carlos Nogueira, *Crónicas da Madeira Nova*, Funchal, O Liberal, 2004.
- *funchal*, Porto, Campo das Letras, 2004.
- FOURNIER, António, “Funchal revisited”, *Ilha Portátil*, Vila Nova de Gaia, 7 dias 6 noites, 2010, pp. 13-30.
- FRANÇA, Isabella de, *Jornal de uma Viúva à Madeira e a Portugal: 1853-1854*, trad. portuguesa de Cabral do Nascimento, introdução de Cabral do Nascimento e Santos Simões, notas e comentários de Santos Simões, Funchal, Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal, 1970.
- FRANÇA, João, *A Ilha e o Tempo*, 2ª ed., Madeira, Câmara Municipal do Funchal, 2006. [1ª ed. 1972]
- *Uma Família Madeirense*, com um preâmbulo de Irene Lucília Andrade, Madeira, Câmara Municipal de Santa Cruz, 2005. [edição póstuma]
- “Aquele Campo de Funcho”, in *Isenba*, n.º 12, Funchal, Secretaria Regional do Turismo e Cultura / Direcção Regional dos Assuntos Cultural, Janeiro-Junho 1993, pp. 178-179.
- *O Emigrante*, Lisboa, Agência Portuguesa de Revistas, s.d..
- FRANCO, Maria, “Distância”, in Nelson Veríssimo (org.), *Contos Madeirenses*, Porto, Campo das Letras, 2005, pp. 139-144.
- FREITAS, Jorge, “Tela em Branco”, com uma “evocação” de Maria Mendonça, Funchal, Edições Ilhatur, 1980. [1ª ed. 1954]
- FRUTTUOSO, Gaspar, *As Saudades da Terra* [Fac-Símile, História das Ilhas do Porto Santo, Madeira, Desertas e Selvagens, manuscrito do século XVI anotado por Álvaro Rodrigues de Azevedo, com introdução de Alberto Vieira], Funchal, E.M. Funchal 500 Anos, 2007.
- GOMES, João dos Reis, *O Anel do Imperador: Napoleão e a Madeira* (memória romancesada), Lisboa, Livraria Clássica, 1934.
- *A Filha de Tristão das Damas – Romance Histórico Madeirense*, Funchal, s.n., 1947. [1ª ed. 1909]
- *Histórias Simples* (contos), Lisboa, Livraria Central de Gomes Carvalho, 1907.

GONÇALVES, José António, *As Sombras no Arvoredo – Poemas*, Madeira, edição do autor, 2004.

— *Rébita de Qualquer Coisa*, Funchal, edição do autor, 1973.

GOUVEIA, Horácio Bento, *Canga*, 4ª ed., Thierry Proença dos Santos (ed.), Funchal, Empresa Municipal “Funchal 500 Anos”, 2008. [1ª ed. 1949, sob o título *Ilheus*]

— “Funchal de ontem, Funchal de hoje”, in Fernando Figueiredo, Leonor Martins Coelho e Thierry Proença dos Santos (orgs.), *Crónica Madeirense (1900-2006)*, Porto, Campo das Letras, 2007, pp. 125-129.

— *Lúcia Marta: Ficção e Memória - Romance*, José António Gonçalves (ed.) e Horácio Miranda de Ornelas Bento de Gouveia (introd.), Funchal, Secretaria Regional do Turismo e da Cultura / Direção Regional dos Assuntos Culturais, 1986. [póstumo]

— *Margareta – Romance da Cidade e do Mundo*, Madeira, Edição da Câmara Municipal do Funchal, 1980.

— *Torna-Viagem – Romance do Emigrante*, Coimbra, Coimbra Editora, 1979.

— “Ana Maria”, in Nelson Veríssimo (org.), *Contos Madeirenses*, Porto, Campo das Letras, 2005, pp. 65-94. [1ª ed. 1972 em *Alma Negra e Outras Almas*].

— *Canbenhos da Ilha*, Funchal, Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal, 1966.

— *Lágrimas Correndo Mundo - Romance*, Coimbra, Coimbra Editora, 1959.

HOMEM, Maria Aurora Carvalho, *Para Ouvir Albinoni*, 2ª ed., Porto, Campo das Letras, 2003. [1ª ed. 1995]

— *Discurs(il)hando: Crónicas*, Funchal, Editorial Calcamar, 1999.

— *Cintilhações*, com textos poéticos de Maria Aurora sobre agurelas de João de Lemos Gomes (Melos), Funchal, 1994.

— *A Santa do Calbau*, Lisboa, Editorial Notícias, 1992.

JARDIM, Alberto Figueira, “O Piano”, in Fernando Figueiredo, Leonor Martins Coelho e Thierry Proença dos Santos (orgs.), *Crónica Madeirense (1900-2006)*, Porto, Campo das Letras, 2007, pp. 46-55.

JARDIM, Ricardo França, *Tristes Ilhas e Outras Conversas...* Coimbra, Quarteto Editora, 2002.

— *Arsénico e Rendas Velhas*, Matosinhos, Contemporânea Editora, 1996.

— *Inventário dos Mundos*, Matosinhos, Contemporânea Editora, 1995.

JARDIM, Ricardo Nascimento, *Saias de Balão – Na Ilha da Madeira*, 2ª ed., Funchal, Câmara Municipal do Funchal, s.d.. [1ª ed. 1946].

LADEIRA, Luís, *Estórias da Ilha e do Sufoco*, Lisboa, Edições Colibri, 2001.

LA HARPE, Jean-François de, *Abrégé de l’Histoire Générale des Voyages*, texto on-line : <http://www.gutenberg.org/ebooks/24768> [2003-2008 Project Gutenberg Literary Archive Foundation]. (consultado pela última vez a 24/09/2010)

LAMAS, Maria, *Arquipélago da Madeira – Maravilha Atlântica*, Funchal, Editorial Eco do Funchal, 1956.

LA PÉROUSE, *Voyage autour du monde*, L. A. Millet-Mureau (ed.), 4 vols., in-4 e atlas gr. in-fol., 1797. Texto online: <http://visualiseur.bnf.fr/Visualiseur?Destination=Gallica&O=NUMM-87287> (consultado pela última vez a 24/01/2008)

LAS CASAS, Fray Bartolomé de, *Historia de las Indias* (1562), Agustín Millares Carlo (ed.), Vol I., Mexico-Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, 1951.

LEAL, Ernesto, *Tio, Ilha Anonas e Estrelas*, António Fournier (ed.), Funchal, Empresa Municipal “Funchal 500 Anos”, 2008.

LÉLIS, Carlos, *C/Sem Ch/Xeques Carucas*, Funchal, Almasud / Gestão Cultural, 2003.

— *As Ilhas d’Invenção*, Funchal, edição do autor, 1999.

LUZIA, *Almas e Terras Onde Eu Passei*, Lisboa, Eds. Europa, 1936.

MANTEGAZZA, Paolo, *Um Dia na Madeira*, trad. de Laura Moniz, Parede, Sopa de Letras, 2010.

MARINO, Luís, *Musa Insular*, Funchal, Editorial Eco do Funchal, Lda., 1959

MARQUES, Helena, *A Densa Sentada*, Lisboa, Dom Quixote, 1994.

— *O Último Cais*, Lisboa, Dom Quixote, 1993.

MARQUES, Margarida Gonçalves, “Diário di Guerra”, in António Fournier (org), *Nostalgia Dei Giorni Atlantici*. Asti, Scriturapura Editore, 2005.

— “O Anteparo de Marfim”, in *Tribuna da Madeira*, Funchal, 7 de Outubro de 2005.

— *Um Dia depois do Outro*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2000.

MARTINS, Carlos, *As Figuras de Prova do “Marco-Wanda”*, Funchal, edição do autor, 1978.

— *A Grande Paixão do Padre Abel Cain*, Funchal, edição do autor, 1968.

— *Madeira – Mar de Naveis*, 2ª ed., Funchal, edição do autor, 1972. [1ª ed. 1945]

MELO, D. Francisco Manuel de, *Epanógora Amorosa (Descobrimento da Ilha da Madeira, Ano 1420)*, José Manuel de Castro (ed.), Lisboa, s.n., 1975. [1ª ed. 1654]

MELO, Luís de Sousa, “O Funchal é que é?”, in *Islenha*, n.º 12, Funchal, Secretaria do Turismo e cultura / Direção Regional dos Assuntos Culturais, Janeiro-Junho, 1993, pp. 16-18.

MENDONÇA, José Tolentino, *A Que Distância Deixaste o Coração*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1998.

MONIZ, Laura, *Hotel Paraíso*, Funchal, Empresa Municipal “Funchal 500 Anos”, 2008.

MOUTTINHO, José Viale, *Velhos Denses Empalhados*, Porto, Edições Afrontamento, 2010.

- *São coisas tais efeitos só do acaso?*, S. Mamede de Infesta, Edium Editores, 2009.
- *Destruição de um Jardim Romântico*, Lisboa, Portugalíia Editora, 2008.
- *Panama para Isabella de França*, 2ª ed. revista, com pref. de Diana Pimentel, Porto, Edições Afrontamento, 2007. [1ª ed., 1992]
- (coord.), *Saudades da Ilha – Evocações Poéticas da Ilha da Madeira*, Porto, Edições ASA, 2003.
- *Já os Galos Pretos Cantam*, Lisboa, Editorial Caminho, 2003.
- *Cenas da Vida de Um Minotouro*, Lisboa, Âncora Editora, 2002.
- *Alguém e Além Montes – Textos de Andarilho*, Porto, Editorial Domingos Barreira, 1992.
- NASCIMENTO, Cabral do (org.), *Lugares Selectos de Autores Portugueses que Escreveram Sobre o Arquipélago da Madeira*, Funchal, Delegação de Turismo da Madeira, 1949.
- ORNELAS, João Augusto de, *A Mão de Sangue: Romance*, 3ª ed., com introdução histórico-literária de António Carvalho da Silva, Funchal, Editorial Calcamar, 1997. [1ª ed. 1874]
- PALMA, Constantino Lopes, *Fabiola, Arlette e Suzette - Trilogia do Encanto*, Funchal, O Liberal, 2006.
- PINTO-CORREIA, João David, *Onze Mais Um Poemas e Lugares*, Madeira, Câmara Municipal do Funchal, 2001.
- SARMENTO, Alberto Artur, “ONatal na Madeira – Quando eu era estudante”, in *Margem* 4, Funchal, Câmara Municipal do Funchal – Departamento da Cultura, Dezembro 2007, pp. 79-84.
- *Redemoinho de Folhas* (também registado com o título *Folhas ao Vento*, na página de rosto), Funchal, Eco do Funchal, 1943.
- *As Migalhas – Contos e Esboços*, Funchal, Edição do Bureau de La Presse de J. M. da Rosa e Silva, 1911.
- “O garoto do calhau”, in *Almanach de Lembranças Madeirense para 1908*, Funchal, Edição Bureau de la Presse, 1907, pp. 118-119.
- SAXE, Carlota de, *Un Hiver à Madère, 1859-1860*, com alguns desenhos à pena, em princípio da autora, Vienne, Imprimerie I. R. de la Cour et de l’Etat, [1863].
- SILVA, José Marmelo e, *Desmudez Uivante*, in *Obra Completa de José Marmelo e Silva - Não aceitei a ortodoxia*, Porto, Campo das Letras, 2002, pp. 567-729.
- SILVA, António Marques da (selecção, tradução e notas de), *Passaram pela Madeira, Textos de autores anglo-saxónicos que visitaram a Ilha (1687-2000)*, Funchal, Empresa Municipal “Funchal 500 Anos”, 2008.
- TACHARD, Guy, *Voyage de Siam des Pères jésuites envoyés par le roi aux Indes et à la Chine avec leurs observations astronomiques, et leurs remarques de physique, de géographie, d’hydrographie et d’histoire*, Livre premier (première partie), 1686. Texto on-line: http://www.memoires-de-stiam.com/relationtachard1_1.html (consultado pela última vez a 24/05/2008)

TEIXEIRA, Maurício Melim, *Pernas Ceifadas*, Funchal, edição do autor, 1975.

VERÍSSIMO, Nelson, “O Santo e a Vizinha”, *Girão*, no 1, *Revista de Temas Culturais do Concelho de Câmara de Lobos*, Vol. II, Câmara Municipal de Câmara de Lobos, 1º semestre 2005, pp. 29-32.

— *Passos na Calçada: Crónicas*, Funchal, Editorial Calcamar, 1998.

VERNE, Júlio, *A Agência Thompson & C.ª*, Primeira parte “A Excursão”, capítulo XIII, tradução de J. B. Pinto da Silva e Diogo do Carmo Reis, Amadora, Livraria Bertrand, s.d.

VILA-MATAS, Enrique, *A Viagem Vertical*. Tradução de José Agosinho Baptista, Lisboa, Assírio & Alvim, 1999.

Bibliografia secundária:

ANDRADE, Irene Lucília, entrevistada por Duarte Cairres para o caderno “Kompleta”, suplemento de *Notícias da Madeira*, de 28 de Julho de 2005.

— “Dia 2 de Abril ou os caminhos da memória activa”, in Leonor Martins Coelho (coord.), “Irene Lucília Andrade: uma voz na margem”, *Margem 2*, n.º 26, Câmara Municipal do Funchal, Maio 2009, pp. 235-237.

ARAGÃO, António, *O Espírito do Lugar - A Cidade do Funchal*, Lisboa, Pedro Ferreira Editor, 1992.

— *Para a História do Funchal - Pequenos Passos da Sua Memória*, Funchal, Edição da Secretaria Regional da Educação e Cultura / Secretaria Regional dos Assuntos Culturais, 1979.

BALANDIER, Georges, *Contorno: Poder e Modernidade*, trad. de Suzana Martins, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1997.

BERMAN, Marshall, *Todo lo Sólido se Desvanece en el Aire. La Experiencia de la Modernidad*, México, Siglo Veintiuno Editores, 1997.

BELLEFLAMME, Guy, “Variations madériennes” (1), *Françophonie Vivante*, n.º 1, Association Charles Plisnier ASBL, Mars 2005, pp. 51-56.

— “Variations madériennes” (2), *Françophonie Vivante*, n.º 2, Association Charles Plisnier ASBL, Juin 2005, pp. 81-96.

BRANCO, Alfredo Freitas (Visconde do Porto da Cruz), *Notas e Apontamentos para a História Literária da Madeira - 1º período (1420-1820)*. vol. I, Funchal, Edição da Câmara Municipal do Funchal, 1949.

— *Notas e Apontamentos para a História Literária da Madeira - 2º período (1820-1910)*, vol. II, Funchal, Edição da Câmara Municipal do Funchal, 1950.

— *Notas e Apontamentos para a História Literária da Madeira - 3º período (1910-1952)*, Vol. III, Funchal, Edição da Câmara Municipal do Funchal, 1951.

BUESCU, Helena Carvalhão, “Três perguntas, várias respostas: formas de Paisagem na Ficção romântica”, *Romãnia*, n.º 10, Revista de Literatura do Departamento de Literaturas Românicas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa “Paisagens”, Lisboa, Colibri, 2001, pp. 101-111.

BURGOS, Jean, “La fabrique du paysage apollinarien”, in *Du paysage apollinarien* – Actes du quinzième colloque de Stavelot (30 août – 1^{er} septembre 1990), textes réunis et présentés par Michel Décaudin, Paris, Lettres Modernes, 1991, pp. 99-123.

CAMACHO, Rui (coord.), *O Funchal na Obra de Max Körner, 1922-1960*, Funchal, Empresa Municipal “Funchal 500 Anos”, 2008.

CANTON, Katia, “As nuances da cidade”, in revista *Bravo!*, Março 2002, ano 5, n.º 54, pp. 49-51.

CARILE, Paolo, “Les récits de voyages protestants dans l’océan Indien au XVIII^e siècle: entre utopie et réalisme”, in Ana Margarida Falcão, Maria Teresa Nascimento e Maria Luísa Leal (orgs.), *Literatura de Viagens: Narrativa, História, Mito*, Lisboa, Edições Cosmos, 1997, pp. 47-58.

CARITA, Rui, “Literatura de Viagens na Madeira”, in Ana Margarida Falcão, Maria Teresa Nascimento e Maria Luísa Leal (orgs.), *Literatura de Viagens: Narrativa, História, Mito*, Lisboa, Edições Cosmos, 1997, pp. 69-83.

CASTELO BRANCO, Maria dos Remédios, “Perspectivas americanas da Madeira”, in *Actas do II Colóquio Internacional de História da Madeira*, [Funchal, 18-23 Setembro 1989], Funchal, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1990, pp. 453-468.

— “As impressões de Jean Moquet sobre o Funchal em 1601”, in *Atlântica*, n.º 11, Funchal, Outubro de 1987, pp. 222-226.

CAUQUELIN, Anne, *Essai de philosophie urbaine*, Paris, PUF, 1982.

CENTENO, Yvette K. et al., *O Imaginário da Cidade*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, ACARTE, 1989.

CENTENO, Yvette K. e Lima de FREITAS (eds.), *A Simbólica do Espaço: Cidades, Ilhas, Jardins*, Lisboa, Estampa, 1991.

CHENET, Françoise, “Du paysage littéraire”, in Michel Collot (dir.), “Sentiment paysage”, revue *Nonveau Recherche: revue trimestrielle de littérature et de critique*, n.º 36, Seyssel, Éditions Champ Vallon, sept.-nov. 1995, pp. 108-116.

COELHO, Leonor Martins, “Para uma leitura de *São coisas tais efeitos só do araso?* de José Viale Moutinho”, in *Mediôtra - Revista de Cultura*, n.º 25, série 3, Viana do Castelo, Centro Cultural do Alto Minho, Outono / Inverno 2010-11, pp. 95-98.

COLLOT, Michel, *Paysage et poésie du romantisme à nos jours*, Paris, José Corti, 2005.

— “Paysage et architecture dans *Les Travailleurs de la mer*”, in Didier Laroque et Baldine Saint-Girons (dir.), *Paysage et ornement – Pour une théorie de l’ornance*, Paris, Éditions Verdier, janv. 2005.

CRISTÓVÃO, Fernando, “Introdução. Para uma teoria da Literatura de Viagens”, in Fernando Cristóvão (ed.), *Condiçõantes Culturais da Literatura de Viagens, Estudos e Bibliografias*, Lisboa, Edições Cosmos / Centro de Literaturas de Expressão Portuguesa da Universidade de Lisboa, 1999, pp. 13-52.

DIMAS, António, “Ambigüidade da crônica: literatura ou jornalismo?”, in *Revista Littera*, n.º 12, Rio de Janeiro, Set.-Dez. 1974, pp. 46-51.

FAIRCÃO, Ana Margarida, “*Crónica Breve da Cidade Anónima – À Hora do Tordo*, de Irene Lucília”, in *Isenba*, n.º 42, Funchal,

Secretaria Regional da Educação e da Cultura / Direcção Regional dos Assuntos Culturais, Janeiro-Junho 2008, pp. 166-169.

— *Um Arquipélago de Escritores Viajantes*, Monografia 14 de um conjunto de 15 para o Pavilhão da Madeira na Expo 98, Lisboa, Edição Edicarte, 1998.

FRANÇA, João, entrevista cedida ao *Diário de Notícias*, Madeira, de 8 de Maio de 1977.

GLISSANT, Édouard, *L'Intention poétique*, Paris, Seuil, 1969.

GOMES, Alberto Figueira, “Figuras típicas madeirenses no romance de ficção”, in *Jornal da Madeira*, “Letras e Artes”, de 1 de Junho de 1980.

GOMES, João dos Reis, *Casas Madeirenses*, obra ilustrada com 3 tricromias e 45 gravuras da autoria de Edmundo Tavares, Funchal, Editorial Eco do Funchal, 1968. [1ª ed. 1937].

HALL, Stuart, “The work of representations”, in Stuart Hall (org.), *Representations – cultural representations and signifying*, 8ª ed., Londres, Sage Publications, 2003, pp. 13-74.

HOECK, Leo, *La marque du titre*, La Haie-Paris-New York, Mouton Publishers, 1981.

JOUBERT, Jean-Louis, “Littérature africaine, littératures nationales : contours et limites”, in *Notre Librairie: Revue des littératures du Sud*, “Identités Littéraires”, n° 155-156, juillet-déc. 2004, pp. 14-18.

LYNCH, Kevin, *A Imagem da Cidade*, Lisboa, Edições 70, 2008.

LOPES, Silvana Rodrigues, *A Legitimação em Literatura*, Lisboa, Edições Cosmos, 1994.

MAINQUENEAU, Dominique, *Le Contexte de l'auteur littéraire*, Paris, Dunod, 1993.

MARINHO, Maria de Fátima, *O Romance Histórico em Portugal*, Porto, Campo das Letras, 1999.

MENDES, José Manuel Melim, *Memórias do Funchal. O Bilhete-Postal Ilustrado até à Primeira Metade do Século XX*, Funchal, edição de autor, 2007.

MILANI, Raffaele, *Esthétique du paysage. Art et Contemplation*, Paris, Actes Sud, 2005.

MOURA, Jean-Marc, *Littératures Francophones et Théorie Postcoloniale*, Paris, PUF, 1999.

MOUREAU, François, “Lumières et ombres portugaises chez des voyageurs français”, in Ana Margarida Falcão, Maria Teresa Nascimento e Maria Luísa Leal (orgs.), *Literatura de Viagens: Narrativa, História, Mito*, Lisboa, Edições Cosmos, 1997, pp. 197-206.

MUMFORD, Lewis, *The city in history: its origins, its transformations and its prospects*, New York, Harcourt, Brace & World, 1961.

NASCIMENTO, João Cabral do, “A arquiduquesa Carlota e as suas Impressões de Viagem”, in *Arquivo Histórico da Madeira*, Vol. 9, Funchal, 1951, pp. 88-101.

NEVES, Margarida de Souza, “Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crónicas cartocças”, in *A Crónica*,

o Gênero, Sua Fixação e Suas Transformações no Brasil, Campinas / Rio de Janeiro, UNICAMP / Fundação Casa Rui de Barbosa, 1992, pp. 75-92.

NORA, Pierre, “Entre Mémoire et Histoire. La problématique des lieux”, in Pierre Nora (dir.), *Les Lieux de mémoire* (dir.), t. 1, *La République*, Paris, Gallimard, 1984, pp. 7 a 15.

OBAM, Venant Félicien, “Paysage exotique et paysage chaotique dans l’œuvre d’António Lobo Antunes”, in Jacqueline Penjon (dir.), *Voies du paysage – Représentations du monde lusophone*, Centre de Recherche sur les Pays Lusophones – CREPAL, Cahier 14, Paris, Presses Sorbonne Nouvelle, 2007, pp. 79-95.

PAGEAUX, Daniel-Henri, *Imagens de Portugal na Cultura Francesa*, trad. de Álvaro Manuel Machado, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1983.

PARK, Robert E. e Ernest W. BURGESS, *The City: Suggestions for Investigations on Human Behavior in the Urban Environment*, com uma introd. de Morris Janowitz, Chicago-London, The University of Chicago Press, 1984. [1ª ed. 1925]

PIKE, Burton, *The Image of the City in Moderne Literature*, Princeton (N.J.), Princeton University Press, 1981.

PIMENTEL, Diana, “Espelho, espectro, estójo: sobre a possibilidade de uma anamnese comunitária”, (prefácio) in José Viale Moutinho, *Parana para Isabella de França*, Porto, Edições Afrontamento, 2007, pp. 5-12.

PINHEIRO, Joaquim, “Foncials Civitas Nobilissima”, in Thierry Proença dos Santos (coord.), “Viver (n) o Funchal”,

Margem 2, n.º 25, Funchal, E. M. “Funchal 500 anos”, Dezembro 2008, pp. 113-118.

PINTO, João Rocha, “Reflexões em torno do código de Leonardo Tortiani Cremonese ou uma certa visão da Madeira ou da Real importância de um autor e de uma obra”, “Apêndices” in *Actas do II Colóquio Internacional de História da Madeira*, [Funchal, 18-23 Setembro 1989], Funchal, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1990, pp. 973-991.

PINTO-CORREIA, João David, “O imaginário do Funchal – Notas pessoais para um oportuno testemunho”, in Thierry Proença dos Santos (coord.), “Viver (n) o Funchal”, *Margem 2*, n.º 25, Funchal, Câmara Municipal do Funchal, Dezembro 2008, pp. 11-21.

— “Festas, romarias e arraiais: ocorrências maiores na tradição madeirense”, in Carlos Guardado da Silva (ed.), *Histórias das Festas – Torres Vieras – VIII*, Edições Colibri – Câmara Municipal de Torres Vedras – Instituto Alexandre Herculano, Maio 2006, pp. 157-168.

RADULET, Cármen M., “Açores, Madeira e Canárias, Cenário «Exótico» para um romance de Júlio Verne: *A Agência Thompson & C.ª*”, in *Actas do II Colóquio Internacional de História da Madeira*, [Funchal, 18-23 Setembro 1989], Funchal, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1990, pp. 1027-1036. [separata]

RIBEIRO, João Adriano, “A Madeira na literatura de viagens francesa (1600-1652)”, in Ana Margarida Falcão, Maria Teresa

Nascimento e Maria Luísa Leal (orgs.), *Literatura de Viagens: Narrativa, História, Mito*, Lisboa, Edições Cosmos, 1997, pp. 239-248.

RODRÍGUEZ FERNÁNDEZ, Gabriela, “La ciudad como sede de la imaginación distópica: literatura, espacio y control”, in *Geo Crítica / Scripta Nova. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales*. Barcelona: Universidad de Barcelona, 15 de enero de 2005, vol. IX, núm. 181. <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-181.htm>> (consultado pela última vez a 22/02/2011)

RONCARI, Luiz, “A estampa da rotativa na crônica literária”, in *Boletim Bibliográfico da Biblioteca Mário de Andrade*, vol. 46, nº 1-4, Jan.-Dez. 1985, pp. 9-16.

SANSOT, Pierre, *Poétique de la ville*, Paris, Méridiens Klincksieck, 1984.

SANT’ANNA, Afonso Romano de, *Barroco: do Quadrado à Elipse*, Rio de Janeiro, Rocco, 2000.

SANTOS, Thierry Proença dos, “L’image de Funchal dans l’œuvre d’Hóracio Bento de Gouveia”, in Jacqueline Penion (dir.), *Voies du paysage – Représentations du monde lusophone*, Centre de Recherche sur les Pays Lusophones – CREPAL, Cahier 14, Paris, Presses Sorbonne Nouvelle, 2007, pp. 195-212.

SARDUY, Severo, “O Barroco e o Neobarroco”, in César Fernández Moreno (org.), *América Latina em Sua Literatura*, São Paulo, Ed. Perspectiva, 1979.

SEIXO, Maria Alzira, “1. Poéticas da Viagem na Literatura” in Maria Alzira Seixo (dir.), *Poéticas da Viagem na Literatura*, Lisboa, Edições Cosmos, 1998, pp. 9-40.

SILVA, António Carvalho da, “A Madeira: de esguina do mundo a princesa encantada — uma leitura do conto “A Princesa Encantada”

de José Viale Mouinho” in *Revista... à Beira*, nº 3, Covilhã, Departamento de Letras da Universidade da Beira Interior, 2004, pp. 173-189.

— “Homens eternos no Funchal: ‘impressões da leitura’ de “Pavana para Isabella de França” de José Viale Mouinho por um leitor d’*A Mão de Sangue*”, in *Isenba*, nº 29, Funchal, Direcção Regional dos Assuntos Culturais, Jul.-Dez. 2001, pp. 16-24.

— “Introdução histórico-literária à 3ª edição” in *A Mão de Sangue - Romance*, de João Augusto de Ornelas, Funchal, Editorial Calcamar, 1997, pp. 5-14.

SILVA, António Ribeiro Marques da, “A Madeira na II Guerra Mundial: uma guerra epidérmica?”, in *Isenba*, nº 20, Funchal, Secretaria Regional do Turismo e da Cultura / Direcção Regional dos Assuntos Culturais, Jan.-Jun. 1997, pp. 69-72.

SILVA, Pe. Fernando Augusto da e Carlos Azevedo de MENESES, *Elucidário Madeirense*, 3 vols., Funchal, Secretaria Regional do Turismo e da Cultura / Direcção Regional dos Assuntos Culturais, 1998. [fac-símile da ed. de 1940-1946]

SILVA, Vicente Jorge, “Colombo e Sissi, pistas para uma descoberta”, in Maurício Abreu (ed.), *Madeira — Porto Santo*, Setúbal, edição de Maurício Abreu - Victor Figueiredo, 1993.

SILVA, Vítor Manuel Aguiar e, *Teoria da Literatura*, Coimbra, Livraria Almedina, 1984.

STEPHAN, Isabel, BORGES, Ângela e Rui CARITA, *Antologia Literária — Madeira — sécs. XVII e XVIII*, Funchal, Secretaria Regional da Educação, 1987.

— *Antologia Literária — Madeira — sécs. XV e XVI*, Funchal, Secretaria Regional da Educação, 1986.

TEIXEIRA, Mónica, *Tendências da Literatura na Ilha da Madeira nos Séculos XIX e XX*, Funchal, Edição Centro de Estudos da História do Atlântico, 2005.

VENTURA, António, “Napoleão na Madeira”, (prefácio) in Paulo Miguel Rodrigues, *A Política e as Questões Militares na Madeira – O Período das Guerras Napoleónicas*, Funchal, Região Autónoma da Madeira, Secretaria Regional do Turismo e Cultura, Centro de Estudos de História do Atlântico, 1999, pp. 15-19.

VERÍSSIMO, Nelson, *Relações de Poder na Sociedade Madeirense do Século XVII*, Funchal, Região Autónoma da Madeira, 1999.

VIEIRA, Alberto, “Os Italianos na Madeira: séculos XV-XVII”, in *Argumêlago (História)*, *Revista da Universidade dos Açores*, 2.ª série, Vol. III, Ponta Delgada, 1999, pp. 11-27.

— *Guia para a História e Investigação das Ilhas Atlânticas*, Madeira, Secretaria do Turismo e da cultura / Centro de Estudos da História do Atlântico, 1995.

— “As Cidades Atlânticas e a história das Ciências e Técnicas. Séc. XV-XX”, Ceba-Madeira, texto on-line: <http://alb.alberto.googlepages.com/ASCIDADESATLNTICAS.pdf>. (consultado pela última vez a 22/11/2007).

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS DOS AUTORES



Ana Isabel MONIZ é Professora

Auxiliar do Centro de Competência de Artes e Humanidades da Universidade da Madeira, onde tem leccionado disciplinas com incidência na literatura e na cultura portuguesa e europeia, moderna e contemporânea, no âmbito de cursos de Licenciatura, bem como dos estudos Pós-graduados. Leccionou, também, diversos seminários de Literatura e Cultura Portuguesa em Espanha (Universidade Autónoma de Madrid e Universidade de Alcalá) e em França (Paris X – Nanterre e Université Blaise Pascal, em Clermont-Ferrand).

É membro do Centro de Estudos Comparatistas (CEC), da Universidade de Lisboa, encontrando-se a desenvolver o Pós-doutoramento sobre a Viagem e Utopia na Literatura Contemporânea, projecto apoiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) do Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior.

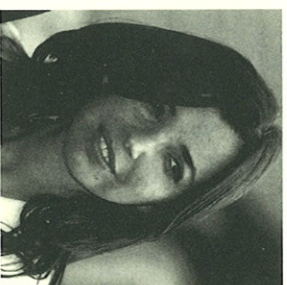
Tem co-organizado, anualmente, reuniões científicas nacionais e internacionais nas áreas privilegiadas pela sua investigação. É autora de diversas publicações nacionais e internacionais.



Ana Margarida FALCÃO é

Professora na Universidade da Madeira, onde se doutorou na especialidade de Teoria da Literatura / Literatura Portuguesa, com defesa da dissertação intitulada *Os Novos Shânanes – um Contributo para o Estudo da Narratividade na Poesia Portuguesa*

mais Recente. Tem participado e/ou coorganizado anualmente Colóquios e Seminários e publicado textos críticos e textos literários. Colaboradora regular de programas da RTP-M, RTP-I e RDP-M, bem como de revistas da especialidade, entre as quais *O escritor, Dedalus e Isenba*, da qual foi directora da secção literária. A sua escrita está ainda presente em diversas antologias de narrativa e de poesia, algumas das quais traduzidas para francês, italiano e húngaro, tendo co-organizado *Literatura de Viagem – Narrativa, História, Mito* (ensaios, 1998) e publicado *Um Arquipélago de Escritores-Vigilantes* (monografia, Expo/98), *Z de Zacarias* (Ponta Delgada, 1991) e *Olarço ou o percurso de um habitante* (conto/s, Funchal, 1995).



Leonor Martins COELHO é

Professora Auxiliar na Universidade da Madeira. Lecciona Estudos Interculturais (2º Ciclo), Diálogos Interculturais: Representações Francesas na Cultura Europeia e Cultura Portuguesa Contemporânea (1º Ciclo). É Doutorada em

Estudos Interculturais (*A experiência ficcional de Gérard Aké Loba: utopia e construção da identidade pós-colonial*). É membro do Centro de Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras da Universidade de

Lisboa. Organizou a revista *Margem 2*, nº 26, subordinada ao tema *Irene Lúclia Andrade: uma voz na Margem* (Departamento da Cultura, Câmara Municipal do Funchal, 2009, 263 págs.). Co-organizou a antologia, *Crónica Madeirense, 1900--2006*, (Porto, Campo das Letras, 2007, 410 págs.). Participa regularmente em Congressos Internacionais com estudos na área dos estudos pós-coloniais francófonos (Gérard Aké Loba, Sembène Ousmane e Alain Mabandkou). Na área da Literatura Portuguesa Contemporânea tem vindo a desenvolver investigação, publicando ensaios sobre Camilo Pessanha, António Aragão, José Viale Moutinho e José Agostinho Baptista. Prepara, em co-autoria, um estudo subordinado ao tema *A literatura de recepção infanto-juvenil na Ilha da Madeira: percursos e discursos*.



Thierry Proença dos SANTOS

é Professor Auxiliar da Universidade da Madeira, desde 2007. É doutorado em Linguística Aplicada. É membro do *Centro de Tradições Populares Portuguesas - "Prof. Manuel Viegas Guerreiro"* (F.L. U.L.).

Tem vindo a desenvolver pesquisas e estudos sobre produções culturais e literárias na ilha da Madeira. Participou nos seguintes projectos editoriais: *Crónica Madeirense (1900-2006)*, antologia organizada por Fernando Figueiredo, Leonor Martins Coelho e Thierry Proença dos Santos, Campo das Letras, Porto, 2007; e *dépois? sobre cultura na Madeira*, actas do ciclo de conversas com postfácio dos organizadores, em co-autoria com Ana Isabel Moniz e Diana Pimentel, Universidade da Madeira, Funchal, 2005; e *Narrativas Contemporâneas da Madeira*, antologia bilingue português-francês, em co-autoria com Isabel

Baão dos Santos e João Paulo Tavares, Secretaria Regional da Educação, Funchal, 1997. Coordenou o livro *Leituras e Afectos: uma Homenagem à Maria Aurora Carvalho Homem*, Exodius, V.N. Gaia, 2010, e o número especial da revista *Margem* 2, n.º 25, Dezembro 2008, Câmara Municipal do Funchal, dedicado ao tema “Viver (n) o Funchal”. Preparou a edição do romance *Canga* de Horácio Bento de Gouveia (com introdução e estabelecimento do texto por Thierry Proença dos Santos), E.M. 500 Anos do Funchal, 2008. Publicou a monografia *Comeres e Beberes Madeirenses em Horizonte Bento de Gouveia*, Campo das Letras, Porto, 2005. Participa regularmente em congressos e não descarta a intervenção cultural (apresentação de livros, participação em júris de concursos literários, colaboração com a comunicação social e com as escolas). De Novembro de 2009 a Maio de 2010 colaborou, na qualidade de convidado residente, no programa televisivo da RTP-Madeira “Cá Nada” de Maria Aurora Carvalho Homem, sobre usos linguísticos madeirenses com parte ficcionada e debate.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	7
1. O FUNCHAL NA NARRATIVA LITERÁRIA E NA CRÓNICA, por Ana Isabel Moniz e Thierry Proença dos Santos	11
I – Cartografia literária do Funchal: entre o real e o imaginário.....	13
1. Da História à Ficção.....	13
2. Imagens emblemáticas da Cidade.....	29
2.1. Espaços de socialização	37
2.2. Cartografias da Cidade: ruas e bairros	45
II – Quadros da realidade funchalense do séc. XX aos nossos dias ...	51
1. Figuras, cenas e lugares do quotidiano	53
2. Paisagem urbana: memória, identidade e consciência crítica	64

